



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – **DRAMATURGIA**

A Direção da **SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco**, representada pela **ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça**, no uso de suas prerrogativas e atribuições legais, **CONVOCA** todas/os as/os candidatas/os selecionadas/os nas Avaliações do Primeiro Momento do Processo Seletivo Online – Segundo Semestre de 2021 e relacionadas/os neste Edital, para realização das **AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO – LINHA DE ESTUDO: DRAMATURGIA**.

A/O candidata/o deverá observar as normas e os procedimentos específicos, bem como as datas e horários de realização das atividades propostas, relacionados no **Anexo I** deste **Edital de Convocação para Realização das Avaliações Específicas – Linha de Estudo Dramaturgia**, a ser divulgado nos sites www.spescoladeteatro.org.br e www.institutomais.org.br, na data prevista de **15 de junho de 2021**.

As Avaliações do Segundo Momento serão realizadas de forma *online*, sendo que a/o candidata/o deverá ter acesso ao computador com câmera de vídeo ou aparelho celular com câmera de vídeo para gravação de vídeos e/ou outras atividades a serem propostas.

Atenção: A/O candidata/o deverá manter atualizado o seu número de telefone celular com aplicativo *WhatsApp* para recebimento de vídeos chamadas para realização das Entrevistas do Segundo Momento, bem como o seu endereço eletrônico (*e-mail*).

Havendo o envio de mais de um e-mail contendo os endereços dos links de gravação dos vídeos no Youtube ou dos documentos a serem enviados pelas/os candidatas/os, considerar-se-á para fins de avaliação o último e-mail enviado pela/o candidata/o.

O **Instituto Mais** e a **SP Escola de Teatro** não se responsabilizam pelo não recebimento de vídeo e/ou vídeos chamadas não recebidas e/ou e-mails não recebidos por motivos de ordem técnica dos celulares ou computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, falta de energia elétrica, bem como outros fatores de ordem técnica que possam impossibilitar a transferência de dados.



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

AVALIAÇÕES DO SEGUNDO MOMENTO

O Segundo Momento consistirá em procedimentos específicos de aptidão e outras habilidades próprias de cada Linha de Estudo, envolvendo aulas, processos de criação e possíveis novas entrevistas, constante do **Anexo I**, deste Edital.

As avaliações específicas do Segundo Momento serão eliminatórias e classificatórias, definindo o grupo de candidatas/os aprovadas/os no Processo Seletivo Online – Segundo Semestre de 2021.

CANDIDATAS/OS APROVADAS/OS NO SEGUNDO MOMENTO

A relação das/os candidatas/os aprovadas/os no Processo Seletivo Online – Segundo Semestre de 2021, será divulgada nas recepções da **SP Escola de Teatro**, bem como nos sites www.spescoladeteatro.org.br e www.institutomais.org.br, na data prevista de **08 de julho de 2021, a partir das 17h00**.

DIVISÃO DAS/OS CANDIDATAS/OS PARA AS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO

A seguir, neste Edital, a/o candidata/o encontrará as atividades a serem realizadas e as datas de entrega de cada atividade, bem como a relação das/os candidatas/os convocadas/os para as Entrevistas do Segundo Momento – Linha de Estudo Dramaturgia, contendo datas e horários.

A ausência nas avaliações do Segundo Momento eliminará a/o candidata/o do Processo Seletivo Online – Segundo Semestre de 2021.

A/O candidata/o deverá observar também as normas e os procedimentos para realização do Segundo Momento, contidos no Edital do Processo Seletivo Online – Segundo Semestre de 2021.

E, para que ninguém possa alegar desconhecimento, é expedido o presente **Edital de Convocação para as Avaliações Específicas do Segundo Momento – Linha de Estudo Dramaturgia**.

São Paulo/SP, 15 de junho de 2021.

SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco

P A R C E R I A C O M :





Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

ANEXO 1

ATENÇÃO:

A SEGUIR, CONSTA A RELAÇÃO DAS/OS CANDIDATAS/OS CONVOCADAS/OS PARA AS **AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO**, LINHA DE ESTUDO – **DRAMATURGIA**, COM AS ATIVIDADES PROPOSTAS E DATAS E HORÁRIOS DE ENVIO E/OU REALIZAÇÃO

LINHA DE ESTUDO DE **DRAMATURGIA** SEGUNDO MOMENTO

O segundo momento consiste em **03 (três)** trabalhos:

1. Assistir a um vídeo (espetáculo) e escrever sobre o material assistido;
2. Escrever uma Cena Curta, sobre um tema que será proposto; e
3. Ler uma peça escolhida entre três que serão enviadas e escrever uma reflexão sobre ela.

Os três textos não deverão ultrapassar uma lauda. Confira as informações e fiquem bastante atentas/os.

Nosso obrigado!

1ª ETAPA

VÍDEO/AULA

1. Assistir ao espetáculo publicado no seguinte endereço do Youtube:

“Por Elise” de Grace Passô – <https://www.youtube.com/watch?v=HZaQKuS7ogA>

Atenção: copiar link e colar.

2. Elaborar uma reflexão sobre o que foi assistido no vídeo (uma lauda, fonte Arial 12 e espaço 1,5, com ou sem título).

Perguntas – provocação para a escrita deste texto:

- a. Sobre que fala a peça?
- b. Quais os sentimentos e as sensações que o espetáculo provoca?

**IMPORTANTE: VOCÊ DEVERÁ ENTREGAR O RESULTADO DO EXERCÍCIO PROPOSTO
NO PERÍODO DE 16 A 20 DE JUNHO DE 2021.**



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

2ª ETAPA

ESCRITA DE UMA CENA CURTA

DEVERÁ SER REALIZADA

NO DIA 19 DE JUNHO DE 2021 – 14h00

1. Será publicado no dia **19 de junho de 2021**, às **14h00**, o tema a ser desenvolvido pela/o candidata/o. Para acessar a proposta, a/o candidata deverá seguir as seguintes orientações:

Acessar o *site* do **IMAI** www.institutomais.org.br, através do link a ser disponibilizado em sua **Área Restrita**.

Divulgação das Instruções e do Tema para a Escrita de uma Cena Curta: 14h00.

Tempo de Duração para o desenvolvimento: 04h00.

Término da Avaliação: Até às 18h00 (limite de horário para enviar a Escrita de uma Cena Curta)

IMPORTANTE: SERÃO AVALIADOS NESTA ETAPA OS SEGUINTE QUESITOS: PERCEPÇÃO CRÍTICA; CRIATIVIDADE; CONCATENAÇÃO DE IDEIAS E DOMÍNIO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

3ª ETAPA

LEITURA DE UMA PEÇA

1. Escolha para a leitura, uma entre as três peças teatrais relacionadas abaixo (os arquivos estarão à disposição das/os candidatas/os, em anexo – PDF):

- **Antígona, de Sófocles.**
- **A Gaivota, de Tchekov.**
- **Refluxo, de Ângela Ribeiro.**

Acessar os textos em anexo, em PDF.

2. Elaborar um texto desenvolvendo uma reflexão sobre o conteúdo e a forma da peça (uma lauda, fonte Arial 12 e espaço 1,5, com ou sem título).

IMPORTANTE: VOCÊ DEVERÁ ENTREGAR O RESULTADO DO EXERCÍCIO PROPOSTO NO PERÍODO DE 16 A 20 DE JUNHO DE 2021.



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

4ª ETAPA

ORIENTAÇÕES

ENTREGA DOS TRABALHOS PARA A BANCA DE AVALIAÇÃO

De 16 a 20 de junho de 2021

1. Você deverá organizar um arquivo, contendo os textos das 1ª e 3ª Etapas.

a. Salvar em PDF os textos da 1ª e 3ª Etapas, em um único arquivo, de acordo com as seguintes instruções:

Na capa do trabalho:

- Nome da/o candidata/o:
- Número de inscrição:
- Número do RG:
- Horário desejado para cursar Linha de Estudo:
() matutino () vespertino

2. **ATENÇÃO** – o material deverá ser enviado até o dia **20 de junho de 2021** para o seguinte e-mail: dramaturgia@imais.org.br

3. Considerando o seguinte:

3.1 - ASSUNTO: PROCESSO SELETIVO DE DRAMATURGIA – JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O

EXEMPLO: PROCESSO SELETIVO DE DRAMATURGIA – LUISA ANTONIA PINHEIROS

NO CORPO DO E-MAIL ESCREVER:

**À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Dramaturgia,
Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo
– Segundo Semestre de 2021.**

DEPOIS INFORMAR:

O seu nome completo, número de inscrição e número do documento de identidade, conforme exemplo abaixo:

EXEMPLO:

**À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Dramaturgia,
Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo
– Segundo Semestre de 2021**

**LUISA ANTONIA PINHEIROS
NÚMERO DE INSCRIÇÃO – 033579
RG – 45.567.890-3**



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

5ª ETAPA

ENTREVISTAS POR WHATSAPP

NOS DIAS 24 E 25 DE JUNHO DE 2021

1. Todas/os candidatas/os que **realizaram as etapas anteriores e entregaram os trabalhos de acordo com as orientações dadas**, serão novamente entrevistadas/os de acordo com a organização abaixo:

GRUPO 1

Data: 24/06/2021

Horário: 14h00 ÀS 18h00

Nº INSCRIÇÃO	NOME DA/O CANDIDATA/O	Nº DOCUMENTO
0388000820	ABÍLIO LOURENÇO DA SILVA NETO	4925731
0388000827	ANTONIO VICTOR SIMAS SANTOS DE SANTANA	1349025640
0388000828	ARTHUR DOS SANTOS BARBOSA	MG18815777
0388000829	BÁRBARA RAFAELA BORGES DE MATOS	08777194624
0388000831	BIANCA MEULEMANS BELLUOMINI SANTOS	546247702
0388000841	DANILO RIBEIRO STAVALE	395795485
0388000845	EDUARDA VIANA FERNANDES	MG 19 243 513
0388000846	ELISA GIANNELLA	50024388-8
0388000851	GABRIEL DOS SANTOS CARVALHO	1559554118
0388000858	IGOR ANDRADE PINTO DA CUNHA	280929712
0388000859	INDIARA NICOLETTI RAMOS	309501386
0388000863	JOÃO ALBERTO HANNUCH NASCIF	503444170
0388000864	JORGE ALVES MAGALHAES NETO	295446082
0388000865	KELLY PRISCILA RODRIGUES DE FREITAS	376670605
0388000870	LUCAS RODRIGUES DE SOUZA	268135175

SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP
11 3121.3200

SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP
11 3775.8600



/SPESCOLADETEATRO



@ESCOLADETEATRO

WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

GRUPO 2

Data: **25/06/2021**

Horário: **14h00 ÀS 18h00**

Nº INSCRIÇÃO	NOME DA/O CANDIDATA/O	Nº DOCUMENTO
0388000871	LUCAS SEREDA SILVA	216967372
0388000872	LUCIANA ESPOSITO MITIDIERO	43538116-7
0388000875	LUIZA PAIVA BERNARDES	442390014
0388000877	MANUEL VICTOR DOS SANTOS PEREIRA	430138519
0388000882	MARIANA RIBEIRO DOS SANTOS	38230701x
0388000886	MAXIMILIANO FARIAS	102942590
0388000890	PATRÍCIA DE SÁ OLIVEIRA FRANCO	1406631000
0388000891	PAULA BIANCHINI COLONTONIO	37.574.748-X
0388000892	PIETRO TUPINAMBA FLORIANO MIRANDEZ	337172705
0388000893	RAQUEL MACHADO MORET CAMPELO	392091872
0388000902	SOPHIA BEATRIZ FERREIRA CARDOSO DA SILVA	1408326
0388000903	SUZANA GUINSBURG SALDANHA	111897579
0388000905	THAISE ARIENE DE OLIVEIRA VIEIRA	477447405
0388000906	VALÉRIA CRISTINA DE SOUZA LIMA	6209806
0388000908	VICENTE MARTOS MOREIRA	438435680

6ª ETAPA

ENVIO DE UMA FOTO

DE 16 A 20 DE JUNHO DE 2021

para o e-mail – dramaturgia@imais.org.br

FOTO DE PERFIL DAS/OS CANDIDATAS/OS

As/Os candidatas/os precisam enviar uma foto de rosto, no estilo 3x4, com fundo branco (de preferência), nos formatos JPG. ou PNG.

A foto precisa ser nítida e de qualidade, para que a identificação seja feita facilmente.

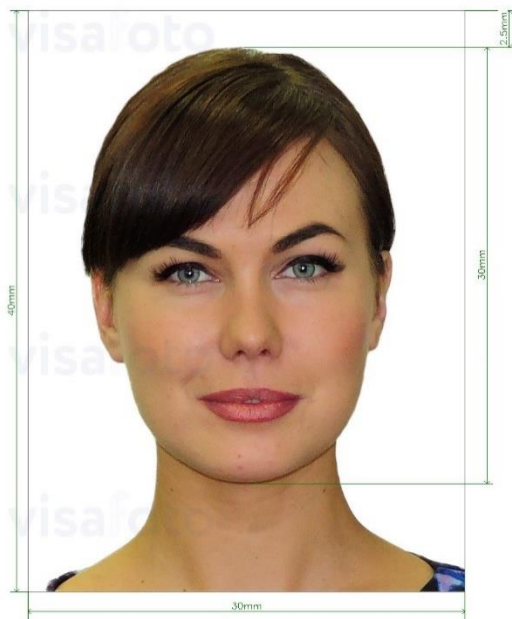
É permitido sorrir e serão aceitas imagens de diferentes tipos de câmeras, contanto que estejam nítidas e com qualidade.

O corte máximo que pode ser feito na foto é de 3x4 seguindo essas orientações. Fotos mais afastadas serão permitidas.

Confira um exemplo de enquadramento abaixo:



PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021



As fotos devem ser enviadas por e-mail para dramaturgia@imais.org.br, até o dia **20 de junho de 2021**.

No espaço reservado ao **Assunto**, a/o candidata/o escreverá o seguinte:

FOTO – CANDIDATA/O DRAMATURGIA – JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O

EXEMPLO:

FOTO (CANDIDATA) – DRAMATURGIA – LUISA ANTONIA PINHEIROS

NO CORPO DO E-MAIL ESCREVER:

**À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Dramaturgia,
Segue a foto solicitada para o Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2021.**

DEPOIS INFORMAR:

O seu nome completo, número de inscrição e o número do documento de identidade, conforme exemplo abaixo:

EXEMPLO:

**À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Dramaturgia,
Segue a foto solicitada para o Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2021**

**LUISA ANTONIA PINHEIROS
NÚMERO DE INSCRIÇÃO – 033579
RG – 45.567.890-3**

Esta foto será utilizada pela **SP Escola de Teatro** e **IM AIS** para a publicação das/os classificadas/os e selecionadas/os no Processo Seletivo do Segundo Semestre de 2021.

EXPRESSO
ZAHAR



Uma tragédia grega

ANTÍGONA

Sófocles

SÓFOCLES

ANTÍGONA

Tradução do grego
MÁRIO DA GAMA KURY



SUMÁRIO

ANTÍGONA
Notas

ANTÍGONA

Época da ação: idade heroica da Grécia.

Local: Tebas.

Primeira representação: 441 a.C., em Atenas (data aproximada).

PERSONAGENS

ANTÍGONA } filhas de Édipo e de Jocasta
ISMENE }

CREONTE, rei de Tebas como sucessor de Édipo, e irmão de Jocasta.

GUARDA

HÊMOM, filho de Creonte e de Eurídice

TIRÉSIAS, adivinho

EURÍDICE, mulher de Creonte

PRIMEIRO MENSAGEIRO

SEGUNDO MENSAGEIRO

CORO de anciãos tebanos

FIGURANTES MUDOS

CRIADOS

CRIADAS

GUARDAS

MENINO, guia de Tirésias

Cenário

O frontispício do palácio real, na ágora de Tebas, onde reina CREONTE. Nasce o dia seguinte à derrota dos argivos comandados por POLINICES, que haviam iniciado a fuga na noite expirante. Estão em cena ANTÍGONA e ISMENE.

ANTÍGONA

Minha querida Ismene, irmã do mesmo sangue,
conheces um só mal entre os herdados de Édipo
que Zeus¹ não jogue sobre nós enquanto vivas?
Não há, de fato, dor alguma, ou maldição,
afronta ou humilhação que eu não esteja vendo 5
no rol das tuas desventuras e das minhas.
Já tens conhecimento do decreto novo
que o rei, segundo dizem, promulgou agora
e mandou publicar pela cidade inteira?
Já te falaram dele, ou tu não vês ainda 10
os males que ameaçam os amigos nossos,
premeditados pelos nossos inimigos?

ISMENE

Sobre os amigos não ouvi notícia alguma,
Antígona, fosse agradável, fosse triste,
desde que nos levaram nossos dois irmãos 15
mortos no mesmo dia um pela mão do outro.
Já desapareceram os soldados de Argos
durante a noite recém-findada, e mais não sei,
nem mesmo se sou mais feliz ou infeliz.

ANTÍGONA

Eu já previa e te chamei aqui por isso;
apenas tu irás ouvir-me e mais ninguém.

20

ISMENE

Que há? Estás inquieta com as más notícias?

ANTÍGONA

Pois não ditou Creonte que se desse a honra
da sepultura a um de nossos dois irmãos
enquanto a nega ao outro? Dizem que mandou
proporcionarem justos funerais a Etéocles
com a intenção de assegurar-lhe no além-túmulo
a reverência da legião dos mortos; dizem,
também, que proclamou a todos os tebanos
a interdição de sepultarem ou sequer
chorarem o desventurado Polinices:
sem uma lágrima, o cadáver insepulto
irá deliciar as aves carniceiras
que hão de banquetear-se no feliz achado.
Esse é o decreto imposto pelo bom Creonte
a mim e a ti (melhor dizendo: a mim somente);
vê-lo-ás aparecer dentro de pouco tempo
a fim de alardear o edito claramente
a quem ainda o desconhece. Ele não dá
pouca importância ao caso: impõe aos transgressores
a pena de apedrejamento até a morte
perante o povo todo. Agora sabes disso
e muito breve irás tu mesma demonstrar
se és bem-nascida ou filha indigna de pais nobres.

25

30

35

40

ISMENE

Mas, nessas circunstâncias, infeliz irmã,

45

teria eu poderes para te ajudar
a desfazer ou a fazer alguma coisa?

ANTÍGONA

Decide se me ajudarás em meu esforço.

ISMENE

Em que temeridade? Qual a tua ideia?

ANTÍGONA

Ajudarás as minhas mãos a erguer o morto?

50

ISMENE

Vais enterrá-lo contra a interdição geral?

ANTÍGONA

Ainda que não queiras ele é teu irmão
e meu; e quanto a mim, jamais o trairei.

ISMENE

Atreves-te a enfrentar as ordens de Creonte?

ANTÍGONA

Ele não pode impor que eu abandone os meus.

55

ISMENE

Pobre de mim! Pensa primeiro em nosso pai,²
em seu destino, abominado e desonrado,

cegando os próprios olhos com as frementes mãos
ao descobrir os seus pecados monstruosos;
também, valendo-se de um laço retorcido, 60
matou-se a mãe e esposa dele — era uma só —
e, num terceiro golpe, nossos dois irmãos
num mesmo dia entremataram-se (coitados!),
fraternas mãos em ato de extinção recíproca.
Agora que restamos eu e tu, sozinhas, 65
pensa na morte inda pior que nos aguarda
se contra a lei desacatarmos a vontade
do rei e a sua força. E não nos esqueçamos
de que somos mulheres e, por conseguinte,
não poderemos enfrentar, só nós, os homens. 70
Enfim, somos mandadas por mais poderosos
e só nos resta obedecer a essas ordens
e até a outras inda mais desoladoras.
Peço indulgência aos nossos mortos enterrados
mas obedeço, constrangida, aos governantes; 75
ter pretensões ao impossível é loucura.

ANTÍGONA

Não mais te exortarei e, mesmo que depois
quisesses me ajudar, não me satisfarias,
Procede como te aprouver; de qualquer modo 80
hei de enterrá-lo e será belo para mim
morrer cumprindo esse dever: repousarei
ao lado dele, amada por quem tanto amei
e santo é o meu delito, pois terei de amar
aos mortos muito, muito tempo mais que aos vivos.
Eu jazerei eternamente sob a terra 85
e tu, se queres, foge à lei mais cara aos deuses.

ISMENE

Não fujo a ela; sou assim por natureza;
não quero opor-me a todos os concidadãos.

ANTÍGONA

Alega esses pretextos, mas não deixarei
sem sepultura o meu irmão muito querido.

90

ISMENE

Ah! Infeliz! Quanta preocupação me causas!

ANTÍGONA

Não debes rezear por mim; cuida de ti!

ISMENE

Ao menos não reveles a ninguém teus planos;
oculta-os bem contigo e eu farei o mesmo.

ANTÍGONA

Não faças isso! Denuncia-os! Se calares,
se não contares minhas intenções a todos,
meu ódio contra ti será maior ainda!

95

ISMENE

Ferve o teu coração pelo que faz gelar!

ANTÍGONA

Mas dou satisfação àqueles que, bem sei,
tenho o dever de, mais que a todos, agradecer.

100

ISMENE

Se houvesse meios... Mas desejas o impossível.

ANTÍGONA

Quando sentir faltar-me a força, pararei.

ISMENE

Mas o impossível não se deve nem tentar.

ANTÍGONA

Falando dessa forma ganharás meu ódio
e te exporás a ser odiada pelo morto
eterna e justamente. Deixa-me enfrentar,
nesta loucura apenas minha, esses perigos;
assim me livro de morrer envergonhada.

105

ISMENE

Se crês que deves, vai, mas parte com a certeza
de que apesar de agires insensatamente
és verdadeira amiga para teus amigos.

110

Saem ANTÍGONA e ISMENE em direções opostas. Entra o CORO.

CORO

Raio de sol, mais bela claridade
já vista em Tebas,³ a de sete portas,
brilhaste finalmente, olho do dia,
pairando sobre o manancial de Dirce.⁴
Puseste em fuga o célere guerreiro
de escudo branco, que viera de Argos

115

com toda a sua presunção marcial
disposto a conquistar a nossa terra;
persuadido pela fala ambígua 120
de Polinices, como se águia fora
precipitou-se em direção à terra
gritando forte e assustadoramente,
coberto com plumagem cor de neve,⁵
profusamente armado e protegido 125
com o elmo ornado de ondulante crina.
Sobrevoou hiante as nossas casas
e corvejou no umbral das sete portas
brandindo espadas ávidas de morte,
mas teve de voltar sem que as mandíbulas 130
fartasse em nosso sangue e que os archotes
resinosos de Hefesto consumissem⁶
a coroa de torres da cidade,
tão pavoroso foi em suas costas
o estrondo de Ares,⁷ oponente invicto 135
dos inimigos do dragão tebano.⁸
Zeus, em verdade, odeia mais que tudo
a presunção das línguas atrevidas
e ao vê-los vir, numa torrente imensa,
na ostentação de suas muitas armas 140
douradas, fulminou com labaredas
aquele que se imaginava prestes
a proclamar vitória em sua meta
— o topo das muralhas da cidade.
Golpeado, ele se projetou no chão 145
estrepitosamente, segurando
ainda a tocha acesa em sua mão,
ele que havia pouco, delirante
de ardor insano se precipitara
impetuosamente contra nós, 150
movido por seu ódio tormentoso.

Seus golpes, todavia, não trouxeram
os resultados esperados; antes,
a cada um dos outros inimigos
o deus da guerra, sempre ao nosso lado, 155
impôs o seu destino, semeando
em torno deles todos o extermínio.
Nas sete portas, enfrentando os nossos,
seus sete chefes foram derrotados,
deixando as armas de maciço bronze 160
como tributo a Zeus — árbitro único
da decisão de todas as batalhas —,
exceto aqueles dois infelizes
nascidos de um só pai e uma só mãe,
que um contra o outro ergueram as espadas, 165
ambos irresistíveis, para enfim
compartilharem uma mesma morte.
Mas a Vitória de glorioso nome
está conosco agora e rejubila-se
com Tebas, dona de incontáveis carros; 170
hoje devemos esquecer a guerra
apenas finda; visitemos logo,
em meio a danças que entrem pela noite,
os templos, um por um, de nossos deuses.
E seja Baco⁹ o nosso condutor, 175
ele, que faz tremer o chão de Tebas!

Aproxima-se CREONTE acompanhado de guardas.

Vejo, porém, já próximo de nós,
o novo rei, filho de Meneceu,
senhor da terra após as provações
que há pouco tempo os deuses nos mandaram. 180
Alguma preocupação o move,
pois em convocação geral nos chama,
a nós anciãos, para deliberar.

CREONTE

Senhores: eis de novo salva e aprumada
a nau de nossa terra pelas divindades, 185
após a dura tormenta que a sacudiu.
Apenas vós fostes chamados entre o povo
por emissários meus mandados de propósito,
primeiro porque sei que fostes bons, fiéis
e obedientes ao poder real de Laio;¹⁰ 190
depois porque, quando Édipo era rei aqui,
e após a sua morte, a vossa lealdade
inabalável inda sustentou seus filhos.
Agora, todavia, que eles sucumbiram
em dupla morte, golpeando e golpeados 195
com suas próprias mãos impuras, em razão
do parentesco próximo entre mim e os mortos
hoje detenho o trono e suas regalias.
Não é possível conhecer perfeitamente
um homem e o que vai no fundo de sua alma, 200
seus sentimentos e seus pensamentos mesmos,
antes de o vermos no exercício do poder,
senhor das leis. Se alguém, sendo o supremo guia
do Estado, não se inclina pelas decisões
melhores e, ao contrário, por algum receio 205
mantém cerrados os seus lábios, considero-o
e sempre o considerarei a mais ignóbil
das criaturas; e se qualquer um tiver
mais consideração por um de seus amigos
que pela pátria, esse homem eu desprezarei. 210
Pois eu — e seja testemunha o grande Zeus
onividente — não me calaria vendo
em vez da segurança a ruína dominar
o povo, e nunca trataria os inimigos
de minha terra como se fossem amigos. 215

A salvação de Tebas é também a nossa,
em minha opinião; se navegarmos bem,
com a nau a prumo, não nos faltarão amigos.
Com semelhantes normas mantereí intacta
a glória da cidade, e pauta-se por elas 220
o edito que mandei comunicar ao povo
há pouco, relativamente aos filhos de Édipo:
que Etéocles, morto lutando pela pátria,
desça cercado de honras marciais ao túmulo
e leve para o seu repouso eterno tudo 225
que só aos mortos mais ilustres se oferece;
mas ao irmão, quero dizer, a Polinices,
que regressou do exílio para incendiar
a terra de seus pais e até os santuários
dos deuses venerados por seus ascendentes 230
e quis provar o sangue de parentes seus
e escravizá-los, quanto a ele foi ditado
que cidadão algum se atreva a distingui-lo
com ritos fúnebres ou comiseração;
fique insepulto o seu cadáver e o devorem 235
cães e aves carniceiras em nojenta cena.
São estes os meus sentimentos e jamais
concederei aos homens vis maiores honras
que as merecidas tão somente pelos justos.
Só quem quiser o bem de Tebas há de ter 240
a minha estima em vida e mesmo após a morte.

CORIFEU

Assim te apraz, filho de Meneceu, Creonte,
tratar amigos e inimigos desta terra,
e tens poder — eu reconheço — para impor
a lei de tua escolha, seja em relação 245
aos mortos, seja a nós, que ainda estamos vivos.

CREONTE

Cuidai, então, de que se cumpram minhas ordens.

CORIFEU

Dá esse encargo tão pesado a alguém mais jovem.

CREONTE

A guarda do cadáver caberá a outros.

CORIFEU

Qual é, então, a ordem que nos dás ainda?

250

CREONTE

Sede implacáveis com os rebeldes ao edito.

CORIFEU

Ninguém é louco a ponto de buscar a morte.

CREONTE

Seria esta, na verdade, a recompensa.
A expectativa de vantagens, todavia,
levou inúmeros mortais à perdição.

255

Entra um GUARDA em atitude hesitante.

GUARDA

Dirigindo-se a CREONTE.

Não vou dizer, senhor, que chego assim sem fôlego¹¹

por apressar meus pés para ser mais veloz.
Meus pensamentos muitas vezes me fizeram
parar, dar meia-volta em minha caminhada.
Minha alma muitas vezes me falou assim: 260
“Pobre de ti! Por que te apressas a chegar
“aonde a punição te espera, inevitável?
“Coitado! Atrasas-te de novo? E se Creonte
“souber por outro não irás também sofrer?”
Nesse debate eu percorria meu caminho 265
com passos indecisos, de maneira tal
que nunca mais a curta estrada se acabava.
Mas finalmente decidi que deveria
chegar a ti; e embora eu quase nada saiba,
ainda assim estou aqui para falar, 270
pois a se confirmarem minhas esperanças
somente sofrerei o que for meu destino.

CREONTE

Quais os motivos desse teu abatimento?

GUARDA

Falar-te-ei primeiro do que me interessa;
eu nada fiz, nem sei quem praticou a ação; 275
qualquer castigo para mim seria injusto.

CREONTE

És maneiroso em teus rodeios defensivos;
demonstras que me vais dizer algo de novo.

GUARDA

Vacila-se antes de dizer coisas terríveis...

CREONTE

Por que não falas, afinal, e vais embora?

280

GUARDA

Então eu vou falar! O morto... alguém há pouco
o sepultou e foi-se embora; apenas pôs
alguma terra seca recobrando as carnes
e praticou deveres outros de piedade.

CREONTE

Que dizes? Quem? Que homem se atreveu a tanto?

285

GUARDA

Não sei. Não conseguimos ver marcas de pás,
nem sulcos feitos por enxada; o chão estava
bem liso, duro e seco, sem sinais de rodas;
o autor da ação é desses que não deixam pistas.

Quando o vigia da manhã nos alertou
para o acontecido, uma surpresa triste

290

tomou conta de nós; não víamos o morto,
embora ele não estivesse bem sepulto,
pois era muito pouca a terra que o cobria,
como se fosse posta pela mão de alguém
querendo apenas evitar um sacrilégio.

295

E não havia em volta rastro algum à vista,
nem de animal selvagem, nem de um cão qualquer
que houvesse vindo até o cadáver e o movesse.

Então brotaram entre nós palavras ásperas
de sentinelas acusando sentinelas.

300

Até a brigas nós teríamos chegado
sem que os presentes impedissem; um por um,

todos nos acusamos uns depois dos outros,
mas afinal a culpa não foi apurada, 305
pois nada fora percebido por ninguém.
Já íamos pegar com as mãos ferros em brasa,¹²
atravessar o fogo aceso e pelos deuses
jurar convictos que não éramos autores
nem cúmplices na trama ou na realização. 310
Por fim, depois de nossas investigações
terem falhado, um guarda se manifestou,
fazendo-nos baixar o rosto para o chão,
apavorados, pois não nos abalançávamos
a contestá-lo e víamos que era impossível 315
fugir a uma desgraça se lhe obedecêssemos;
ele nos disse que era nossa obrigação
comunicar-te o fato imediatamente
e não pensar em ocultá-lo; a sugestão
foi logo aceita e no sorteio — ai!, ai de mim! — 320
me coube o prêmio de trazer-te a novidade.
E estou aqui, contra teu gosto e contra o meu,
pois ninguém aprecia quem dá más notícias.

CORIFEU

Meu coração, senhor, indaga há muito tempo
se esse acontecimento não se deve aos deuses. 325

CREONTE

Cala-te logo, antes que cresça minha cólera
com tua fala, salvo se queres mostrar
senilidade e insensatez ao mesmo tempo.
É insuportável escutar-te quando dizes
que os deuses podem ter cuidado do cadáver. 330
Seria por inusitada recompensa
a um benfeitor que lhe dariam sepultura,

a ele, que chegou para queimar seus templos
cercados de colinas e os tesouros sacros
e para aniquilar a sua terra e leis? 335
Ou vês os deuses distinguirem criminosos?
Jamais! Desde o princípio havia na cidade
homens que murmuravam coisas desse gênero
e meneavam a cabeça contra mim
secretamente; relutavam em curvar-se 340
e, como súditos, dar a cerviz ao jugo.
Sei muito bem que os guardas foram corrompidos
e subornados para agir assim por eles.
Nunca entre os homens floresceu uma invenção
pior que o ouro; até cidades ele arrasa, 345
afasta os homens de seus lares, arrebatada
e impele almas honestas às ações mais torpes
e incita ainda os homens ao aviltamento,
à impiedade em tudo. Mas, quem age assim
por interesse, um dia paga o justo preço. 350

Voltando-se para o GUARDA.

Se a Zeus ainda agrada a minha reverência,
escuta e diz aos outros guardas: juro agora
que se não descobirdes o real autor
desse sepultamento e não o conduzirdes 355
à frente de meus olhos, simplesmente a morte
não há de ser pena bastante para vós;
sereis dependurados todos, inda vivos,
até que alguém confesse o crime! Sabereis
de quem é vantajoso receber dinheiro
de hoje em diante e aprendereis ao mesmo tempo 360
que não é bom querer ganhar de qualquer modo;
vereis que o lucro desonesto leva os homens
com mais frequência à ruína que à prosperidade!

GUARDA

Permites que se fale, ou devo simplesmente dar meia-volta e retirar-me neste instante?

365

CREONTE

Não vês o quanto a tua voz me ofende agora?

GUARDA

É nos ouvidos ou na alma que ela dói?

CREONTE

Por que te esmeras em saber onde é a dor?

GUARDA

O autor te fere o coração; eu, os ouvidos.

CREONTE

É... Nota-se que és bem-falante de nascença.

370

GUARDA

Talvez, mas esse feito eu não praticaria.

CREONTE

Fizeste mais: vendeste a alma por dinheiro!

GUARDA

Ah! é terrível quando, embora preparado

para ser bom juiz, um homem julga mal!...

CREONTE

Diverte-te com teu brilhante julgamento,
mas, se não descobirdes, tu e teus colegas,
o autor do feito, acabareis por convencer-vos
de que somente mágoas traz o ganho ilícito!

375

CREONTE retorna ao palácio.

GUARDA

Será melhor, então, achá-lo sem demora.
Mas, seja ele descoberto ou não — a sorte
é que vai decidir — indubitavelmente
não me verás de novo aqui; se desta vez
me salvo, contra a minha expectativa e crença,
é meu dever agradecer, e muito, aos deuses!

380

O GUARDA afasta-se precipitadamente.

CORO

Há muitas maravilhas, mas nenhuma¹³
é tão maravilhosa quanto o homem.
Ele atravessa, ousado, o mar grisalho,
impulsionado pelo vento sul
tempestuoso, indiferente às vagas
enormes na iminência de abismá-lo;
e exaure a terra eterna, infatigável,
deusa suprema, abrindo-a com o arado
em sua ida e volta, ano após ano,
auxiliado pela espécie equina.
Ele captura a grei das aves lépidas
e as gerações dos animais selvagens:

385

390

395

e prende a fauna dos profundos mares
nas redes envolventes que produz,
homem de engenho e arte inesgotáveis. 400
Com suas armadilhas ele prende
a besta agreste nos caminhos íngremes;
e doma o potro de abundante crina,
pondo-lhe na cerviz o mesmo jugo
que amansa o fero touro das montanhas. 405
Soube aprender sozinho a usar a fala
e o pensamento mais veloz que o vento
e as leis que disciplinam as cidades,
e a proteger-se das nevascas gélidas,
duras de suportar a céu aberto, 410
e das adversas chuvas fustigantes;
ocorrem-lhe recursos para tudo
e nada o surpreende sem amparo;
somente contra a morte clamará
em vão por um socorro, embora saiba 415
fugir até de males intratáveis.
Sutil de certo modo na inventiva
além do que seria de esperar,
e na argúcia, que o desvia às vezes
para a maldade, às vezes para o bem,
se é reverente às leis de sua terra 420
e segue sempre os rumos da justiça
jurada pelos deuses ele eleva
à máxima grandeza a sua pátria.
Nem pátria tem aquele que, ao contrário, 425
adere temerariamente ao mal;
jamais quem age assim seja acolhido
em minha casa e pense igual a mim!

Percebendo o GUARDA, que volta conduzindo ANTÍGONA.

Deixa-me pasmo este portentoso incrível!

Como negar, se a vejo, que esta moça
é a própria Antígona? Ah? Desventurada 430
e filha de desventurado pai
— de Édipo! Que significa isso?
Trazem-te por desprezo às leis reais,
surpreendida em ato tresloucado?

GUARDA

Aqui está a autora da façanha; há pouco 435
pilhamo-la enterrando-o. Onde está Creonte?

CORIFEU

Está voltando do palácio em boa hora.

CREONTE

Que é isso? E por que meu regresso é oportuno?

GUARDA

Nada devia ser jurado pelos homens,
senhor, pois basta refletir para notar 440
que a ideia é enganadora. Eu mesmo prometi
que não havia de voltar tão cedo aqui,
depois de ouvir as tuas duras ameaças
de há pouco, assustadoras; mas, considerando
que as alegrias, quando não as esperamos 445
nos dão maior contentamento, retornei,
embora contrariando um juramento meu,
trazendo esta donzela, que surpreendemos
cuidando de finalizar o funeral.
Não houve, desta vez, sorteio. Não! A mim 450
e a mais ninguém foi concedida esta ventura.

Agora podes segurá-la, interrogá-la,
julgá-la, meu senhor, tu mesmo, como queiras.
E quanto a mim, tenho o direito de estar livre
das confusões que antes me assustaram tanto.

455

CREONTE

Onde prendeste, e como, esta que vens trazendo?

GUARDA

Ela enterrava o homem: sabes tudo agora.

CREONTE

Percebes o que dizes? Falas com certeza?

GUARDA

Vi-a quando, apesar de tua proibição,
cuidava ainda de enterrar melhor o morto.
São claras e evidentes as minhas palavras?

460

CREONTE

E como a viram e pilharam em delito?

GUARDA

O fato aconteceu assim: quando voltamos,
com aquelas tuas ameaças horrorosas
pesando sobre nós, tiramos toda a terra
que recobria o corpo e cuidadosamente
despimos o cadáver meio decomposto;
então nós nos sentamos no alto da colina,
tendo a favor o vento para que o fedor

465

não viesse contra nós. Estava cada um 470
bem acordado e se esforçava por manter
alerta o seu vizinho com descomposturas,
se alguém se descuidava da tarefa dura.
Assim passou o tempo até que o sol brilhante
chegou a meio céu em sua caminhada 475
e começou a nos queimar com seu calor;
nesse momento um vento repentino e forte
soprou em turbilhão — celeste turbulência —
pela campina toda, desfolhando as árvores
das redondezas. O ar em volta escureceu 480
e para suportar o flagelo divino
tivemos de fechar os olhos. Ao cessar
aquilo, muito tempo após, vimos a moça;
ela gritava agudamente, como um pássaro
amargurado ao ver deserto o caro ninho, 485
sem suas crias. Ela, vendo o corpo nu,
gemendo proferiu terríveis maldições
contra quem cometera a ação; amontoou
com as mãos, de novo, a terra seca e levantando
um gracioso jarro brônzeo derramou 490
sobre o cadáver abundante libação.
Corremos quando vimos aquele espetáculo
e todos juntos seguramo-la, mas ela
não demonstrou estar com medo; então pusemo-nos
a interrogá-la sobre o seu procedimento 495
passado e atual; para alegria minha,
e dó ao mesmo tempo, ela nada negou.
É bom livrarmo-nos de males mas é triste
lançar amigos nossos na infelicidade.
Mas, isso tudo para mim neste momento 500
importa menos do que a minha salvação.

Após alguns instantes de silêncio geral.

Tu, então, que baixas o rosto para o chão,
confirmas a autoria desse feito, ou negas?

ANTÍGONA

Fui eu a autora; digo e nunca negaria.

CREONTE

Dirigindo-se ao GUARDA.

Já podes ir na direção que te aprouver,
aliviado e livre de suspeita grave.

505

Sai o GUARDA. CREONTE dirige-se a ANTÍGONA.

Agora, dize rápida e concisamente:
sabias que um edito proibía aquilo?

ANTÍGONA

Sabia. Como ignoraria? Era notório.

CREONTE

E te atreveste a desobedecer às leis?

510

ANTÍGONA

Mas Zeus não foi o arauto delas para mim,
nem essas leis são as ditadas entre os homens
pela Justiça, companheira de morada
dos deuses infernais; e não me pareceu
que tuas determinações tivessem força
para impor aos mortais até a obrigação
de transgredir normas divinas, não escritas,
inevitáveis; não é de hoje, não é de ontem,

515

é desde os tempos mais remotos que elas vigem,
sem que ninguém possa dizer quando surgiram. 520
E não seria por temer homem algum,
nem o mais arrogante, que me arriscaria
a ser punida pelos deuses por violá-las.
Eu já saiba que teria de morrer
(e como não?) antes até de o proclamares, 525
mas, se me leva a morte prematuramente,
digo que para mim só há vantagem nisso.
Assim, cercada de infortúnios como vivo,
a morte não seria então uma vantagem?
Por isso, prever o destino que me espera 530
é uma dor sem importância. Se tivesse
de consentir em que ao cadáver de um dos filhos
de minha mãe fosse negada a sepultura,
então eu sofreria, mas não sofro agora.
Se te pareço hoje insensata por agir 535
dessa maneira, é como se eu fosse acusada
de insensatez pelo maior dos insensatos.

CORIFEU

Evidencia-se a linhagem da donzela,
indômita, de pai indômito; não cede
nem no momento de enfrentar a adversidade. 540

CREONTE

Dirigindo-se a ANTÍGONA.

Fica sabendo que os espíritos mais duros
dobram-se muitas vezes; o ferro mais sólido,
endurecido e temperado pelo fogo,
é o que se vê partir-se com maior frequência,
despedaçando-se; sei de potros indóceis 545

que são domados por um pequenino freio.
Quem deve obediência ao próximo não pode
ter pensamentos arrogantes como os teus.

Dirigindo-se ao CORO.

Ela já se atrevera, antes, a insolências
ao transgredir as leis apregoadas; hoje, 550
pela segunda vez revela-se insolente:
ufana-se do feito e mostra-se exultante!
Pois homem não serei — ela será o homem! —
se esta vitória lhe couber sem punição!
Embora fosse minha irmã a sua mãe 555
— mais próxima de mim, portanto, pelo sangue,
que todos os parentes meus, fiéis devotos
do grande Zeus no santuário de meu lar —
nem ela nem a irmã conseguirão livrar-se
do mais atroz destino, pois acuso a outra 560
de cúmplice na trama desse funeral.
E chamem-na; via-a lá dentro há pouco tempo;
estava transtornada, como que incapaz
de dirigir a sua mente. Muitas vezes
o íntimo de quem não age retamente, 565
na sombra, indica a traição antes do feito.
Além do mais, odeio quem, pilhado em falta,
procura dar ao crime laivos de heroísmo.

Saem os guardas para buscar ISMENE.

ANTÍGONA

Prendeste-me; desejas mais que a minha morte?

CREONTE

Não quero mais; é tudo quanto pretendia. 570

ANTÍGONA

Então, por que demoras? Em tuas palavras
não há — e nunca haja! — nada de agradável.
Da mesma forma, as minhas devem ser-te odiosas.
E quanto à glória, poderia haver maior
que dar ao meu irmão um funeral condigno?

575

Designando o CORO com um gesto.

Eles me aprovariam, todos, se o temor
não lhes tolhesse a língua, mas a tirania,
entre outros privilégios, dá o de fazer
e o de dizer sem restrições o que se quer.

CREONTE

Só tu, entre os tebanos, vês dessa maneira.

580

ANTÍGONA

Eles também, mas silenciam quando surges.

CREONTE

Não coras por pensar, só tu, diversamente?

ANTÍGONA

Não há vergonha alguma em nos compadecermos
dos que nasceram das entranhas de onde viemos.

CREONTE

E aquele que morreu lutando contra o outro
também não era teu irmão, do mesmo sangue?

585

ANTÍGONA

Do mesmo sangue, de um só pai e uma só mãe.

CREONTE

Por que, então, distingues impiamente o outro?

ANTÍGONA

O morto não confirmará essas palavras.

CREONTE

Confirmará, se a distinção o iguala ao ímpio.

590

ANTÍGONA

Foi como irmão que ele morreu, não como escravo.

CREONTE

Destruindo a cidade; o outro, defendendo-a.

ANTÍGONA

A morte nos impõe as suas próprias leis.

CREONTE

Mas o homem bom não quer ser igualado ao mau.

ANTÍGONA

Quem sabe se isso é consagrado no outro mundo?

595

CREONTE

Nem morto um inimigo passa a ser amigo.

ANTÍGONA

Nasci para compartilhar amor, não ódio.

CREONTE

Se tens de amar, então vai para o outro mundo,
ama os de lá. Não me governará jamais
mulher alguma enquanto eu conservar a vida!

600

Aproxima-se ISMENE, vindo do palácio entre guardas.

CORO

Vejo transpor a porta agora Ismene
chorando lágrimas de irmã e amiga;
paira uma nuvem sobre sua fronte
escurecendo as cores de seu rosto
e umedecendo-lhe a formosa tez.

605

CREONTE

Vamos, tu que, dissimulada como víbora
em minha própria casa, insidiosamente
sugavas o meu sangue, sem que eu percebesse
que alimentava duas pestes e conluios
contra o meu trono, dize-me: confirmarás
também a participação naquele enterro,
ou negarás, jurando desconhecimento?

610

ISMENE

Eu pratiquei a ação, se ela¹⁴ consente nisso;
sou cúmplice no crime e aceito as consequências.

ANTÍGONA

Mas nisso não terás o apoio da justiça,
pois nem manifestaste aprovação à ideia
nem eu te permiti participar da ação.

615

ISMENE

Notando os sofrimentos teus, não me envergonho
de percorrer contigo o mar de tuas dores.

ANTÍGONA

Os mortos sabem quem agiu, e o deus dos mortos;
não quero amiga que ama apenas em palavras.

620

ISMENE

Não me julgues indigna de morrer contigo,
irmã, e honrar o morto com os ritos sagrados.

ANTÍGONA

Não compartilhes minha morte, nem aspire
a feitos que não foram teus; basta que eu morra.

625

ISMENE

Que valerá a vida para mim sem ti?

ANTÍGONA

Com um sorriso sarcástico.

Indaga de Creonte, pois só pensas nele!

ISMENE

Por que me afliges sem proveito para ti?

ANTÍGONA

Se rio e o meu riso te faz sofrer, lastimo.

ISMENE

Como te poderei ser útil, mesmo agora?

630

ANTÍGONA

Salva-te, Ismene. Não te invejo por fugires.

ISMENE

Pobre de mim! Não participo de teu fim?

ANTÍGONA

A tua escolha foi a vida; a minha, a morte.

ISMENE

Mas não ficaram por dizer minhas palavras.

ANTÍGONA

A uns parecerás sensata; a outros, eu.

635

ISMENE

De qualquer modo, nossas faltas são iguais.

ANTÍGONA

Não te preocupes; estás viva, mas minha alma
há tempo já morreu, para que eu sirva aos mortos.

CREONTE

Afirmo que uma destas moças neste instante
nos revelou sua demência; a outra é insana,
sabidamente, desde o dia em que nasceu.

640

ISMENE

É, rei, mas a razão inata em todos nós
está sujeita a mutações nos infelizes.

CREONTE

Isto se deu com a tua, quando preferiste
ser má em companhia de pessoas más.

645

ISMENE

Sem ela, que prazer teria eu na vida?

CREONTE

Não digas “ela”; não existe mais.

ISMENE

Irás matar, então, a noiva de teu filho?

CREONTE

Ele pode lavrar outras terras mais férteis.

ISMENE

Isso não foi o que ele e ela pactuaram.

650

CREONTE

Detesto, para os filhos meus, mulheres más.

ANTÍGONA

Como teu pai te avilta, meu querido Hêmon!

CREONTE

Molestas-me demais com esse casamento!

CORIFEU

Vais mesmo arrebatá-la de teu próprio filho?

CREONTE

A morte impedirá por mim o casamento.

655

CORIFEU

Parece resolvido que ela irá morrer.

CREONTE

Parece a ti e a mim. Não haja mais delongas:
levai-as para dentro, servos! São mulheres
e agora serão confinadas, como as outras.
Além do mais, mesmo as pessoas corajosas

660

tentam fugir se ameaçadas pela morte.

Saem os guardas levando ANTÍGONA e ISMENE, CREONTE permanece em cena, meditativo.

CORO

Felizes são aqueles cuja vida
transcorre isenta de todos os males,
pois os mortais que um dia têm os lares
desarvorados pelas divindades 665
jamais se livrarão dos infortúnios
por todas as seguidas gerações.
Da mesma forma a vaga intumescida,
soprada pelo vento impetuoso
da Trácia, quando varre o mar profundo 670
revolve em turbilhões a areia negra
e a leva às praias onde a faz bramar
entre gemidos, estrondosamente.
Vejo às antigas infelicidades
da casa dos labdácidas¹⁵ juntarem-se 675
as novas desventuras dos defuntos,
e as gerações mais novas não resgatam
as gerações passadas. Um dos deuses
agarra-se insaciável a elas todas
e as aniquila; não há salvação. 680
O pálido lampejo de esperança
que sobre o último rebento de Édipo
surgira, esvai-se agora na poeira
dos deuses infernais, ensanguentada
pelo arrebatamento das palavras 685
e por corações cheios de furor.
Que orgulho humano, Zeus, será capaz
de opor limites ao poder só teu,
que nem o Sono precursor do fim

de todos vence, nem o perpassar 690
infatigável do tempo divino?¹⁶
Governas o fulgor maravilhoso
do Olimpo como soberano único,
imune ao tempo que envelhece tudo.
E no porvir, tal como no passado 695
a lei para os mortais será mantida:
nada haverá de realmente grande
em suas vidas sem desgraças juntas.
É um conforto para muitos homens
a instável esperança; para outros 700
é uma ilusão de seus desejos frívolos
insinuando-se junto aos ingênuos
até que aos pés lhes chegue o fogo ardente.
Pois com sabedoria alguém falou
as célebres palavras: “cedo ou tarde, 705
o mal parecerá um bem àquele
que os deuses resolveram desgraçar”.
E são momentos poucos e fugazes
os que ele vive livre da desdita.

Aproxima-se HÊMON.

Mas, Hêmon vem aí, o filho teu 710
mais novo; estará ele angustiado
com o fim de sua prometida, Antígona,
e amargurado com as frustradas núpcias?

CREONTE

Já saberemos, e melhor que por profetas. 715
Ficaste enraivecido com teu pai, meu filho,
quando soubeste da sentença irrevogável
imposta à tua noiva? Ou somos sempre amigos,
seja qual for minha atitude quanto a ti?

HÊMÓN

Sou teu, meu pai. Com teus conselhos úteis traças
minha conduta certa; casamento algum 720
me importa mais que tua reta orientação.

CREONTE

Deve ser esta, justamente, a diretriz
inquebrantável de teu coração, meu filho:
ser dócil à vontade de teu pai em tudo. 725
Desejam para isso os homens em seus lares
crianças obedientes que eles engendraram
para mais tarde devolver aos inimigos
dos pais o mal que lhes fizeram, e também
honrar, como seus pais honraram, os amigos.
Mas, de quem teve apenas filhos imprestáveis, 730
só poderíamos dizer que semeou
muitos motivos de aflição para si mesmo
e muitas gargalhadas para os inimigos.
Jamais debes perder o senso, filho meu,
pela volúpia de prazeres, por mulheres, 735
ciente de que tal satisfação esfria
quando a mulher com quem convives é perversa.
Existirá, então, ferida mais pungente
que uma esposa má? Deves repudiá-la
como inimiga; deixa a moça desposar 740
alguém lá no outro mundo. Já que a surpreendi,
só ela na cidade toda, em ostensiva
oposição às minhas ordens, não serei
um mentiroso diante da cidade: mato-a!
Que invoque Zeus, o protetor do parentesco, 745
se lhe aprouver. Se eu for criar parentes meus
na desobediência, inevitavelmente
hei de enfrentá-la com maior razão nos outros.

Aquele que na própria casa é cumpridor
de seus deveres, mostrar-se-á também correto 750
em relação ao seu país. Se alguém transgride
as leis e as violenta, ou julga ser capaz
de as impingir aos detentores do poder,
não ouvirá em tempo algum meus elogios;
muito ao contrário, aquele que entre os homens todos 755
for escolhido por seu povo, deve ser
obedecido em tudo, nas pequenas coisas,
nas coisas justas e nas que lhe são opostas.
Estou seguro de que esse homem obediente
será bom governante como foi bom súdito 760
e na tormenta das batalhas ficará
firme no posto, agindo como companheiro
bravo e leal. Mas a anarquia é o mal pior;
é perdição para a cidade e faz desertos 765
onde existiam lares; ela é causadora
de defecções entre as fileiras aliadas,
levando-as à derrota. A submissão, porém,
é a salvação da maioria bem mandada.
Devemos apoiar, portanto, a boa ordem,
não permitindo que nos vença uma mulher. 770
Se fosse inevitável, mal menor seria
cair vencido por um homem, escapando
à triste fama de mais fraco que as mulheres!

CORIFEU

Só o tempo já vivido não nos deixa errar,
tuas palavras nos parecem bem faladas. 775

HÊMÓN

Os deuses, pai, implantam no homem a razão
— o bem maior de todos. Se falaste certo

acerca dessas coisas, não posso dizer
(jamais em minha vida eu seja capaz disso!).
Mas outros também podem ter boas ideias. 780
É meu dever notar por ti, naturalmente,
tudo que os outros dizem, fazem ou censuram,
pois o teu cenho inspirador de medo impede
os homens simples de pronunciar palavras
que firam teus ouvidos. Eu, porém, na sombra, 785
ouço o murmúrio, escuto as queixas da cidade
por causa dessa moça: “Nenhuma mulher”,
comentam, “mereceu jamais menos que ela
“essa condenação — nenhuma, em tempo algum,
“terá por feitos tão gloriosos quanto os dela 790
“sofrido morte mais ignóbil; ela que,
“quando em sangrento embate seu irmão morreu
“não o deixou sem sepultura, para pasto
“de carniceiros cães ou aves de rapina,
“não merece, ao contrário, um áureo galardão?” 795
Este é o rumor obscuro ouvido pelas ruas.
Com relação a mim, meu pai, nenhum dos bens
é mais precioso que tua satisfação.
Existiria para os filhos ornamento
mais enobrecedor que a fama gloriosa 800
de um pai feliz, ou para um pai a de seus filhos?
Não tenhas, pois, um sentimento só, nem penses
que só tua palavra e mais nenhuma outra
é certa, pois se um homem julga que só ele
é ponderado e sem rival no pensamento 805
e nas palavras, em seu íntimo é um fútil.
Não há vergonha alguma, mesmo sendo sábio,
em aprender cada vez mais, sem presunções.
Não vê, ao lado das torrentes engrossadas
pelas tormentas, como as árvores flexíveis 810
salvam-se inteiras, e as que não podem dobrar-se

são arrancadas com a raiz? Da mesma forma,
aquele que mantém as cordas do velame
sempre esticadas, sem às vezes afrouxá-las,
faz emborcar a nau e finaliza a viagem 815
com a quilha para cima. Exorto-te: recua
em tua ira e deixa-te mudar! E se eu,
embora jovem, posso dar-te opiniões,
afirmo que nos homens o ideal seria 820
nascer já saturados de toda a ciência,
mas, se não é assim, devemos aprender
com qualquer um que fale para nosso bem.

CORIFEU

Convém, senhor, que aprendas com as palavras dele
se há nelas algo de oportuno; e tu, também,
com as de teu pai; falaram bem ambos os lados. 825

CREONTE

Posso, na minha idade, receber lições
de sensatez de alguém da natureza dele?

HÊMÓN

Se houver razões. Sou jovem? Olha mais, então,
para os meus atos que para os meus poucos anos.

CREONTE

Crês que exaltar rebeldes é ato louvável? 830

HÊMÓN

Eu não te exortaria a respeitar os maus.

CREONTE

E por acaso ela não sofre desse mal?

HÊMÓN

Não falam deste modo os cidadãos de Tebas.

CREONTE

Dita a cidade as ordens que me cabe dar?

HÊMÓN

Falaste como se fosses jovem demais!

835

CREONTE

Devo mandar em Tebas com a vontade alheia?

HÊMÓN

Não há cidade que pertença a um homem só.

CREONTE

Não devem as cidades ser de quem as rege?

HÊMÓN

Só, mandarias bem apenas num deserto.

CREONTE

Dirigindo-se ao CORO.

Ele parece um aliado da mulher!

840

HÊMÓN

Se és mulher, pois meus cuidados são contigo.

CREONTE

Discutes com teu pai, pior das criaturas?

HÊMÓN

Porque agindo assim ofendes a justiça.

CREONTE

Ofendo-a por impor respeito ao meu poder?

HÊMÓN

Tu mesmo o desrespeitas ultrajando os deuses.

845

CREONTE

Caráter sórdido, submisso a uma mulher!

HÊMÓN

Não me verás submisso diante de baixezas!

CREONTE

A tua fala toda, ao menos, é por ela!

HÊMÓN

Por ti, por mim e pelos deuses dos finados!

CREONTE

Jamais te casarás com ela ainda viva!

850

HÊMÓN

Pois ela morrerá levando alguém na morte!

CREONTE

O atrevimento leva-te a tais ameaças?

HÊMÓN

É atrevimento refutar ideias vãs?

CREONTE

Chorando aprenderás que vão é o teu saber!

HÊMÓN

Queres falar apenas, sem ouvir respostas?

855

CREONTE

Não tagareles tanto, escravo de mulher!

HÊMÓN

Não fosses tu meu pai, dir-te-ia um insensato!

CREONTE

Isto é verdade? Pelos céus, fica sabendo:
essas censuras torpes não te alegrarão!

Dirigindo-se a um servo.

Vai já buscar essa mulher insuportável 860
para que morra logo ao lado de seu noivo
aqui presente, diante de seus próprios olhos!

HÊMÓN

Não deves esperar que ela morra ao meu lado
(nem penses nisto!), nem me verás nunca mais. 865
Guarda essa fúria para teus dóceis amigos!

HÊMÓN sai precipitadamente.

CORIFEU

A cólera, senhor, levou-o em disparada.
A mente aflita é perigosa nesta idade.

CREONTE

Pode ele praticar em sua retirada
ações além da força humana, ou meditá-las; 870
não salvará de seu destino as duas moças!

CORIFEU

Pretendes realmente exterminar as duas?

CREONTE

A que não o tocou não morre. Lembras bem.

CORIFEU

Já decidiste como há de morrer a outra?

CREONTE

Levando-a por deserta estrada hei de enterrá-la
numa caverna pedregosa, ainda viva, 875
deixando-lhe tanto alimento quanto baste
para evitar um sacrilégio; não desejo
ver a cidade maculada. Lá, em prece
ao deus dos mortos — único que ela venera —
talvez obtenha a graça de não perecer, 880
ou finalmente aprenderá, embora tarde,
que cultuar os mortos é labor perdido.

CORO

Amor, invicto no combate, Amor
dissipador de todas as riquezas,
que após vaguear nos mares e em recônditos 885
esconderijos afinal repousas
no doce rosto das moças em flor!
Nenhum dos imortais pode evitar-te
nenhum dos homens de existência efêmera;
e perde logo o senso quem te encontra. 890
Até os justos forças à injustiça,
desnorteando-lhe o pensamento,
e levas a essas lutas pais e filhos.
Venceu o claro olhar da noiva bela,
inspirador desse desejo igual 895
às majestosas leis da natureza,
joguete de Afrodite irresistível.

Aparece ANTÍGONA, conduzida por guardas.

Mas eu, diante do que vejo agora,
sinto que as leis também não me refreiam
e não consigo reprimir as lágrimas 900

ao vislumbrar Antígona marchando
para esse leito onde se acaba tudo.

ANTÍGONA

Concidadãos de minha pátria, vêde-me
seguindo o meu caminho derradeiro, 905
olhando o último clarão do sol,
que nunca, nunca mais contemplarei.
O deus dos mortos,¹⁷ que adormece a todos,
leva-me viva para os seus domínios¹⁸
sem que alguém cante o himeneu por mim, 910
sem que na alcova nupcial me acolha
um hino; caso-me com o negro inferno.

CORO

Mas partes para o mundo tenebroso
dos mortos gloriosa e exalçada,
sem que as doenças aniquiladoras 915
te houvessem atingido, sem que as armas
mortíferas ferissem o teu corpo;
é por tua vontade e decisão
que tu, apenas tu entre os mortais,
descerás viva à região das sombras.

ANTÍGONA

Falaram-me de uma estrangeira, há muito, 920
filha de Tântalo,¹⁹ da terra frígia,
e de seu triste fim no alto do Sípilo,²⁰
aprisionada por muitos rochedos
que em volta dela, como hera tenaz
cresciam sempre; e ainda hoje contam 925
que a chuva não cessava de molhar-lhe

o corpo agonizante, nem a neve,
enquanto as lágrimas que lhe desciam
dos olhos orvalhavam o seu colo.
Prepara-me o destino enterro igual.

930

CORO

Ela era deusa, nascida de deuses,
e nós, mortais, nascidos de mortais,
Será, porém, honroso para ti,
que agora chegas ao momento extremo,
dizerem que o destino te igualou
aos deuses, viva e mesmo após a morte.

935

ANTÍGONA

Ah! Vosso escárnio já me está ferindo!
Pergunto, pelos deuses padroeiros:
por que não esperais que eu seja morta
e me insultais assim perante todos?
Minha cidade! Povo afortunado
de minha terra! Tu, fonte Dirceia,²¹
e chão sagrada da guerreira Tebas!
Ao menos como testemunhas tomo-vos
para que todos vejam de que modo,
sem ser sequer chorada por amigos,
e condenada por que leis eu vou
para esse cárcere todo de pedras
que será meu insólito sepulcro!
Como serei desventurada ali,
nem pertencendo aos vivos, nem aos mortos!

940

945

950

CORO

Tu te lançaste aos últimos extremos

de atrevimento e te precipitaste
de encontro ao trono onde a justiça excelsa
tem sede, minha filha; pode ser
que na presente provação expies
pecados cometidos por teu pai. 955

ANTÍGONA

Trouxeste-me à memória o mais pungente
dos fatos — o destino de meu pai,
três vezes manifesto,²² o de nós todos, 960
labdácidas famosos. Ah! Horrores
do tálamo materno! Ah! Teus abraços
incestuosos, minha mãe, com o pai
de quem nasci! Como sou infeliz!
E para eles vou assim, maldita, 965
sem ter chegado às bodas! Meu irmão
infortunado! Que união a nossa!
Transformas-me, morrendo, em morta viva!

CORO

Inspiram piedade atos piedosos
mas o poder, para seus detentores,
não se sujeita a transgressão alguma; 970
perdeu-te a tua índole indomável.

ANTÍGONA

Sem que me chorem, sem amigo algum,
sem cantos de himeneu sou arrastada
— pobre de mim! — por sôfrego caminho!
Para desgraça minha nunca mais 975
poderei ver a santa luz do sol!
E dos amigos nem um só lamenta

esse meu doloroso fim sem lágrimas!

Reaparece CREONTE.

CREONTE

Aos guardas que conduzem ANTÍGONA.

Acaso não sabeis que hinos e lamúrias
na hora de morrer jamais acabariam 980
se houvesse o mínimo proveito em entoá-los?
Ides, ou não, levá-la imediatamente?
E quando a houverdes encerrado, como eu disse,
em sua cavernosa sepultura, só,
abandonada para, se quiser, morrer 985
ou enterrar-se ainda viva em tal abrigo,
estarão puras nossas mãos: não tocarão
nesta donzela. Mas há uma coisa certa:
ela será privada para todo o sempre
da convivência com habitantes deste mundo. 990

ANTÍGONA

Túmulo, alcova nupcial, prisão eterna,
cova profunda para a qual estou seguindo,
em direção aos meus que a morte²³ muitas vezes 995
já acolheu entre os finados! Eu, a última
e sem comparação a mais desventurada,
vou para lá, antes de haver chegado ao termo
de minha vida! Mas uma esperança eu tenho:
meu pai há de gostar de ver-me, e tu também
gostarás muito, minha mãe, e gostarás 1000
também, irmão querido, pois quando morreste
lavei-te e te vesti com minhas próprias mãos
e sobre tua sepultura eu espargi
as santas libações. E agora, Polinices,

somente por querer cuidar de teu cadáver 1005
dão-me esta recompensa! Mas na opinião
da gente de bom senso todo o meu cuidado
foi justo. Sim! Se houvera sido mãe de filhos,
ou se o esposo morto apodrecesse exposto,
jamais enfrentaria eu tamanhas penas 1010
tendo de opor-me a todos os concidadãos!²⁴
Que leis me fazem pronunciar estas palavras?
Fosse eu casada e meu esposo falecesse,
bem poderia encontrar outro, e de outro esposo
teria um filho se antes eu perdesse algum; 1015
mas, morta minha mãe, morto meu pai, jamais
outro irmão meu viria ao mundo. Obedeci
a essas leis quando te honrei mais que a ninguém.
Creonte acha, porém, que errei, que fui rebelde,
irmão querido! Assim ele me leva agora, 1020
cativa em suas mãos; um leito nupcial
jamais terei, nem ouvirei hinos de bodas,
nem sentirei as alegrias conjugais,
nem filhos amamentarei; hoje, sozinha,
sem um amigo, parto — ai! infeliz de mim! — 1025
ainda viva para onde os mortos moram!
Que mandamentos transgredi das divindades?
De que me valerá — pobre de mim! — erguer
ainda os olhos para os deuses? Que aliado 1030
ainda invocarei se, por ser piedosa,
acusam-me de impiedade? Se isso agrada
aos deuses me conformo, embora sofra muito,
com minha culpa, mas se os outros são culpados,
que provem penas pelo menos tão pesadas
quanto as que injustamente me impuseram hoje! 1035

CORIFEU

De novo os mesmos ventos violentos
vêm vergastar-lhe a alma com seu sopro.

CREONTE

Seus condutores hão de arrepender-se,
então, por demorarem a levá-la!

ANTÍGONA

Ai! Ai de mim! Depois destas palavras
sinto-me ainda mais perto da morte!

1040

CREONTE

Não posso acalentar-te com a ilusão
de que não será esse o desenlace.

ANTÍGONA

Cidade de meus pais, solo de Tebas
e deuses ancestrais de nossa raça!
Levam-me agora, não hesitam mais!
Vede-me, ilustres próceres de Tebas
— a última princesa que restava —,
as minhas penas e quem as impõe
apenas por meu culto à piedade!

1045

1050

Sai ANTÍGONA, levada pelos guardas.

CORO

Desdita igual sofreu Dânae formosa,²⁵
forçada a permutar a luz celeste
por brônzeo calabouço; numa alcova
prenderam-na, secreta como um túmulo.

E sua estirpe, filha — minha filha! — 1055
era das mais ilustres e a semente
de Zeus, que lhe viera em áurea chuva,
ela guardava e nela germinava.
A força do destino, todavia,
é formidável; as riquezas, guerras, 1060
muralhas, negras naus, não lhe resistem.
Grilhões dominaram o feroso filho
de Drias,²⁶ soberano dos edônios;
ele pagou, assim, por seus insultos
frenéticos quando foi dominado 1065
e preso por Diôniso num cárcere
de pedras; lá, sua arrogância estúpida
aos poucos consumiu-se na loucura.
Ele aprendeu a conhecer o deus
que num delírio insano provocara 1070
com a insolência de suas palavras,
quando quis extinguir o furor sacro
das moças possuídas pelo deus²⁷
e o fogo dionisíaco, irritando
as Musas, admiradoras das flautas. 1075
E junto às fundas águas Cianeias²⁸
dos mares gêmeos, nas praias do Bósforo,
na direção do Salmideso²⁹ trácio,
Ares, vizinho da cidade, viu
ambos os filhos de Fineu³⁰ feridos 1080
por golpe infame da feroz mulher
que os tornou cegos; ela, por vingança,
arrancou-lhes das órbitas os olhos
com as próprias mãos sangrentas, empunhando,
em vez de facas, finas lança-deiras. 1085
Choravam na agonia os malsinados
a triste sina de terem nascido
de mal casada mãe, cuja linhagem

recuava todavia aos Erecteidas³¹ 1090
de nobre raça; em cavernas remotas
criara-se enfrentando as tempestades
de Bóreas, seu pai, correndo rápida
como um corcel pelas altas montanhas,
essa filha de deuses; mas as Parcas
eternas também a feriram, filha. 1095

Entra TIRÉSIAS, guiado por um menino.

TIRÉSIAS

Agitado.

Nosso caminho foi um só, chefes de Tebas,
dois vendo pelos olhos de um, pois quem é cego
precisa, para caminhar, de alguém que o guie.

CREONTE

Então, velho Tirésias, quais as novidades?

TIRÉSIAS

Já vou dizê-las; quanto a ti, crê no profeta. 1100

CREONTE

Nunca fui desatento às tuas advertências.

TIRÉSIAS

Por isso tens guiado bem esta cidade.

CREONTE

A minha experiência atesta esse proveito.

TIRÉSIAS

Ouve: de novo está pendente a tua sorte.

CREONTE

Que há? Tuas palavras fazem-me tremer. 1105

TIRÉSIAS

Pelos indícios, que ouvirás, de minha arte,
já saberás. Estava eu no antigo assento
profético onde as aves todas se reúnem
dentro do alcance dos sentidos que me restam,
quando um clamor confuso ouvi de aves estrídulas
gritando maus presságios ininteligíveis. 1110

E deduzi que umas às outras se feriam
com as garras, mortalmente (o estrépito das asas
não me deixava dúvidas). De imediato
tentei, amedrontado, recorrer ao fogo 1115
em flamejante altar, ansioso por augúrios;
das vítimas, porém, não se elevavam chamas:

liquefazia-se a gordura sobreposta
às coxas e molhava as brasas crepitantes,
de onde saía só desagradável fumo; 1120

o fel se evaporava, os ossos descobriam-se
nas coxas, encharcadas por muita gordura.
Assim fiquei sabendo por este menino,
que nos rituais divinatórios os presságios
não se manifestavam, pois ele é meu guia 1125

como eu sou guia de outros. E é por tua causa,
por tuas decisões, que está enferma Tebas.
Nossos altares todos e o fogo sagrado
estão poluídos por carniça do cadáver
do desditoso filho de Édipo, espalhada 1130

pelas aves e pelos cães; por isso os deuses
já não escutam nossas preces nem aceitam
os nossos sacrifícios, nem sequer as chamas
das coxas; nem os pássaros dão sinais claros
com seus gritos estrídulos, pois já provaram
gordura e sangue de homem podre. Pensa, então,
em tudo isso, filho. Os homens todos erram
mas quem comete um erro não é insensato,
nem sofre pelo mal que fez, se o remedia
em vez de preferir mostrar-se inabalável;
de fato, a intransigência leva à estupidez.
Cede ao defunto, então! Não firas um cadáver!
Matar de novo um morto é prova de coragem?
Pensei só no teu bem e é por teu bem que falo.
Convém ouvir a fala do bom conselheiro
se seus conselhos são para nosso proveito.

CREONTE

Tu, ancião, e todos vós, fazeis-me o alvo
de vossas flechas, como arqueiros; não me poupa
também, agora, o teu poder divinatório.
Há muito tempo a tua confraria explora-me
e faz de mim o seu negócio; prossegui,
lucrai; negociai, se for vossa vontade,
o electro lá de Sardes³² ou da Índia o ouro,
mas aquele cadáver não enterrareis;
nem se quiserem as próprias águias de Zeus
levar pedaços de carniça até seu trono,
nem mesmo por temor de tal profanação
concordaria eu com o funeral, pois sei
que homem nenhum consegue profanar os deuses.
Mostram sua vileza os homens mais astutos,
velho Tirésias, ao tentar dissimular

pensamentos indignos com belas palavras,
preocupados tão somente com mais lucros.

TIRÉSIAS

Ah! Saberá alguém, ou imaginará...

CREONTE

Que dizes? Falas como se todos soubéssemos.

1165

TIRÉSIAS

...que o bom conselho é a riqueza mais preciosa?

CREONTE

Tal como, penso eu, a insânia é o mal pior.

TIRÉSIAS

Estás enfermo, e gravemente, desse mal.

CREONTE

Para não insultar um adivinho, calo-me.

TIRÉSIAS

Mas, já disseste que menti nos vaticínios.

1170

CREONTE

Por ser gananciosa a raça dos profetas.

TIRÉSIAS

E a dos tiranos ama só o ganho sórdido.

CREONTE

Sabes que estás falando com teu próprio rei?

TIRÉSIAS

Sei, pois graças a mim salvaste esta cidade.

CREONTE

És sábio, mas também amigo da injustiça.

1175

TIRÉSIAS

Forças-me a revelar coisas ocultas na alma.

CREONTE

Revela, mas não lucrarás com tua fala.

TIRÉSIAS

Na parte que te cabe, também penso assim.

CREONTE

Pois não barganharás com a minha decisão!

TIRÉSIAS

Então fica sabendo, e bem, que não verás
o rápido carro do sol dar muitas voltas
antes de ofereceres um parente morto
como resgate certo de mais gente morta,

1180

pois tu lançaste às profundezas um ser vivo
e ignobilmente o sepultaste, enquanto aqui 1185
reténs um morto sem exéquias, insepulto,
negado aos deuses íferos. Não tens, nem tu,
nem mesmo os deuses das alturas, tal direito;
isso é violência tua ousada contra os céus!
Estão por isso à tua espreita as vingativas, 1190
terríveis Fúrias dos infernos e dos deuses,
para que sejas vítima dos mesmos males.
Vê bem se é por ganância que digo estas coisas!
Num tempo não muito distante se ouvirão
gemidos de homens e mulheres de teu lar. 1195
Levantam-se como inimigas contra ti
as terras todas cujos numerosos filhos
dilacerados só tiveram funerais
feitos por cães, por feras ou por aves lépidas
que a cada uma das cidades onde tinham 1200
seus lares levaram sacrílegos miasmas.
Já que me provocaste, vou dizer agora:
as flechas dirigidas ao teu coração
fui eu que as disparei em minha indignação,
certeiras como as de um arqueiro experiente; 1205
e da pungência delas não escaparás.

Dirigindo-se ao menino que o trouxera.

Menino, leva-me de volta à nossa casa;
lance ele a sua cólera contra os mais moços,
e aprenda a usar a língua com moderação,
e traga dentro de seu peito sentimentos 1210
melhores que os alardeados neste instante!

Sai TIRÉSIAS, guiado pelo menino.

CORIFEU

Senhor, esse homem retirou-se após dizer
terríveis profecias e desde que vi
os meus cabelos, antes negros, alvejarem,
ele jamais previu mentiras à cidade.

1215

CREONTE

Sei disso, eu mesmo, e tenho o coração perplexo.
Ceder é duro, mas só por intransigência
deixar que a cólera me arruine, é também duro.

CORIFEU

Cuidado, Creonte, filho de Meneceu!

CREONTE

Que devo então fazer? Dize e obedecerei.

1220

CORIFEU

Vai à caverna subterrânea e solta a moça.
Para o cadáver insepulto, faze um túmulo.

CREONTE

É o teu conselho? Achas melhor que eu ceda agora?

CORIFEU

E sem demora, rei; a punição divina
caminha por atalhos e com pés velozes
e logo alcança os que praticam más ações.

1225

CREONTE

Pobre de mim! Penosamente renuncio
à minha decisão e passo a proceder
segundo o teu conselho; não insistirei
neste combate vão contra o inevitável.

1230

CORIFEU

Vai já e age! Não incumbas outros disso!

CREONTE

Irei imediatamente. E vós, criados,
marchai. Marchai, presentes e também ausentes,
depressa, até o lugar por todos conhecido,
portando em vossas mãos a ferramenta própria!
Já que mudou de rumo a minha opinião,
irei soltar Antígona, eu que a prendi.
Agora penso que é melhor chegar ao fim
da vida obedecendo às leis inabaláveis.

1235

CORO

Deus de múltiplos nomes, alegria
da virgem Cadmeia,³³ da mesma raça
de Zeus tonitruante, protetor
da Itália gloriosa, tu, que reinas
no fundo vale aonde todos vão,
sacrário de Deméter Eleusínia,³⁴
Baco, patrono da cidade-mãe
das Bacantes, de Tebas que se alonga
pelo caminho líquido do Ismeno³⁵
sobre a semente do dragão feroz!³⁶
A tocha inquieta ardendo sobre o monte
de duas pontas viu-te lá por onde
se precipitam as ninfas Corícias,³⁷

1240

1245

1250

tuas Bacantes, e a fonte Castália.
Vens das escarpas, recobertas de hera,
dos píncaros de Nisa e das encostas 1255
verdes de vinhas sobrecarregadas
de cachos, e teu nome é celebrado
em cantos imortais quando visitas
as ruas da cidade ilustre — Tebas —,
tão distinguidas por ti mesmo quanto 1260
por tua mãe que um raio fulminou.
E agora, que a cidade e o povo todo
são presas de um flagelo violento,
vem, com teus purificadores pés,
pelas alturas do monte Parnaso 1265
ou cruza, então, o ruidoso passo!³⁸
Tu, condutor das danças das estrelas
ígneas, maestro das noturnas vozes,
criança de Zeus poderoso, rei,
mostra-te a nós com o séquito das Tíades³⁹ 1270
de Naxos, que em bailados delirantes,
intermináveis, pela noite adentro
te adoram, Íaco,⁴⁰ rei generoso!

Entra o primeiro MENSAGEIRO.

1º MENSAGEIRO

Vós, que morais nas vizinhanças do palácio
de Cadmo e de Anfíon, escutai-me agora: 1275
nenhum sucesso nesta vida pode ser
por muito tempo elogiado ou censurado.
A boa sorte põe de pé, o azar derriba
felizes e infelizes incessantemente
e nem os adivinhos podem confirmar 1280
o que o destino prefixou para os mortais.
Creonte ainda há pouco tempo parecia

digno de inveja em minha própria opinião;
ele salvara um dia de seus inimigos
este solo cadmeu e nele era monarca 1285
incontestado e glorioso pai, também,
de nobres filhos; hoje tudo está perdido.
Quando os mortais não podem mais sentir prazeres
já não os considero criaturas vivas,
mas míseros cadáveres que ainda respiram. 1290
Se queres, amontoa em tua própria casa
riquezas mil e vive com a magnificência
de um rei; mas, se isso não te traz contentamento,
eu não daria nem a sombra da fumaça
por todo o resto, pois não há para os mortais 1295
nada que seja comparável ao prazer.

CORIFEU

Que novos males para nosso rei revelas?

1º MENSAGEIRO

Morreram... E a causa da morte são os vivos.

CORIFEU

Mas quem matou? E quem foi morto? Dize logo!

1º MENSAGEIRO

Hêmon morreu; matou-o mão ligada a ele. 1300

CORIFEU

A mão paterna? Ou terá sido a dele mesmo?

1º MENSAGEIRO

Foi ele, em fúria contra o crime de seu pai.

CORIFEU

Ah! Adivinho! Era verdade o que dizias!

1º MENSAGEIRO

Isso é passado. Cumpre-nos pensar no resto.

CORIFEU

Mas, vejo aproximar-se a infeliz Eurídice,
esposa de Creonte; ela vem do palácio
para saber do filho, ou, talvez, por acaso.

1305

Entra EURÍDICE.

EURÍDICE

Ouvi vossas palavras, cidadãos presentes,
quando saía para reverenciar
com orações a deusa Palas.⁴¹ No momento
em que os ferrolhos do portão eu recolhia
para poder passar, feriram-me os ouvidos
notícias tristes de tragédia na família;
o susto fez-me recuar, cheia de medo,
e desmaiei nos braços de minhas criadas
Dizei-me novamente qual foi a mensagem;
eu não a ouço como estranha a tais desgraças.

1310

1315

1º MENSAGEIRO

Falar-te-ei na condição de testemunha,

minha cara senhora, e não omitirei
sequer uma palavra da verdade toda. 1320
Por que haveria eu de te agradar agora
se logo os fatos poderiam revelar
minha mentira? É reta a via da verdade.
Segui com teu esposo, como guia, até
a desolada elevação onde jazia 1325
inda por sepultar, impiamente, o corpo
de Polinices, pasto de saciados cães.
À deusa das encruzilhadas e a Plutão⁴²
oramos, para suavizar a sua cólera;
lavamos o cadáver com água lustral 1330
e com recém-colhidos galhos em seguida
incineramos aqueles restos mortais;
com a terra onde ele veio ao mundo preparamos
um sepulcro saliente para as suas cinzas.
Encaminhamo-nos depois na direção 1335
do leito nupcial de pedra onde estaria
a noiva prometida à Morte. Inda de longe
ouviu algum dos nossos o som de gemidos
pungentes, vindos daquela estranha alcova
onde não eram celebrados ritos fúnebres; 1340
e quem ouviu veio contar ao rei Creonte.
Quanto mais perto ele chegava do lugar,
mais o envolviam os confusos sons de gritos
doridos, e ele disse entre soluços lúgubres:
“Como sou infeliz! Será que eu adivinho? 1345
“Estarei indo agora pelo mais funesto
“de todos os caminhos jamais percorridos?
“Recebe-me a voz de meu filho? Ide depressa,
“aproximai-vos, servos, e quando chegardes
“à tumba removei a lápide que a fecha, 1350
“passai pela abertura e ide até a entrada
“para verificar se é mesmo a voz de Hêmon

“que escuto, ou se sou enganado pelos deuses!”
Foram cumpridas logo as ordens de nosso senhor
desalentado; no interior do calabouço 1355
vimos pendente a moça, estrangulada em laço
improvisado com seu próprio véu de linho;
Hêmon, cingindo-a num desesperado abraço
estritamente, lamentava a prometida
que vinha de perder, levada pela morte, 1360
e os atos de seu pai, e as malsinadas núpcias.
Quando este o viu, entre gemidos horrorosos
aproximou-se dele e com a voz compungida
chamou-o: “Ah! Infeliz! Que estás fazendo aí?
“Que ideia te ocorreu? Qual a calamidade 1365
“que assim te faz perder o senso? Sai, meu filho!
“Eu te suplico! Imploro!” O moço, todavia,
olhando-o com expressão feroz, sem responder
cuspiu-lhe em pleno rosto e o atacou sacando
a espada de dois gumes; mas o pai desviou-se 1370
e recuou, fazendo-o errar o golpe; então,
com raiva de si mesmo, o desditoso filho
com todo o peso de seu corpo se deitou
sobre a aguçada espada que lhe traspassou
o próprio flanco; no momento derradeiro 1375
de lucidez, inda enlaçou a virgem morta
num languescente abraço, e em golfadas súbitas
lançou em suas faces lívidas um jato
impetuoso e rubro de abundante sangue.
E jazem lado a lado agora morto e morta, 1380
cumprindo os ritos nupciais — ah! infelizes! —
não nesta vida, mas lá na mansão da Morte,
mostrando aos homens que, dos defeitos humanos,
a irreflexão é incontestavelmente o máximo.

EURÍDICE volta silenciosamente ao palácio.

CORIFEU

Após alguns momentos de silêncio geral.

Que se há de pensar disso? Ela se retirou
sem proferir uma palavra, boa ou má. 1385

1º MENSAGEIRO

Também estou atônito, porém espero
que, diante da notícia acerca de seu filho,
não lhe pareça decoroso lamentar-se
em público e prefira prantear lá dentro,
em seu palácio, o luto familiar com as servas. 1390
Ela não há de ter ficado transtornada
a ponto de cometer algum desatino.

CORIFEU

Não sei... Silêncios excessivos me parecem
tão graves quanto o exagerado, inútil pranto. 1395

1º MENSAGEIRO

É, mas entrando no palácio saberemos
se ela não dissimula algum plano secreto
em seu magoado coração. Disseste bem;
pode haver ameaças nos grandes silêncios.

Sai o primeiro MENSAGEIRO. Entra CREONTE, trazendo o corpo coberto de HÊMÓN.

CORIFEU

Mas, eis ali o próprio rei que chega
trazendo em suas mãos, revelador,
o testemunho não de alheia insânia, 1400

mas de erros que ele mesmo cometeu.

CREONTE

Erros cruéis de uma alma desalmada!⁴³

Vede, mortais, o matador e o morto, 1405

do mesmo sangue! Ai! Infeliz de mim
por minhas decisões irrefletidas!

Ah! Filho meu! Levou-te, inda imaturo,
tão prematura morte — ai! ai de mim! —
por minha irreflexão, não pela tua! 1410

CORIFEU

Como tardaste a distinguir o que era justo!

CREONTE

Ah! Hoje sei quão infeliz eu sou,

mas penso que algum deus, com muita força,

golpeou-me na cabeça e me impeliu

para os caminhos da ferocidade 1415

— pobre de mim! — calcando sob os pés

e destruindo todo o meu prazer!

Ah! Sofrimento dos sofridos homens!

Sai do palácio o segundo MENSAGEIRO, correndo.

2º MENSAGEIRO

Quantas desgraças tens de suportar, senhor!

Uma trazes contigo, nos teus próprios braços, 1420

e em tua casa há outra, que logo verás!

CREONTE

Ainda pode haver males piores que este?

2º MENSAGEIRO

Morreu tua mulher, mãe infeliz do morto,
há pouco, vítima de golpe bem recente.

CREONTE

Ah! Boca inexorável dos infernos! 1425
Por que me estás matando? Sim! Por quê?
Tu, mensageiro da calamidade
triste até de narrar, que vais contar-me?
Ai! Ai de mim! Matas um homem morto!
Que dizes, meu rapaz? Que tens ainda 1430
a me falar? Ai! Infeliz de mim!
É o fim sangrento de minha mulher,
caída nesta sucessão de mortes?

Abre-se a porta do palácio e aparece o cadáver de EURÍDICE, coberto, trazido por criados.

2º MENSAGEIRO

Ei-la presente; já deixou sua morada.

CREONTE

Ai! Ai de mim! Contemplo neste instante 1435
outra calamidade — é a segunda,
pobre de mim! Qual o destino — qual! —
que ainda me espera? Trouxe há pouco tempo
meu filho nos meus braços — ai de mim! —
e vejo aqui em frente outro cadáver! 1440
Ah! Mãe desventurada! Ah! Filho meu!

2º MENSAGEIRO

Ela cerrou as pálpebras, envolta em trevas
ferindo-se com fina faca ao pé do altar,
depois de lamentar a morte gloriosa
de Megareu,⁴⁴ primeiro morto, e logo a deste, 1445
amaldiçoando-te nos últimos momentos,
a ti, ao assassino de seus próprios filhos.

CREONTE

Ai! Infeliz de mim! Tremo de medo!
Por que alguém não me golpeia
no peito com uma espada de dois gumes? 1450
Sou um miserável — coitado de mim! —
abismado em misérias horrorosas!

2º MENSAGEIRO

A morta que aqui vês te atribuiu a culpa
desta calamidade e até da anterior.

CREONTE

Como lhe veio a morte violenta? 1455

2º MENSAGEIRO

Com as próprias mãos ela se apunhalou no fígado
logo que soube da desgraça atroz do filho.

CREONTE

Ai! Ai de mim! O autor destas desgraças
sou eu e nunca as atribuirão

a qualquer outro entre os mortais, pois eu, 1460
só eu as cometi, pobre de mim!
Fui eu, e falo apenas a verdade!
Levai-me imediatamente, escravos,
para bem longe, pois não sou mais nada!

CORIFEU

É boa a tua sugestão, se pode haver 1465
algo de bom entre tão numerosos males.
Quanto mais breve for o mal, tanto melhor.

CREONTE

Venha! Aconteça a última das mortes
— a minha! — e traga o meu dia final,
o mais feliz de todos! Venha! Venha, 1470
pois não quero viver nem mais um dia!

CORIFEU

Isto é futuro; antes, cuidemos do presente;
trate do resto quem tiver essa incumbência.

CREONTE

Já disse o meu desejo numa súplica.

CORIFEU

Nada mais peças, pois não podem os mortais 1475
livrar-se do destino a eles prefixado.

CREONTE

Levem para bem longe este demente

que sem querer te assassinou, meu filho,
e a ti também, mulher! Ai! Ai de mim!
Não sei qual dos dois mortos devo olhar
nem para onde devo encaminhar-me!

1480

Pondo as mãos sobre o cadáver de HÊMON.

Tudo perdi contigo, que ora sinto
em minhas mãos, e com nova desgraça
inda mais dura esmaga-me o destino!

CREONTE é levado lentamente para o palácio.

CORO

Acompanhando a lenta retirada de CREONTE.

Destaca-se a prudência sobremodo
como a primeira condição
para a felicidade. Não se deve
ofender os deuses em nada.⁴⁵

1485

A desmedida empáfia nas palavras
reverte em desmedidos golpes
contra os soberbos que, já na velhice,
aprendem afinal prudência.

1490

FIM

NOTAS À ANTÍGONA

1. *Zeus*: o deus maior da mitologia grega (o Júpiter dos latinos).
2. Os detalhes relativos aos infortúnios de Édipo e de Jocasta constituem a parte final do *Édipo Rei*, de Sófocles.
3. Tebas era cercada de muralhas e se entrava na cidade através de sete portas, entre torres que formavam a “coroa da cidade” (veja-se o verso 133).
4. *Manancial de Dirce*: Tebas estava situada entre as nascentes de Dirce e o rio Ismeno.
5. Alusão aos penachos brancos que encimavam os elmos dos guerreiros de Argos, também ornados de “abundante crina” em sua parte posterior.
6. *Hefesto*: deus do fogo dos gregos (o Vulcano dos latinos).
7. *Ares*: o deus da guerra e das mortes violentas em geral na mitologia grega (o Marte dos latinos).
8. *Dragão tebano*: alusão à suposta origem dos primeiros habitantes de Tebas, que teriam nascido dos dentes de um dragão morto por Cadmos, fundador da cidade, ao chegar ao local onde ela se situaria. Dos dentes semeados teriam nascido soldados inteiramente armados, os primeiros tebanos.
9. *Baco*: um dos nomes de Diôniso, deus padroeiro de Tebas, condutor das Bacantes em suas danças delirantes, que faziam “tremar o chão de Tebas”.
10. *Laio*: antigo rei de Tebas, pai de Édipo.
11. Sófocles revela magnificamente, nesta cena, sua arte de criar tipos, delineando-os com perfeição por meio apenas de suas próprias falas.
12. Práticas já usadas entre os gregos da idade heróica para provar a inocência de acusados.
13. É notável o contraste, certamente premeditado por Sófocles, entre o hino de exaltação dos poderes maravilhosos do homem diante da natureza, criando até as leis que regem os povos e mantêm os Estados, e a prisão de Antígona, logo após esse coro de louvores à sapiência humana. Veja-se, a propósito, Werner Jaeger, *Paideia*, página 259 da tradução espanhola (edição em um volume), que sublinha o uso da ironia trágica por Sófocles. A repetição “maravilhas... maravilhosa” (como inúmeras outras nas tragédias de Sófocles) está no original.
14. *Ela*: Antígona.
15. *Labdácidas*: descendentes de Lábdaco, pai de Laio e avô de Édipo.
16. *Tempo divino*: literalmente: “divinos meses”.
17. *O deus dos mortos*: literalmente “Hades”, divindade principal do reino das sombras para onde iam os mortos e, por extensão, a sua própria morada. No verso 919, “região das sombras” corresponde também a Hades no original.
18. *Para seus domínios*: literalmente “para as margens do Aqueronte”, rio que os mortos atravessavam para nunca mais voltar, ao entrar no reino das sombras. No verso 911, “com o negro inferno”, literalmente “com o Aqueronte”.

19. *Filha de Tântalo*: Níobe. Segundo a lenda, orgulhosa com o número e a beleza de seus filhos, ela vangloriava-se de ser superior a Leto, mãe de Apolo e de Ártemis, que lhe exterminaram todos os filhos, menos Clóris. Níobe, de tanta dor, petrificou-se.

20. *Sípilo*: montanha da Frígia, pátria de Níobe.

21. Veja-se a nota 4.

22. *Três vezes manifesto*: alusão às desditas de três gerações dos labdácidas (Laio, Édipo e seus filhos).

23. *Morte*: literalmente “Perséfone”, mulher de Hades, deusa dos mortos.

24. *Tendo de opor-me a todos os concidadãos* é dito, aqui, em tom sarcástico, pois Antígona repete as palavras de Ismene no verso 88.

25. *Dânae*: filha de Acrísio, rei lendário de Argos, e de Eurídice. Seu pai, prevenido por um oráculo de que um filho de Dânae o mataria, quis evitar a consumação da predição e, para isso, encerrou a filha numa torre de bronze. Tudo foi inútil, pois Zeus, vencido pela beleza de Dânae, introduziu-se na torre transformado em chuva de ouro, fecundou a virgem e lhe deu um filho — Perseu —, que matou afinal o avô.

26. O filho de Drias é Licurgo que, por haver menosprezado o culto de Diôniso (veja-se a nota 9), foi cegado por Zeus e encerrado numa caverna no monte Pangeu pelos Edônios, seus súditos, por inspiração de Diôniso.

27. *Bacantes*: sacerdotisas de Diôniso, ou Baco, que celebravam o deus em danças e cantos orgiásticos.

28. *Águas Cianeias*: local em que ficavam as ilhotas rochosas situadas nas proximidades da passagem do mar Negro para o Bósforo.

29. *Salmideso*, baía do mar Negro.

30. Fineu, que tivera de Cleópatra dois filhos (Pléxipo e Pandion), abandonou a mulher para casar-se com outra. A madrasta furou os olhos dos dois filhos de Fineu e de Cleópatra e os encerrou numa caverna.

31. *Erecteidas*: descendentes do rei Erecteu, sexto rei de Atenas.

32. *Sardes*: Capital da Lídia, na Ásia Menor, famosa por suas riquezas e pelo luxo de seus habitantes.

33. *Virgem Cadmeia*: Semele, que, amada por Zeus, se tornou mãe de Diôniso, ou Baco.

34. *Deméter*: deusa da fecundidade da terra, cultuada principalmente no famoso templo de Eleusis (nas proximidades de Atenas).

35. *Ismeno*: rio que atravessa Tebas.

36. *Dragão feroz*: veja-se a nota 8.

37. *Ninfas Corícias*: ninfas habitantes da caverna Corícia, no monte Parnaso, onde também ficava a fonte Castália mencionada no verso 1253.

38. *Ruidoso passo*: o estreito do Euripo, entre a Eubeia e a Beócia.

39. *Tíades*: outro nome das Bacantes.

40. *Íaco*: epíteto de Baco, significando “ruidoso”.

41. *Palas*: uma das designações de Atena, deusa da mitologia grega (a Minerva dos latinos).

42. *A deusa das encruzilhadas*: Hécate, deusa ligada às práticas mágicas. *Plutão*: um dos nomes de Hades.

43. *Alma desalmada*: o jogo de palavras, como todos os que abundam nas peças de Sófocles, está no original. Veja-se adiante o verso 1418.

44. *Megareu*: outro filho de Creonte e de Eurídice, morto na defesa de Tebas. A “calamidade anterior” referida no verso 1454 é a morte de Megareu.

45. Destaca-se em todas as tragédias de Sófocles a extrema religiosidade do autor, e seu respeito irrestrito às crenças tradicionais, inclusive aos oráculos.

Copyright © 1989, Mário da Gama Kury

Reservados ao tradutor os direitos de representação
teatral, de televisão, de radiofonia, fotomecânicos etc.

Copyright desta edição © 1990:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2529-4750 / fax: (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

ISBN: 978-85-378-0983-9

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

EXPRESSO
ZAHAR



Uma tragédia grega

ÉDIPO REI

Sófocles

Édipo rei

Sófocles

9788537809815

86 páginas

[Compre agora e leia](#)

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Édipo, rei de Tebas, acredita ser filho do rei Pôlibo de Corinto e de sua rainha. Ele havia se tornado governante de Tebas depois de salvar a cidade desvendando o enigma da Esfinge que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro. Como Laio, o rei de Tebas havia sido morto durante uma viagem, Édipo casa-se com a rainha viúva, Jocasta, e assume a coroa. Édipo havia deixado Corinto para sempre porque um oráculo profetizou que ele mataria seu próprio pai e se casaria com sua mãe. Na viagem de Corinto para Tebas, Édipo encontra um homem velho e cinco servos. Sem saber que se trata de Laio, seu verdadeiro pai, Édipo discute com ele e, num ataque de arrogância, mata o homem e seus servos. Por muitos anos Édipo governa Tebas como um grande e valente rei. Até que uma peste começa a dizimar os habitantes da cidade e Édipo ordena uma consulta ao oráculo Tirésias. Tirésias lhe revela então que todo infortúnio que se abate sobre a cidade é causado por ele próprio, por ter assassinado o pai e casado com a própria mãe.

[Compre agora e leia](#)

EXPRESSO
ZAHAR



Uma tragédia grega

PROMETEU ACORRENTADO

Ésquilo

Prometeu acorrentado

Ésquilo

9788537809907

61 páginas

[Compre agora e leia](#)

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

O titã Prometeu, vítima da ira de Zeus, é pregado num rochedo com a alegação de que se rebelara contra a vontade divina com o intuito de ajudar a humanidade primitiva.

Prometeu proclama a sua indignação diante do céu, do mar e da terra à sua volta declarando que, por amor às criaturas humanas, conseguiu salvá-las da destruição e lhes deu o fogo por ele roubado do céu, permitindo assim o início da civilização. Tratado desdenhosamente por Prometeu, Hermes anuncia-lhe torturas ainda mais cruéis: a águia que devoraria a cada dia seu fígado, que se recomporia também diariamente, e um cataclismo que o lançaria no Hades.

Além dessa peça Ésquilo escreveu duas outras sobre o mesmo tema: Prometeu portador do fogo e Prometeu libertado, das quais nos restam apenas fragmentos.

[Compre agora e leia](#)

EXPRESSO
ZAHAR



Uma tragédia grega

ÉDIPO EM COLONO

Sófocles

Édipo em Colono

Sófocles

9788537809822

100 páginas

[Compre agora e leia](#)

Consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Os antecedentes do Édipo em Colono estão em grande parte no Édipo Rei. Depois de cegar-se perfurando os olhos ao descobrir a enormidade de sua desgraça, Édipo continuou a viver em Tebas, onde Etéocles e Polinices, seus filhos, disputavam o trono da cidade. Absorvidos por suas ambições, os dois mostraram-se insensíveis em relação ao imenso infortúnio do pai, que por causa disso os amaldiçoou. Revoltados, Etéocles e Polinices expulsaram Édipo de Tebas. Após perambular pela Grécia como mendigo, guiado por sua filha Antígona, Édipo chega afinal às imediações de um bosque em Colono, localidade próxima a Atenas, onde cumpre a profecia de ser tragado pela terra, segundo um oráculo.

[Compre agora e leia](#)

EXPRESSO
ZAHAR



Uma tragédia grega

ELECTRA

Sófocles

Electra

Sófocles

9788537809884

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

O enredo dessa tragédia segue Orestes em seu retorno a Micenas para matar a mãe, Clitemnestra e seu amante Egisto como vingança pelo assassinato de seu pai, Agamêmnon. Na peça, entretanto, o foco principal é a irmã de Orestes, Electra e sua angustiada participação nos planos do irmão. Para conseguir entrar no palácio e poder executar sua vingança Orestes espalha a falsa notícia de sua morte. Acreditando no boato que ouve, Electra tenta, sem sucesso, aliciar a irmã Crisôtemis para assassinar a mãe. Numa cena dramática, Orestes chega disfarçado e entrega a Electra a urna que deveria conter suas próprias cinzas. Movido pela demonstração de pesar da irmã, Orestes revela sua verdadeira identidade a Electra e mata, sem piedade, sua mãe e o amante dela.

[Compre agora e leia](#)

EXPRESSO
ZAHAR



Um caso de
Sherlock Holmes

ESCÂNDALO NA BOÊMIA

Arthur Conan Doyle

Escândalo na Boêmia

Conan Doyle, Arthur

9788537811627

34 páginas

[Compre agora e leia](#)

A consagrada tradução dos Clássicos Zahar

Esse primeiro conto de Sherlock Holmes publicado na Strand Magazine inaugura a parceria de Holmes e Watson. Escândalo na Boêmia é também a única história em que vemos o detetive derrotado. Procurado pelo rei da Boêmia, Holmes se vê em busca de uma fotografia em poder de uma mulher que pode prejudicar o rei que está prestes a se casar. Irene Adler, a antiga amante do rei, no entanto, foge com a prova do crime depois de conseguir despistar o famoso detetive.

[Compre agora e leia](#)



Tchekhov em Moscou, 1897. Foto de Alieksandr Tchekhov.

Anton Tchekhov

A GAIVOTA

Tradução e posfácio
Rubens Figueiredo

Cosac & Naify

2004

A GAIVOTA *Comédia em quatro atos*

PERSONAGENS

IRINA NIKOLÁIEVNA ARKÁDINA *atriz; Trepliova depois de casada*

KONSTANTIN GAVRÍLOVITCH TREPLIOV *seu filho, jovem*

PIOTR NIKOLÁIEVITCH SÓRIN *irmão dela*

NINA MIKHAILOVNA ZARIËTCHNAIA *moça, filha de um rico
proprietário de terras*

ILIÁ AFANÁSSIEVITCH CHAMRAIEV *tenente reformado,
administrador a serviço de Sórin*

POLINA ANDRÉIEVNA *sua esposa*

MACHA *sua filha*

BORIS ALEKSÊIEVITCH TRIGÓRIN *escritor*

IEVGUËNI SIERGUÊIEVITCH DORN *médico*

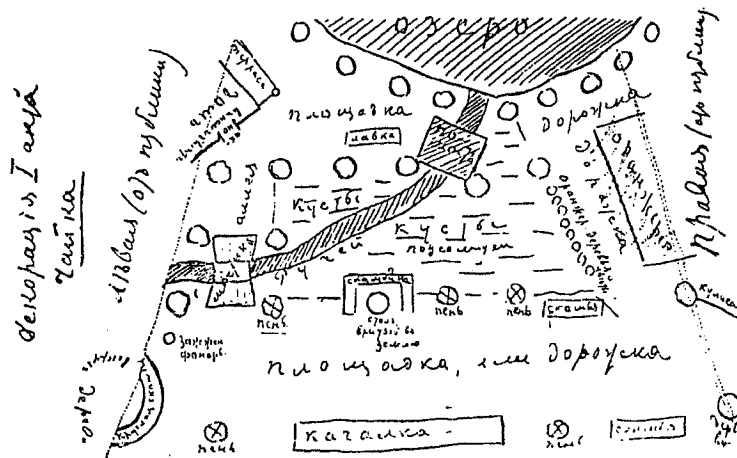
SIEMIION SIEMIÓNOVITCH MIEDVIEDIËNKO *professor*

IÁKOV *trabalhador*

COZINHEIRO

CRIADA

Esboço de Stanislávski para o primeiro ato.



A ação se passa na propriedade rural de Sórin. Entre o terceiro e o quarto ato, há um intervalo de dois anos.



112
A gaiivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou. Primeiro ato: Sórin (V. V. Lujski), Trepliov (V. E. Meierhold), Nina (M. L. Roksánova).

PRIMEIRO ATO

Um trecho do parque na fazenda de Sórin. Uma alameda larga, que parte da platéia e entra pelo parque, rumo a um lago, está parcialmente encoberta por um tablado construído às pressas a fim de servir à apresentação de um espetáculo teatral doméstico, de modo que não é possível ver o lago. Há arbustos à direita e à esquerda do tablado.

Algumas cadeiras, uma mesinha.

O sol acaba de se pôr. No tablado, atrás da cortina baixada, estão Iákov e outros trabalhadores; som de tosse e marteladas. Macha e Miedviediênko entram à esquerda, de volta de um passeio.

MIEDVIEDIÊNKO Por que a senhorita anda sempre de preto?

MACHA Estou de luto pela minha vida. Sou infeliz.

MIEDVIEDIÊNKO Por quê? [*Com ar pensativo*] Não entendo...

A senhorita é saudável, e seu pai, embora não seja rico, tem uma situação bastante confortável. A vida para mim é bem mais difícil do que para a senhorita. Ganho apenas vinte e três rublos por mês, uma parte ainda é descontada para o fundo de pensão, e nem por isso ando de luto.

[*Sentam-se.*]

MACHA A questão não é o dinheiro. Mesmo um pobre pode ser feliz.

MIEDVIEDIÊNKO Só na teoria, pois na prática a situação é a seguinte: eu, minha mãe, duas irmãs, um irmão pequeno e um salário de apenas vinte e três rublos. Por acaso não temos de comer e beber? Não precisamos de chá e açúcar? E o tabaco? Não há como dar jeito nisso.

MACHA [*olhando para o tablado*] O espetáculo vai começar daqui a pouco.

MIEDVIEDIÊNKO Sim. Zariêchnaia vai se apresentar e a peça é uma obra de Konstantin Gavrílovitch. Os dois estão apaixonados e hoje suas almas vão se unir na aspiração de criar uma representação artística única. Mas entre a minha

alma e a sua não existem pontos de contato. Amo a senhorita e, de tanta saudade, não consigo ficar em casa, percorro seis verstas a pé todos os dias para vir aqui, outras seis para voltar e, da sua parte, só encontro indiferença. Mas eu compreendo. Tenho poucos recursos, minha família é grande... Qual mulher vai querer um homem que mal consegue ter o que comer?

MACHA Bobagem. [*Aspira rapé*] O seu amor me comove, mas não consigo corresponder, só isso. [*Oferece a ele a caixinha de rapé*] Sirva-se.

MIEDVIEDIÊNKO Não estou com vontade.

[*Pausa.*]

MACHA Está abafado, deve cair uma tempestade esta noite. O senhor está sempre filosofando ou falando de dinheiro. Para o senhor, não existe infelicidade maior do que a pobreza, enquanto para mim é mil vezes mais fácil vestir andrajos e pedir esmolas do que... Mas o senhor não compreende isso...

[*Sórin e Trepliov entram pela direita.*]

SÓRIN [*apoiando-se na bengala*] No campo, meu caro, não me sinto à vontade e, sem dúvida alguma, nunca vou me habituar a isto. Ontem fui deitar às dez horas e hoje de manhã acordei às nove com a sensação de que, de tanto dormir, meu cérebro havia grudado no crânio. [*Ri*] Depois do almoço, para minha surpresa, caí no sono de novo, e agora

me sinto abatido, é como se vivesse num pesadelo, no fim das contas...

TREPLIOV De fato, seria melhor você morar na cidade. [*Vê Macha e Miedviediênko*] Senhores, serão chamados quando a peça começar, mas agora não podem ficar aqui. Vão embora, por gentileza.

SÓRIN [*para Macha*] Maria Ilinitchna, tenha a gentileza de pedir ao seu paizinho que mande soltar o cachorro para ele parar de latir. Minha irmã passou outra vez a noite inteira sem dormir.

MACHA Fale o senhor mesmo com meu pai, eu não vou falar.

Por favor, me dispense disso. [*Para Miedviediênko*] Vamos!

MIEDVIEDIÊNKO [*para Trepliov*] Então, antes que a peça comece, o senhor mande alguém nos chamar.

[*Saem os dois.*]

SÓRIN Quer dizer que, mais uma vez, o cachorro vai ficar latindo a noite inteira. Está vendo só? No campo, nunca vivo do jeito que quero. Antigamente, me davam vinte e oito dias de folga e eu vinha para cá, para descansar, mas aqui me aborreciam com tantas coisas absurdas que, desde o primeiro dia, minha vontade era ir embora. [*Ri*] Eu sempre me sentia contente de ir embora daqui... Mas agora estou aposentado e, no fim das contas, não tenho outro lugar para ficar. Bem ou mal, vou vivendo...

IÁKOV Vamos tomar banho, Konstantin Gavrilitch.

TREPLIOV Muito bem, mas estejam em seus lugares daqui a dez minutos. [*Olha para o relógio*] Começaremos daqui a pouco.

IÁKOV [*para Trepliov*] Pode deixar. [*Sai*]

TREPLIOV [*olhando de relance para o tablado*] Isto sim é um teatro. A cortina, depois o primeiro bastidor, o segundo bastidor e, em seguida, o espaço vazio. Nenhum cenário. A vista se abre direto para o lago e para o horizonte. Levantaremos a cortina exatamente às oito e meia, quando a lua surgir.

SÓRIN Excelente.

TREPLIOV Se Zariêchnaia se atrasar, o efeito estará perdido, é claro. Já era hora de ela estar aqui. O pai e a madrastra controlam muito e, para ela, sair de casa é tão difícil como sair de uma prisão. [*Ajeita a gravata do tio*] Sua barba e seu cabelo estão muito compridos. Seria melhor aparar um pouco, não acha?

SÓRIN [*penteando a barba*] Esta é a tragédia da minha vida. Na mocidade, eu tinha sempre o aspecto de um bebedor, você nem imagina. As mulheres jamais gostaram de mim. [*Senta-se*] Por que minha irmã anda de mau humor?

TREPLIOV Por quê? Está entediada. [*Senta-se a seu lado*] Sente ciúmes. Já está até contra mim, contra o espetáculo e contra a minha peça, porque não é ela que vai representar, e sim Zariêchnaia. Nem conhece a minha peça mas já a odeia.

SÓRIN [*ri*] Você está imaginando coisas, francamente...

TREPLIOV Ela já está aborrecida porque, nesse palco minúsculo, Zariêchnaia vai brilhar, e não ela. [*Olha para o relógio*] Minha mãe é um caso psicológico muito curioso. Uma mulher de um talento inegável, inteligente, capaz de chorar sobre as páginas de um livro e repetir de cor todos os versos de Niekrássov; cuida dos doentes como um anjo;

mas experimente elogiar Duse diante dela para ver o que acontece. Ah! Só se pode elogiar a ela e a mais ninguém, só se pode escrever sobre ela e aclamá-la e se entusiasmar com a sua extraordinária interpretação em *A dama das camélias* ou em *O enlevo da vida*, mas como aqui no campo não existe esse sedativo, ela se aborrece e se irrita, e todos nós viramos seus inimigos, todos nós somos culpados. Além disso, é supersticiosa, tem medo de três velas acesas e do número treze. É avarenta. No banco, em Odessa, tem guardados setenta mil rublos, sei disso com absoluta certeza. Mas tente pedir um empréstimo e vai ver como na mesma hora ela se põe a chorar.

SÓRIN Você imaginou que sua peça não irá agradar à sua mãe e logo ficou alvoroçado. Acalme-se, sua mãe tem adoração por você.

TREPLIOV [*arrancando as pétalas de uma flor*] Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer. [*ri*] Está vendo? Minha mãe não me ama. E não é de admirar! Ela quer viver, amar, vestir blusas de cores vistosas, mas eu já tenho vinte e cinco anos e, o tempo todo, a faço lembrar que não é mais jovem. Quando não estou presente, mamãe tem só trinta e dois anos mas, ao meu lado, tem quarenta e três e por isso me odeia. Ela também sabe que eu não tenho grande consideração pelo teatro. Ela ama o teatro e lhe parece que, com isso, presta um grande serviço à humanidade, à arte sagrada, mas para mim o teatro contemporâneo não passa de rotina e superstição. Quando a cortina sobe e, à luz da noite, entre as três paredes, esses talentos formidáveis, os sacerdotes da

arte sagrada, representam como as pessoas comem, bebem, amam, andam, vestem seus casacos; quando, das cenas e das frases mais banais, tentam desencavar uma moral — pequenina, fácil de entender, útil para fins domésticos; quando, em mil variantes, me apresentam sempre a mesma coisa, a mesma coisa e a mesma coisa, então eu fujo correndo, como Maupassant fugia da torre Eiffel, que lhe oprimia o cérebro com sua vulgaridade.

SÓRIN É impossível viver sem o teatro.

TREPLIOV Precisamos de formas novas. Formas novas são indispensáveis e, se não existirem, então é melhor que não haja nada. [*Olha para o relógio*] Amo minha mãe, amo de todo coração; mas ela vive de um modo absurdo, sempre às voltas com esse literato, o nome dela aparece toda hora nos jornais, e isso me aborrece. Às vezes, o egoísmo do mais comum dos mortais toma conta de mim; sinto mágoa por minha mãe ser uma atriz famosa e tenho a impressão de que eu seria mais feliz se ela fosse uma mulher comum. Tio, me diga que situação poderia ser mais desesperadora e mais tola: às vezes, na companhia de minha mãe, há uma multidão de celebridades, artistas e escritores, e entre eles só eu não sou nada, todos só me aturam porque sou filho dela. Quem sou? O que sou? Tive de deixar a faculdade no terceiro ano, por circunstâncias independentes da minha vontade, como costumam dizer, não tenho nenhum talento, nenhum centavo no bolso e, segundo a minha carteira de identidade, não passo de um pequeno-burguês de Kiev. Também o meu pai foi um pequeno-burguês de Kiev, embora tenha sido um ator famoso. Então, quando todos

aqueles artistas e escritores reunidos no salão de visitas da minha mãe se dignavam a me dar atenção, eu tinha a impressão de que, com seus olhares, eles mediam a minha insignificância... Eu adivinhava os pensamentos dessa gente e a humilhação me fazia sofrer...

SÓRIN A propósito, me explique, por favor, que tipo de homem é esse escritor? Eu não o entendo. Vive calado.

TREPLIOV Um homem inteligente, simples, um pouquinho melancólico, você sabe como é. Muito honesto. Ainda está longe dos quarenta anos, mas já é famoso e se sente farto da vida... Com relação ao que ele escreve... como posso lhe dizer? Tem beleza, tem talento... Mas... depois de Tolstói ou de Zola, não dá vontade de ler Trigórin.

SÓRIN Pois quanto a mim, meu caro, adoro escritores. No passado, eu desejava apaixonadamente duas coisas: casar e ser um escritor, mas não consegui nem uma coisa nem outra. Pois é. No fim das contas, até ser um escritor menor é agradável.

TREPLIOV [*pondo-se a ouvir com atenção*] Ouço passos... [*Abraça o tio*] Não posso viver sem ela... Até o som dos seus passos é bonito... Fico louco de felicidade. [*Vai às pressas ao encontro de Nina Zariêtnaia, que entra*] Feiticeira, meu sonho...

NINA [*emocionada*] Não cheguei atrasada... Sei que não estou atrasada, estou?

TREPLIOV [*beijando as mãos dela*] Não, não, não...

NINA Fiquei agitada o dia inteiro, senti tanto medo! Tive medo de que papai não me deixasse vir... Mas ele saiu com minha madrasta. O céu está vermelho, a lua já está começando a subir e eu fiz meu cavalo correr e correr tanto! [*Ri*] Mas estou contente. [*Aperta com força a mão de Sórin*]

SÓRIN [Ri] Seus olhinhos parecem ter chorado... Ora, ora!
Isso não é bom!

NINA Não foi nada... Vejam, estou até sem fôlego. Tenho de voltar daqui a meia hora, precisamos nos apressar. Não posso, não posso, não me detenham, pelo amor de Deus. Papai não sabe que estou aqui.

TREPLIOV Na verdade, já é hora de começar. Temos de chamar a todos.

SÓRIN Eu vou buscá-los. Num minuto. [*Segue para a direita e canta*] “Dois granadeiros foram para a França...” [*Olha para trás*] Uma vez cantei assim e um colega procurador me disse: “Vossa Excelência tem a voz possante...” Depois pensou um pouco e acrescentou: “Mas... enjoativa”. [*Ri e sai*]

NINA Papai e sua esposa não me deixam vir para cá. Dizem que aqui só há boêmios... Eles têm medo de que eu acabe me tornando uma atriz... Mas eu me sinto atraída para cá, para o lago, como uma gaivota... Meu coração é todo seu. [*Olha para trás*]

TREPLIOV Estamos sozinhos.

NINA Parece que tem alguém lá...

TREPLIOV Não há ninguém. [*Beijam-se*]

NINA Que árvore é esta?

TREPLIOV Um olmo.

NINA Por que está tão escuro?

TREPLIOV Já está anoitecendo, todas as coisas ficam escuras.
Não vá embora tão cedo, eu imploro.

NINA É impossível.

TREPLIOV E se eu também for à sua casa, Nina? Vou ficar no jardim a noite inteira e olhar para a sua janela.

NINA É impossível. O cão de guarda iria perceber. Tesor ainda não está habituado com você e iria começar a latir.

TREPLIOV Amo você.

NINA Psss...

TREPLIOV [*ouvindo passos*] Quem está aí? É você, Iákov?

IÁKOV [*atrás do tablado*] Sim, senhor.

TREPLIOV Tomem seus lugares. Está na hora. A lua está subindo?

IÁKOV Sim, senhor.

TREPLIOV O álcool está aí? O enxofre também? Quando aparecerem os olhos vermelhos, tem de haver um cheiro de enxofre. [*Para Nina*] Vá, já está tudo preparado. Está nervosa?...

NINA Sim, muito. Sua mãe... Não, dela eu não receio nada, mas Trigórin está aqui... Tenho medo e vergonha de representar diante dele... Um escritor famoso... É jovem?

TREPLIOV É.

NINA Como os contos dele são maravilhosos!

TREPLIOV [*com frieza*] Não sei, nunca li.

NINA É difícil representar a peça que você escreveu. Não tem personagens vivos.

TREPLIOV Personagens vivos! Não se deve representar a vida do jeito que ela é, nem do jeito que devia ser, mas sim como ela se apresenta nos sonhos.

NINA Na sua peça há pouca ação, é só declamação, do início ao fim. E, para mim, uma peça precisa ter amor...

[*Saem por trás do tablado. Entram Polina Andréievna e Dorn.*]

POLINA Está ficando úmido. Volte e calce as galochas.

DORN Estou com calor.

POLINA O senhor não se cuida direito. É pura teimosia. O senhor é médico e sabe muito bem que o ar úmido lhe faz mal, mas insiste nisso só para me fazer sofrer. Ontem, o senhor passou a noite inteira sentado na varanda, de propósito...

DORN [cantarola] "Não diga que a mocidade está perdida."

POLINA O senhor ficou tão empolgado com a conversa com Irina Nikoláievna... que nem notou o frio. Confesse que gostou dela.

DORN Tenho cinqüenta e cinco anos.

POLINA Deixe disso: para um homem, isso não é velhice. O senhor está esplendidamente conservado e ainda agrada às mulheres.

DORN Mas o que a senhora quer dizer, afinal?

POLINA Diante de uma atriz, todos vocês estão sempre dispostos a ficar de joelhos. Todos!

DORN [cantarola] "Estou de novo diante de ti..." Se os atores são admirados na sociedade e recebem um tratamento diferente do que se dispensa, por exemplo, aos comerciantes, isso é perfeitamente natural. É o idealismo.

POLINA As mulheres sempre se apaixonavam pelo senhor e se atiravam nos seus braços. Isso também era idealismo?

DORN [dando de ombros] Ora! Havia muita coisa boa nas atenções que as mulheres me dedicavam. Em mim, elas estimavam sobretudo o médico competente. Uns dez... ou quinze anos atrás, a senhora se lembra, eu era o único obstetra capaz em toda a província. Além do mais, sempre fui um homem honrado.

POLINA [segura a mão dele] Meu querido!

DORN Fale baixo, vem gente.

[Entram Arkádina e Sórin de braços dados, Trigórin, Chamraiev, Miedviediênko e Macha.]

CHAMRAIEV Em 1873, na feira de Poltava, ela representou de forma magnífica. Uma maravilha! Um milagre! [Para Arkádina] Por acaso a senhora não sabe por onde anda agora o cômico Pavel Siemiônitch Tchadin? Ele era incomparável no papel de Raspliuiev, melhor do que Sadovski, eu juro, minha cara. Por onde ele anda agora?

ARKÁDINA O senhor sempre pergunta a respeito dessas pessoas antediluvianas. Como vou saber? [Senta-se]

CHAMRAIEV [suspira] Pachka Tchadin! Não existem mais atores como ele! O teatro entrou em decadência, Irina Nikoláievna! Antigamente, havia carvalhos grandiosos; hoje, só vemos uns toquinhos de árvore.

DORN Hoje há poucos talentos brilhantes, é verdade, mas o nível dos atores medianos melhorou muito.

CHAMRAIEV Não posso concordar com o senhor. Aliás, esta é uma questão de gosto. *De gustibus aut bene, aut nihil.*¹

[Trepliov entra, vindo de trás do tablado.]

ARKÁDINA [para o filho] Meu filho querido, quando a peça vai começar?

TREPLIOV Num minuto. Tenha paciência.

1 Em latim no original: "Sobre o gosto, fale-se bem ou nada se fale". O personagem mistura dois provérbios: "sobre o gosto, não se discute" e "sobre os mortos, fale-se bem ou nada se fale". [N. T.]

ARKÁDINA [*recita um trecho de Hamlet*] “Meu filho, Hamlet! Tu fizeste meus olhos se voltarem para dentro da minha alma e eu a descobri tão coberta de sangue e de chagas mortais que não pode mais haver salvação!”

TREPLIOV [*também de Hamlet*] “Então para que te entregaste ao vício e foste buscar o amor num abismo de crime?”

[*Por trás do tablado, tocam um clarim.*]

TREPLIOV Senhores, vai começar! Peço a atenção de todos! Eu começo. [*Bate com um bastão e fala bem alto*] Ó, veneráveis sombras antigas, que nas horas noturnas pairam sobre este lago, façam-nos dormir e sonhar com aquilo que há de acontecer daqui a duzentos mil anos!

SÓRIN Daqui a duzentos mil anos, não existirá mais nada.

TREPLIOV Pois então que nos mostrem como será esse nada.

ARKÁDINA Assim seja. Já estamos dormindo.

[*A cortina se levanta, surge a vista do lago; a lua, logo acima do horizonte, reflete-se na água; sobre uma pedra grande, está sentada Nina Zariétchnaia, toda de branco.*]

NINA Homens, leões, águias e perdizes, cervos de grandes chifres, gansos, aranhas, peixes silenciosos que habitavam as águas, estrelas do mar e criaturas que os olhos não eram capazes de ver — em suma, todas as vidas, todas as vidas, todas as vidas, depois de concluírem seu triste ciclo, se extinguiram... Há muitos milhares de anos não existe mais uma única criatura viva sobre a terra e esta pobre lua acende sua lanterna em vão.

No prado, os groux já não despertam com um grito, nem se ouvem os besouros nos bosques de tílias. Frio, frio, frio. Deserto, deserto, deserto. Horror, horror, horror.

[*Pausa.*]

NINA Os corpos dos seres vivos se desfizeram em pó e a matéria eterna os transformou em pedra, água, nuvens, e as almas de todos os seres vivos fundiram-se em uma só. A alma do mundo sou eu... eu... Em mim, habita a alma de Alexandre o Grande, de César, de Shakespeare, de Napoleão e a alma da mais reles sanguessuga. Em mim, as consciências de todos fundiram-se com os instintos dos animais e eu me lembro de tudo, de tudo, e sinto em mim todas as vidas viverem de novo.

[*Rebrilham fogos-fátuos no pântano.*]

ARKÁDINA [*em voz baixa*] Isso está um tanto decadentista.

TREPLIOV [*em tom de súplica e de censura*] Mãe!

NINA Estou só. Uma vez a cada cem anos, abro a boca para falar e minha voz ressoa neste deserto tristonho, mas ninguém escuta... E vocês, ó pálidas luzes dos fogos-fátuos, não me escutam... De madrugada, o pântano pútrido as traz ao mundo e vocês, pálidas luzes, vagueiam até a aurora, mas sem pensamentos, sem vontade, sem os tremores da vida. Receoso de que a vida irrompa em vocês, o pai da matéria eterna, o diabo, promove um fluxo incessante de átomos, como acontece com as pedras e a água, e vocês são

continuamente transformadas. No universo, só o espírito permanece constante e invariável.

[Pausa.]

NINA Como um prisioneiro lançado num poço profundo e vazio, não sei onde estou e o que me espera. Para mim, só é claro que, na batalha encarniçada e cruel contra o diabo, origem das forças materiais, estou destinado a sair vencedor, e, depois disso, a matéria e o espírito se fundirão em uma harmonia maravilhosa e terá início o reino da vontade universal. Mas isso só acontecerá quando, pouco a pouco, ao fim de uma longa série de milênios, a lua, a luminosa Sírius e a terra se houverem transformado em poeira... Até lá, o horror, o horror...

[Pausa; no outro lado do lago, surgem dois pontinhos vermelhos.]

NINA Eis que se aproxima meu poderoso adversário, o diabo. Vejo seus olhos rubros e medonhos...

ARKÁDINA Sinto cheiro de enxofre. Será mesmo necessário?

TREPLIOV É, sim.

ARKÁDINA [ri] Ah, é um efeito especial.

TREPLIOV Mãe!

NINA Ele se entedia, sem ninguém...

POLINA [para Dorn] O senhor tirou o chapéu. Cubra-se, ou vai se resfriar.

ARKÁDINA O médico tirou o chapéu porque está diante do diabo, o pai da matéria eterna.

TREPLIOV [com raiva, erguendo a voz] A peça acabou! Chega! Baixem a cortina!

ARKÁDINA Por que você ficou zangado?

TREPLIOV Chega! Cortina! Baixem a cortina! [Bate o pé] Cortina!

[A cortina é baixada.]

TREPLIOV Peço desculpas! Esqueci que só uns poucos eleitos podem escrever peças e representar num palco. Perturbei o monopólio! Para mim... eu... [Ainda deseja falar alguma coisa, mas abana a mão e sai pela esquerda]

ARKÁDINA Mas o que deu nele?

SÓRIN Você o ofendeu.

ARKÁDINA Ele mesmo avisou que era uma brincadeira, então tratei sua peça como uma brincadeira.

SÓRIN Mesmo assim...

ARKÁDINA Pois, então, agora ficamos sabendo que ele escreveu uma obra genial! Era só o que faltava! Quer dizer que ele montou esse espetáculo e soltou essa fumaceira com cheiro de enxofre não por brincadeira, mas como um protesto... Quer nos ensinar como se deve escrever e o que se deve representar... No fim, tudo isso me dá tédio. Esses ataques constantes contra mim, ou essas pirraças, se preferirem, são de encher a paciência de qualquer pessoa! Um menino mimado e birrento.

SÓRIN Ele quis lhe oferecer uma diversão.

ARKÁDINA Ah, é? No entanto, em vez de escolher uma peça comum, ele nos obrigou a escutar esse disparate decadentista. Pois estou disposta a ouvir uma brincadeira, e até um

disparate, mas não essas pretensões a formas novas e a uma nova era na arte. Para mim, não se trata de formas novas, o que há aqui é apenas má índole.

TRIGÓRIN Cada um escreve como quer e como pode.

ARKÁDINA Pois que ele escreva como quiser e como puder, mas que me deixe em paz.

DORN Júpiter, estás irado...²

ARKÁDINA Não sou Júpiter, sou uma mulher. [*Acende um cigarro*] Não estou irada, só lamento que um jovem passe seu tempo de modo tão enfadonho. Eu não queria ofendê-lo.

MIEDVIEDIÊNKO Ninguém dispõe dos meios de separar o espírito da matéria, pois talvez o próprio espírito seja um conjunto de átomos. [*Animado, para Trigórin*] Que tal escrever uma peça sobre como vivem os nossos irmãos professores e levá-la ao palco? É uma vida difícil, muito difícil!

ARKÁDINA É uma idéia justa, mas não vamos falar mais de peças, nem de átomos. A noite está tão agradável! Escutem! Não estão cantando? [*Ouve com atenção*] Que bonito!

POLINA Vem da outra margem.

[*Pausa.*]

ARKÁDINA [*para Trigórin*] Sente-se ao meu lado. Uns dez ou quinze anos atrás, aqui no lago, quase todas as noites se ouvia música e cantoria. Aqui, na beira do lago, existem seis grandes casas de campo. Lembro-me dos risos, das vozes,

² Início de um provérbio latino: "Júpiter, estás irado; significa que estás enganado". [N. T.]

dos tiros das caçadas, dos namoros, tantos namoros... O *jeune premier*, o galã e ídolo das seis propriedades, na época, permitam que lhes apresente [*acena com a cabeça na direção de Dorn*], era o doutor Ievguêni Sierguêievitch. Hoje, é um homem encantador, mas era irresistível naquele tempo. Pronto, minha consciência já começou a me torturar. Por que fui ofender o meu pobre menino? Estou tão aflita. [*Em voz mais alta*] Kóstia! Meu filho! Kóstia!

MACHA Vou procurá-lo.

ARKÁDINA Muito obrigada, querida.

MACHA [*saindo pela esquerda*] Ei! Konstantin Gavrílovitch... Ei! [*Sai*]

NINA [*vindo de trás do tablado*] Está claro que a peça não vai mais continuar, por isso já posso sair. Boa noite para todos! [*Beija Arkádina e Polina Andréievna*]

SÓRIN Bravo! Bravo!

ARKÁDINA Bravo, bravo! Ficamos encantados. Com essa aparência, com essa voz tão fora do comum, é até um pecado ficar escondida aqui no campo. A senhorita parece ter muito talento. Está ouvindo? Seu dever é subir ao palco!

NINA Ah, esse é o meu sonho! [*Suspira*] Mas nunca se tornará realidade.

ARKÁDINA Quem pode saber? Permita que lhe apresente Boris Aleksêievitch Trigórin.

NINA Ah, muito prazer... [*Encabulada*] Leio sempre o que o senhor escreve...

ARKÁDINA [*sentando-se ao lado dela*] Não fique encabulada, minha querida. Trigórin é uma celebridade mas, por dentro, é um homem simples. Veja, ele mesmo está encabulado.

DORN Creio que agora já podemos levantar a cortina, pois deste jeito fica tétrico.

CHAMRAIEV [*em voz alta*] Iákov, levante a cortina, meu rapaz!

[*Ergue-se a cortina.*]

NINA [*para Trigórin*] Não achou estranha essa peça?

TRIGÓRIN Não compreendi nada. Mesmo assim, acompanhei tudo com prazer. A senhorita representou com muita sinceridade. E o cenário era magnífico.

[*Pausa.*]

TRIGÓRIN Nesse lago deve haver muitos peixes.

NINA Há, sim.

TRIGÓRIN Adoro pescar. Para mim, não existe prazer maior do que ficar sentado na beira de um lago, à tardinha, olhando para a bóia presa à linha.

NINA Mas eu imagino que, para quem experimentou o prazer da criação artística, todos os outros prazeres perdem o sentido.

ARKÁDINA [*ri*] Não fale assim. Quando lhe dizem coisas gentis, ele fica muito sem graça.

CHAMRAIEV Lembro que, certa vez, no teatro de ópera em Moscou, o famoso Silva cantou o dó mais grave. Nessa ocasião, como que de propósito, estava sentado na galeria um dos baixos do coro da nossa arquidiocese, e de repente, os senhores podem calcular o nosso espanto, ouvimos uma voz lá na galeria: “Bravo, Silva!”. Uma oitava inteira

abaixo... Assim: [*com voz grave*] “Bravo, Silva!”. O teatro como que congelou.

[*Pausa.*]

DORN Passou um anjo por aqui.

NINA Está na minha hora. Adeus.

ARKÁDINA Aonde vai? Aonde vai tão cedo? Não a deixaremos ir embora.

NINA Papai está à minha espera.

ARKÁDINA Como ele pode fazer isso conosco?

[*Beijam-se.*]

ARKÁDINA Bem, o que se vai fazer? É uma pena que a senhorita tenha de ir embora.

NINA A senhora nem imagina como eu lamento ter de partir.

ARKÁDINA Alguém devia acompanhá-la até sua casa, meu anjo.

NINA [*assustada*] Ah, não. Não!

SÓRIN [*para ela, em tom de súplica*] Fique!

NINA Não posso, Piotr Nikoláievitch.

SÓRIN Fique só mais uma hora. Por favor...

NINA [*após refletir, em lágrimas*] É impossível! [*Abana a mão e sai ligeiro*]

ARKÁDINA Uma jovem muitíssimo infeliz. Dizem que sua falecida mãe deixou de herança para o marido toda a sua imensa fortuna, até o último copeque, e agora essa mocinha ficou sem nada, pois o pai já deixou tudo de herança para a segunda esposa. É revoltante.

DORN Sim, o pai dela, justiça seja feita, é um verdadeiro boçal.
SÓRIN [*esfregando as mãos geladas*] Vamos entrar, senhores, antes que fique muito úmido. Minhas pernas estão doendo.

ARKÁDINA Suas pernas parecem de madeira, quase não se mexem. Vamos lá, velho desafortunado. [*Segura-o pelo braço*]

CHAMRAIEV [*oferecendo o braço à esposa*] Madame?

SÓRIN Estou ouvindo o cachorro uivar de novo. [*Para Chamraiev*] Iliá Afanássievitch, faça a gentileza de mandar soltar esse cachorro.

CHAMRAIEV É impossível, Piotr Nikoláievitch. Tenho medo de que os ladrões entrem no celeiro. Lá, eu guardo o meu pãoço. [*Para Miedviediênko, que caminha a seu lado*] Pois foi assim mesmo, uma oitava inteira abaixo: "Bravo, Silva!". E nem era um cantor de ópera, mas um simples cantor do coro da arquidiocese.

MIEDVIEDIÊNKO E quanto ganha um cantor do coro da arquidiocese?

[*Todos saem, exceto Dorn.*]

DORN [*sozinho*] Não sei, talvez eu não entenda mesmo nada, ou esteja maluco, mas gostei da peça. Há alguma coisa, ali. Quando aquela mocinha falou sobre solidão e depois, quando surgiram os olhos vermelhos do diabo, minhas mãos tremeram de emoção. Há um frescor, uma inocência... Ah, parece ser ele quem vem ali. Eu gostaria de lhe dizer muitas coisas agradáveis.

TREPLIOV [*entra*] Já não tem mais ninguém.

DORN Eu estou aqui.

TREPLIOV A Máchenka andou atrás de mim pelo parque inteiro. Criatura insuportável.

DORN Konstantin Gavrílovitch, a peça do senhor me agradou imensamente. É um tanto estranha e não pude ver o final, mesmo assim o efeito é forte. O senhor é um homem de talento, deve persistir.

[*Trepliov aperta com força sua mão e o abraça, impetuoso.*]

DORN Puxa, como está nervoso! Tem lágrimas nos olhos... Mas o que era mesmo que eu queria lhe dizer? O senhor foi colher seu assunto na esfera das idéias abstratas. E isso é muito bom, porque uma obra de arte deve necessariamente expressar um pensamento elevado. Só o que é sério pode ser belo. Mas como o senhor está pálido!

TREPLIOV Então o senhor diz que devo persistir?

DORN Sim... Mas só ponha em cena o que for importante e eterno. O senhor sabe, levei uma vida bem variada e aproveitei bastante o meu tempo, não tenho do que me queixar, mas se me tivesse acontecido de experimentar uma elevação do espírito, como ocorre com os artistas na hora da criação, acho que eu teria desprezado o meu invólucro material e tudo o que é próprio dele, e me deixado levar para as alturas, para bem longe da terra.

TREPLIOV Perdão, mas onde está Zariêtnaia?

DORN E mais uma coisa. Nas obras de arte, deve haver um pensamento claro, bem definido. O senhor precisa saber para que escreve, senão, ao trilhar esse caminho pitoresco

sem ter um objetivo bem definido, vai acabar se perdendo e o seu talento será a sua perdição.

TREPLIOV [*impaciente*] Onde está Zariêtnaia?

DORN Foi para casa.

TREPLIOV [*em desespero*] O que vou fazer agora? Queria falar com ela... Preciso vê-la de qualquer jeito... Vou atrás dela...

[*Entra Macha.*]

DORN [*para Trepliov*] Acalme-se, meu amigo.

TREPLIOV Irei atrás dela, seja como for. Tenho de ir.

MACHA É melhor ir para casa, Konstantin Gavrílovitch. Sua mãe espera pelo senhor. Está preocupada.

TREPLIOV Diga a ela que parti. Peço a todos vocês que me deixem em paz! Deixem-me! Não venham atrás de mim!

DORN Ora, ora, ora, meu caro... Não se pode agir assim... Não é bom.

TREPLIOV [*entre lágrimas*] Adeus, doutor. Muito obrigado...

[*Sai*]

DORN [*suspira*] Mocidade, mocidade!

MACHA Quando não temos mais nada para dizer, dizemos: "ah, mocidade, mocidade...". [*Aspira rapé*]

DORN [*toma a caixinha de rapé da mão dela e a atira entre as moitas*] Isto é nojento!

[*Pausa.*]

DORN Parece que estão tocando música lá dentro. Vamos até lá.

MACHA Espere.

DORN O que é?

MACHA Ainda quero lhe dizer uma coisa. Quero falar com o senhor... [*Emociona-se*] Não gosto do meu pai... mas meu coração tem um fraco pelo senhor. Não sei por quê, mas sinto com toda minha alma que o senhor é alguém próximo de mim... Ajude-me, ajude-me, para que eu não cometa uma estupidez, não estrague minha vida, não a desperdice... Não agüento mais...

DORN Mas o que há? Ajudá-la como?

MACHA Estou sofrendo. Ninguém, ninguém conhece meus sofrimentos. [*Reclina a cabeça no peito dele, fala em voz baixa*] Amo Konstantin.

DORN Como todos estão nervosos! Como todos estão nervosos! E quanto amor... Ó, lago enfeitado! [*Com ternura*] Mas o que posso fazer, minha criança? O quê? O quê?

[*Cortina.*]



Agaiivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou. Segundo ato: Polina (E. M. Raiévskaja), Dorn (A. K. Vichniévski).

Segundo ato: Nina (M. L. Roksánova), Trigórin (K. S. Stanislávski).



SEGUNDO ATO

Campo de croqué. No canto direito, uma casa com uma ampla varanda; à esquerda, vê-se o lago no qual o sol se reflete e brilha. Flores. Meio-dia. Calor. À beira do campo, à sombra de uma velha tília, estão Arkádina, Dorn e Macha, sentados num banco. Sobre os joelhos de Dorn, um livro aberto.

ARKÁDINA [*para Macha*] Vamos nos levantar.

[*As duas se levantam.*]

ARKÁDINA Vamos ficar lado a lado. A senhorita tem vinte e dois anos e eu tenho quase o dobro. Ievguêni Sierguêievitch, qual de nós duas parece mais jovem?

DORN A senhora, é claro.

ARKÁDINA Viu? E por quê? Porque eu trabalho, eu sinto, vivo atarefada, enquanto a senhorita fica o tempo todo parada, no mesmo lugar, não vive... E eu tenho uma regra: não dirigir meu olhar para o futuro. Nunca penso na velhice, nem na morte. De que adianta, se não há como evitar?

MACHA Pois tenho a sensação de que nasci há muito, muito tempo; arrasto a minha vida, como uma interminável cauda de vestido... E muitas vezes não sinto a menor vontade de viver. [*Senta-se*] Eu sei, tudo isso é bobagem. É preciso animar-se, livrar-se disso tudo.

DORN [*cantando baixinho*] “Vão, minhas flores, e digam a ela...”

ARKÁDINA Além do mais, sou muito regrada, como um inglês. Eu, minha cara, ando sempre na linha, como dizem, estou sempre vestida e penteada *comme il faut*. Para que vou sair de casa de blusão ou despenteada, ainda que só para vir ao

jardim? Jamais. Pois eu sempre soube me cuidar, nunca fui uma desleixada, não relaxei, como fazem algumas... [Põe as mãos na cintura, passeia pelo campo de croqui] Vejam: pareço uma criança! Poderia representar o papel de uma menina de quinze anos.

DORN Muito bem, no entanto vou prosseguir a leitura. [Apanha o livro] Paramos no vendedor de cereais e nas ratazanas...

ARKÁDINA Sim, nas ratazanas. Leia. [Senta-se] Ou melhor, me dê o livro, eu vou ler. É minha vez. [Pega o livro e procura com os olhos o lugar certo] As ratazanas... Aqui está... [Lê] "E, naturalmente, adular e atrair escritores é tão misturado para pessoas da sociedade como, para um vendedor de cereais, criar ratazanas em seus celeiros. Mesmo assim, essas pessoas adoram os escritores. Pois bem, quando uma mulher escolhe um escritor que deseja cativar, ela o assedia com mil elogios, amabilidades e gentilezas..." Ora, pode até ser assim entre os franceses, mas entre nós é muito diferente, em todos os aspectos. Nossas mulheres, em geral, antes de cativarem um escritor, já estão completamente apaixonadas por ele, não tenham dúvida. Nem é preciso ir muito longe, pensem em mim e em Tígórin...

[Entra Sórin, apoiando-se numa bengala de bambu, ao lado de Nina; Miedviedtênko empurra uma cadeira de rodas atrás dele.]

SÓRIN [no tom de quem mimia uma criança] E então? Estamos alegres? Finalmente estamos felizes? [Para sua irmã] Sim, hoje estamos só alegria! O pai e a madrasta partiram para Tvier e agora estamos livres por três dias inteiros.

NINA [senta-se ao lado de Arkádina e a abraça] Estou tão feliz! Eu agora pertenceo à senhora.

SÓRIN [senta-se na sua cadeira] Ela está linda hoje.

ARKÁDINA Elegante, atraente... E, além de tudo, a senhorita é inteligente. [Beija Nina] Mas não devemos elogiar demais, para evitar o olho grande. Onde está Boris Alekséievitch?

NINA Está pescando no lugar reservado para banhos.

ARKÁDINA Como é que não enjoa disso? [Quer continuar a ler]

NINA O que a senhora está lendo?

ARKÁDINA "Sobre a água", de Maupassant, minha querida. [Lê algumas linhas só para si] Ora, daqui para diante o conto fica falso e sem graça. [Fecha o livro] Estou muito preocupada. Diga-me, o que há com meu filho? Por que anda tão aborrecido e tristonho? Passa dias inteiros na beira do lago e quase não o vejo.

MACHA Ele está magoado. [Para Nina, timidamente] Por favor, a senhorita poderia recitar um trecho da peça dele?

NINA [encolhendo os ombros] Quer mesmo? Mas é tão sem graça!

MACHA [contendo o entusiasmo] Quando ele lê alguma coisa, os olhos brilham e o rosto empalidece. Sua voz é linda, triste; e ele tem um jeito de poeta.

[Ouvem-se os roncoss de Sórin.]

DORN Que tarde serena!

ARKÁDINA Pietrucha!

SÓRIN Ah? O quê?

ARKÁDINA Pegou no sono?

SÓRIN De jeito nenhum.

[Pausa.]

ARKÁDINA Você não se trata, e isso não é bom, meu irmão.

SÓRIN Eu bem que gostaria de me tratar, mas o médico não quer.

DORN Tratar-se aos sessenta anos!

SÓRIN Mesmo aos sessenta anos, a pessoa tem vontade de viver.

DORN [aborrecido] Ah, então tome umas gotinhas de valeriana.

ARKÁDINA Acho que ele devia passar uma temporada numa estação de águas.

DORN Ora, tanto faz. Pode ir, como pode não ir.

ARKÁDINA Não entendi.

DORN Não há mesmo nada para entender. Está tudo muito claro.

[Pausa.]

MIEDVEDIÊNKO Piotr Nikoláievitch devia parar de fumar.

SÓRIN Bobagem.

DORN Não, não é bobagem. A bebida e o fumo destroem a personalidade. Depois de alguns charutos ou de alguns cálices de vodca, o senhor já não é mais Piotr Nikoláievitch, mas sim Piotr Nikoláievitch acrescido de uma outra pessoa; o seu eu se dilui e o senhor se refere a si mesmo na terceira pessoa: "ele".

SÓRIN [ri] O senhor sabe se expressar muito bem. Aproveitou a vida, mas e eu? Trabalhei numa repartição da Justiça durante vinte e oito anos e, no final das contas, ainda não vivi, ainda não experimentei coisa alguma e, não admira, sinto uma enorme vontade de viver. O senhor já está saciado, não se importa mais, por isso tem

uma inclinação para a filosofia, ao passo que eu desejo viver e por isso, depois do jantar, bebo xerez, fumo charutos e tudo o mais.

DORN É preciso encarar a vida com seriedade, mas buscar tratamento médico aos sessenta anos e ficar se lamuriando por ter tido poucos prazeres na juventude, isso, queira me desculpar, não passa de uma leviandade.

MACHA [levanta-se] Já deve estar na hora do almoço. [Caminha com preguiça, a passos frouxos] Minha perna ficou dormente... [Retira-se]

DORN Lá vai ela tomar dois calicezinhos, antes do almoço.

SÓRIN A pobrezinha não conhece felicidade alguma.

DORN Tolices, Sua Excelência.

SÓRIN O senhor se expressa como um homem saciado de viver.

ARKÁDINA Ah, o que pode ser mais enfadonho do que esse doce tédio rural? Calor, silêncio, nunca ninguém faz coisa alguma, e todos filosofam... Quanto aos senhores, meus amigos, está tudo bem, é agradável ouvi-los, mas... Ficar sozinha num quarto de hotel e decorar as falas de uma personagem é muito melhor!

NINA [empolgada] É verdade! Eu entendo a senhora.

SÓRIN Naturalmente, na cidade vive-se melhor. Podemos ficar sossegados no nosso gabinete de estudo, o criado não deixa ninguém entrar sem nossa permissão, temos o telefone... Na rua, há carruagens de aluguel e tudo o mais...

DORN [cantarola] "Vão, minhas flores, e digam a ela..."

[Entra Chamraiev. Atrás dele, Polina Andréievna.]

CHAMRAIEV Aqui está ela. Bom dia! [*Beija a mão de Arkádina e depois a de Nina*] É uma alegria imensa encontrá-la com boa saúde. [*Para Arkádina*] Minha esposa disse que a senhora tem a intenção de ir à cidade hoje, em companhia dela. É verdade?

ARKÁDINA Sim, é nossa intenção.

CHAMRAIEV Hum... Isto é ótimo, mas de que modo pretende ir, prezadíssima senhora? Hoje, temos de transportar o centeio, todos os trabalhadores estão ocupados! E, se me permite a pergunta, que cavalos pretende usar?

ARKÁDINA Que cavalos? Como vou saber, que cavalos?

SÓRIN Mas nós temos cavalos para o coche.

CHAMRAIEV [*agitado*] Cavalos para o coche? E onde vou arranjar os arreios? Onde vou arranjar os arreios? É espantoso! É inconcebível! Estimadíssima senhora! Perdoe-me, tenho enorme reverência pelo seu talento e estou disposto a lhe dar dez anos da minha própria vida mas, cavalos, eu não posso dar!

ARKÁDINA Mas como assim, se eu preciso ir à cidade? Que coisa estranha!

CHAMRAIEV Prezadíssima senhora! A senhora não sabe o que significa administrar uma propriedade rural!

ARKÁDINA [*irritada*] É sempre a mesma história! Nesse caso, parto hoje mesmo para Moscou. Mande alugar um coche para mim, na cidade, senão irei para a estação a pé!

CHAMRAIEV [*irritado*] Se é assim, eu me demito do meu cargo! Tratem de arranjar outro administrador. [*Sai*]

ARKÁDINA Todo verão é a mesma história, todo verão venho aqui para ser insultada! Nunca mais porei os pés neste

lugar! [*Sai pela esquerda, onde se supõe ficar o local reservado para banhos; após um minuto, vê-se Arkádina caminhando para casa; atrás dela, vai Trigórin, com caniços e um balde*]

SÓRIN [*irritado*] Que desaforo! Onde é que já se viu? Já estou farto dessa história. Tragam aqui, imediatamente, todos os cavalos!

NINA [*para Polina Andréievna*] Recusar um pedido de Irina Nikoláievna, uma atriz famosa! Será que um desejo dela, mesmo quando for um simples capricho, não é mais importante do que toda a propriedade dos senhores? Isto é simplesmente inacreditável!

POLINA [*em desespero*] O que posso fazer? Ponha-se na minha situação: o que posso fazer?

SÓRIN [*para Nina*] Vamos falar com a minha irmã... Vamos juntos implorar a ela que fique. Não é melhor assim? [*Olhando para a direita, por onde se retirou Chamraiev*] Mas que homem insuportável! Que tirano!

NINA [*impedindo que ele se levante*] Fique onde está, espere... Nós o levaremos... [*Nina e Miedviediênko empurram a cadeira de rodas*] Ah, que coisa horrível!

SÓRIN Sim, sim, é mesmo horrível... Mas ele não vai se demitir. Vou agora mesmo conversar com ele.

[*Saem. Ficam apenas Dorn e Polina Andréievna.*]

DORN Que gente enfadonha. Na verdade, o marido da senhora devia ser posto para fora daqui com uma boa surra, mas no fim esse velhote molenga do Piotr Nikoláievitch e a irmã dele ainda vão lhe pedir desculpas. A senhora vai ver!

POLINA Até os cavalos de atrelar no coche ele mandou para o campo. Todo dia há desentendimentos desse tipo. Se o senhor soubesse como isso me perturba! Chego a ficar doente; veja, estou tremendo... Não suporto as grosserias dele... [*Com ar de súplica*] Ievguiêni, querido, adorado, leve-me com você... O nosso tempo está passando, já não somos jovens. Se pelo menos no fim da vida pudéssemos não fingir, não mentir...

[*Pausa.*]

DORN Tenho cinqüenta e cinco anos, é tarde demais para um homem mudar de vida.

POLINA Eu entendo, o senhor me rejeita porque, além de mim, existem outras mulheres que lhe são caras. E não pode levar todas consigo. Eu entendo. Desculpe, estou aborrecendo o senhor.

[*Vê-se Nina perto da casa; colhe flores.*]

DORN Não é nada disso.

POLINA Sofro por causa dos ciúmes. Claro, o senhor é médico, não pode evitar as mulheres. Eu entendo...

DORN [*para Nina, que se aproxima*] Como estão as coisas lá dentro?

NINA Irina Nikoláievna está chorando e Piotr Nikoláievitch está com um acesso de asma.

DORN [*se levanta*] Vou dar a eles umas gotinhas de valeriana...

NINA [*dá flores para Dorn*] Por favor!

DORN *Merci bien.* [*Caminha na direção da casa*]

POLINA [*caminhando ao lado de Dorn*] Que flores lindas! [*Perto da casa, abaixa a voz*] Me dê essas flores! Me dê essas flores, já! [*De posse das flores, ela as estraçalha e joga para o lado; ambos entram na casa*]

NINA [*sozinha*] Como é estranho ver que uma atriz famosa chora, e ainda por cima por um motivo tão fútil! E como também é estranho que um escritor célebre, adorado pelo público, sobre quem todos os jornais escrevem, cujo retrato é vendido em toda parte, um escritor que já foi traduzido em outras línguas, passe o dia todo pescando no lago e fique tão contente por ter apanhado duas carpas. Pensei que pessoas famosas fossem inacessíveis, que desprezassem a multidão e que, com a sua glória, com o esplendor de seus nomes, como que se vingassem da multidão, porque a multidão dá mais valor à origem nobre e à riqueza. Mas na verdade essas pessoas choram, pescam, jogam cartas, riem e se zangam como todo o mundo...

TREPLIOV [*entra sem chapéu, com uma espingarda e uma gaiivota abatida*] Está aqui sozinha?

NINA Estou.

[*Trepliov põe a gaiivota aos pés de Nina.*]

NINA O que significa isto?

TREPLIOV Hoje, cometi a infâmia de matar essa gaiivota. Eu a deponho aos seus pés.

NINA Mas o que deu no senhor? [*Ergue a gaiivota e olha para ela*]

TREPLIOV [*após uma pausa*] Em breve, desse mesmo modo, eu vou me matar.

NINA Não estou reconhecendo o senhor.

TREPLIOV Sim, depois que eu mesmo deixei de reconhecê-la.

Você mudou com relação a mim. O seu olhar ficou frio, minha presença a constrange.

NINA Ultimamente, o senhor se irrita à toa, se expressa de um modo totalmente incompreensível, como se usasse símbolos. Veja aqui esta gaivota, também deve ser um símbolo, ao que parece, mas, me desculpe, eu não entendo... [*Põe a gaivota sobre o banco*] Sou simples demais para compreender o senhor.

TREPLIOV Tudo começou naquela noite em que minha peça redundou num fracasso tão estúpido. As mulheres não perdoam o fracasso. Queimei tudo, tudo, até o último pedaço de papel. Se soubesse como me sinto infeliz! Sua frieza é terrível, inacreditável, é como se eu acordasse e visse, de repente, que o lago havia secado ou que a água toda havia escoado para o fundo da terra. A senhorita acabou de dizer que é simples demais para me compreender. Ah, mas o que há aqui para compreender? Minha peça a decepcionou, você despreza a minha inspiração, já me considera medíocre, insignificante, igual a tantos outros... [*Bate o pé no chão*] Compreendo tudo isso muito bem, ah, como compreendo! Parece que há um prego cravado no meu cérebro, maldito seja ele e a minha vaidade, que suga o meu sangue, suga, como uma serpente... [*Vê Trigórin, que caminha na direção deles, lendo uma caderneta*] Lá vem o verdadeiro talento; entra em cena como Hamlet, e também traz nas mãos um livro. [*Com sarcasmo*] "Palavras, palavras, palavras..." Esse sol nem a alcançou ainda, mas a senhorita já sorri, seu olhar

já se derreteu aos raios dele. Não vou ficar aqui, para não atrapalhar. [*Sai depressa*]

TRIGÓRIN [*tomando notas na sua caderneta*] Cheira rapé e bebe vodca... Sempre de preto. O professor está apaixonado por ela...

NINA Bom dia, Boris Aleksieievitch!

TRIGÓRIN Bom dia. As circunstâncias mudaram de forma inesperada, e agora, ao que parece, temos de ir embora hoje mesmo. É pouco provável que voltemos a ver a senhorita algum dia. É uma pena. Tenho poucas oportunidades de conhecer moças jovens e interessantes, até já esqueci como são e não consigo imaginar com clareza como elas se sentem aos dezoito ou dezenove anos; por isso, nos meus contos e nas minhas novelas, as mocinhas em geral parecem falsas. Eu adoraria poder ficar no lugar da senhorita, ainda que fosse só por uma hora, para saber como pensa e tudo o mais.

NINA E eu também adoraria poder ficar no lugar do senhor.

TRIGÓRIN Para quê?

NINA Para saber como se sente um escritor talentoso e célebre.

Qual a sensação da fama? Como o senhor experimenta o fato de ser famoso?

TRIGÓRIN Como me sinto? Não sinto nada, eu acho. Nunca penso no assunto. [*Pensativo*] Das duas, uma: ou a senhorita exagera a minha fama, ou ela não me afeta de maneira alguma.

NINA E quando lê o que escrevem a seu respeito nos jornais?

TRIGÓRIN Quando elogiam, é agradável, mas quando insultam, dois dias depois ainda me sinto de mau humor.

NINA Que mundo maravilhoso! Como invejo o senhor, ah, se soubesse! Como o destino das pessoas é diferente. Uns mal

conseguem arrastar a sua existência tediosa e apagada, sempre igual às outras, sempre infeliz; mas, para alguns outros, como o senhor, por exemplo — um em um milhão —, o destino reserva uma vida interessante, radiosa, ~~repleta~~ de sentido... O senhor é feliz...

TRIGÓRIN Eu? [*Encolhendo os ombros*] Hum... A senhorita está aqui falando da fama, da felicidade, de uma vida radiosa e interessante, mas para mim todas essas ~~belas~~ palavras, me perdoe, são geléia de frutas, um doce que eu jamais como. A senhorita é muito jovem e muito generosa.

NINA A vida do senhor é deslumbrante!

TRIGÓRIN Mas o que ela tem de especialmente bom? [*Olha para o relógio de pulso*] Agora tenho de ir para casa e escrever. Desculpe, não tenho mais tempo... [*Ri*] A senhorita, como dizem, pisou no meu calo e já estou começando a ficar agitado e um pouco aborrecido. Pensando melhor, vamos conversar. Vamos conversar sobre a minha vida maravilhosa e radiante... Pois bem, por onde vamos começar? [*Depois de refletir um instante*] Às vezes, há idéias que nos dominam, como quando uma pessoa fica o tempo todo, dia e noite, pensando na lua, por exemplo, e acontece que eu também tenho a minha lua. Dia e noite, uma idéia obsessiva me persegue: tenho de escrever, tenho de escrever, tenho... Mal termino uma novela, nem sei por que, preciso logo começar uma outra, e depois uma terceira, e depois dessa uma quarta... Escrevo sem interrupção, como quem viaja numa carruagem em que os cavalos são substituídos a cada parada, e não consigo viver de outro modo. Pois então, eu lhe pergunto, o que há nisso de maravilhoso e radiante?

Ah, que vida absurda! Agora estou aqui com a senhorita, estou emocionado, e enquanto isso, a todo instante, lembro que uma novela inacabada espera por mim. Vejo uma nuvem parecida com um piano. Penso: em algum trecho de um conto, terei de citar que pairava no céu uma nuvem parecida com um piano. O ar cheira a heliotrópio. Anoto depressa no pensamento um perfume adocicado, uma flor-de-viúva: usar na descrição de uma noite de verão. Agarro cada frase, as minhas e as da senhorita, cada palavra, e me apresso a trancar logo essas frases e essas palavras no meu depósito literário: um dia podem ser úteis! Assim que termino um trabalho, corro ao teatro ou vou pescar: quem sabe assim eu consiga descansar, me esquecer de mim mesmo, ah... Nada disso: dentro da minha cabeça, logo começa a girar uma pesada bola de ferro fundido, um novo tema para um conto, e logo me arrasto até a mesa e de novo tenho de escrever e escrever o mais depressa possível. E é sempre assim, sempre, nunca dou sossego a mim mesmo e tenho a sensação de que estou devorando a minha própria vida, tenho a sensação de que, para fabricar o mel que entrego, num vazão, a pessoas que nem mesmo sei quem são, eu retiro o pólen das minhas melhores flores, arranco da terra essas mesmas flores e pisoteio suas raízes. Será que não estou louco? Será que meus conhecidos e amigos se dirigem a mim como a uma pessoa sã? “O que o senhor anda escrevendo? Com que nos brindará a seguir?” Sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa, e fico com a impressão de que essa atenção de meus conhecidos, os elogios, a admiração, tudo isso é uma mentira, tenho a sensação de

que estão me enganando, como fazem com uma pessoa doente, e às vezes tenho medo de que eles se aproximem sorratamente pelas minhas costas, me agarrem e me arrastem para o hospício, como ocorreu a Popríchin, o personagem de Gógol. E antigamente, nos anos da juventude, nos bons tempos, quando comecei, escrever era para mim um martírio incessante. Um escritor menor, sobretudo quando não tem sorte, parece um desajeitado aos próprios olhos, um desastrado, um inútil, vive com os nervos tensos, esgotados; procura irresistivelmente estar perto de pessoas ligadas à literatura e à arte, sem ser reconhecido, sem ser sequer notado, sempre com medo de encarar os outros nos olhos, como um jogador inveterado que está sem um centavo no bolso para apostar. Eu não conhecia o meu leitor mas, por algum motivo, na minha imaginação, ele se mostrava hostil, desconfiado. Eu temia o público, para mim ele era uma coisa assustadora e, toda vez que eu tinha de apresentar uma peça nova, me parecia que as pessoas morenas tinham um ânimo hostil e que as pessoas loiras eram frias e indiferentes. Ah, como era horrível! Que tormento!

NINA Perdoe-me, mas acaso a inspiração e o mesmo processo de criação não lhe proporcionam momentos elevados e felizes?

TRIGÓRIN Sim. Quando escrevo, é bom. E ler as provas impressas é bom. Mas... tão logo o livro é publicado, vejo que não era nada daquilo, vejo os erros e entendo que o livro não deveria absolutamente ter sido escrito e aí fico aborrecido, me sinto péssimo... [Ri] Mas o público lê e diz: "Sim, é bonito, tem talento... É bonito, mas fica

longe de Tolstói". Ou então: "Uma obra magnífica, mas *Pais e filhos*, de Turguêniev, é melhor". E assim, até a sepultura, tudo será apenas bonito e talentoso, bonito e talentoso, nada mais do que isso e, quando eu morrer e já for bem conhecido, vão passar pelo meu túmulo e falar assim: "Aqui jaz Trigórin. Foi um bom escritor, mas não escrevia tão bem quanto Turguêniev".

NINA Não me leve a mal, mas não posso entender o senhor. O sucesso deixou-o simplesmente mal-acostumado.

TRIGÓRIN Que sucesso? Eu nunca agradei a mim mesmo.

Não gosto de mim como escritor. O pior de tudo é que me sinto numa espécie de embriaguez e muitas vezes nem entendo o que escrevo... Veja, eu adoro essa água, essas árvores, esse céu, sinto a natureza, ela desperta em mim um entusiasmo, um desejo irresistível de escrever. Mas não sou apenas um paisagista, sou também um cidadão, amo o país, o povo, sinto que, se sou um escritor, estou obrigado a falar do povo, dos seus sofrimentos, do seu futuro, a falar da ciência, dos direitos do homem etc etc, e então falo sobre tudo, me afobo, me pressionam de todos os lados, se irritam comigo, eu corro de um lado para o outro, como uma raposa acossada por cães de caça, vejo que a vida e a ciência avançam cada vez mais, enquanto eu vou ficando sempre para trás, como um mujique que chegou atrasado para pegar o trem, e no fim tenho a sensação de que só sei mesmo descrever paisagens e em tudo o mais sou falso, sou falso até a medula dos ossos.

NINA O senhor trabalhou em excesso e não teve tempo nem vontade de reconhecer a própria importância. Talvez esteja

descontente consigo mesmo, mas para os outros o senhor é brilhante e extraordinário! Se eu fosse um escritor como o senhor, entregaria a minha vida inteira para a multidão, mas com a consciência de que, para eles, a felicidade estaria apenas em elevar-se à minha altura, e aí a multidão me puxaria em uma carruagem.

TRIGÓRIN Numa carruagem... Por acaso sou o rei Agamênon?

[*Os dois sorriem.*]

NINA Em troca da felicidade de ser uma escritora ou uma atriz, eu suportaria o desprezo dos meus conhecidos, a penúria, as decepções, eu moraria num sótão, só comeria pão de centeio, suportaria a insatisfação comigo mesma, sofreria com a consciência das minhas imperfeições, mas em compensação eu exigiria para mim a glória... a glória autêntica, estrondosa... [*Esconde o rosto nas mãos*] Minha cabeça está rodando... Ah!

[*Da casa, soa a voz de Arkádina: "Boris Aleksieievitch!"*.]

TRIGÓRIN Estão me chamando... Tenho de fazer as malas. Mas não sinto a menor vontade de partir. [*Volta os olhos para o lago*] Que lugar maravilhoso! É lindo!

NINA Está vendo uma casa e um jardim do outro lado do lago?

TRIGÓRIN Estou.

NINA É a propriedade de minha falecida mãe. Nasci lá. Passei a vida toda nas margens deste lago e conheço muito bem cada ilhota.

TRIGÓRIN A senhorita vive num lugar lindo! [*Vendo a gaivota*]

E isso, o que é?

NINA Uma gaivota. Konstantin Gavrílitich a matou.

TRIGÓRIN É um pássaro bonito. Na verdade, não sinto a menor vontade de partir. Quem sabe, se a senhorita pedisse, Irina Nikoláievna ficaria aqui mais uns dias? [*Escreve no caderninho*]

NINA O que está escrevendo?

TRIGÓRIN Estou fazendo anotações... É que me veio uma idéia... [*Guarda o caderninho*] Uma idéia para um conto curto: uma jovem vive na beira de um lago, desde a infância, como a senhorita; ama o lago, como uma gaivota, e é feliz e livre, como uma gaivota. Mas de repente aparece um homem, ele a avista e, por pura falta do que fazer, ele a destrói, assim como aconteceu a essa gaivota.

[*Pausa. Na janela, surge Arkádina.*]

ARKÁDINA Boris Aleksieievitch, onde está o senhor?

TRIGÓRIN Aqui! [*Caminha e olha para trás, para Nina; ao chegar à janela, fala para Arkádina*] O que foi?

ARKÁDINA Nós vamos ficar.

[*Trigórin entra na casa.*]

NINA [*aproxima-se do tablado, reflete um pouco*] Isto é um sonho!

[*Cortina.*]

A gaiivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou. Terceiro ato ("Agora ele é meu"): Trigórin (K. S. Stanislávski), Arkádina (O. L. Knipper):



TERCEIRO ATO

Sala de jantar, na casa de Sórin. Portas à direita e à esquerda. Um bufê. Um armário de remédios. Uma mesa no meio da sala. Uma mala e caixas de papelão, evidentes preparativos para uma viagem. Trigórin toma o café da manhã, Macha está de pé ao lado da mesa.

Terceiro ato ("Aqui está, um rublo para os três").



MACHA Conto tudo isso porque o senhor é um escritor. Pode usar. Digo com toda sinceridade: se ele tivesse ficado gravemente ferido, eu não agüentaria viver nem mais um minuto. Mas sou corajosa. Tomei uma decisão: vou arrancar este amor do meu coração, e vou arrancar pela raiz.

TRIGÓRIN De que modo?

MACHA Vou me casar. Com Miedviediêno.

TRIGÓRIN O professor?

MACHA Sim.

TRIGÓRIN Não entendo qual a necessidade disso.

MACHA Amar sem ter esperança, ficar anos inteiros à espera de que uma coisa aconteça... Depois que eu casar, não vou mais nem pensar em amor, preocupações novas vão abafar tudo o que é antigo. Vai ser mesmo uma transformação, sabe? Vamos tomar mais uma?

TRIGÓRIN Não será demais?

MACHA Ora, vamos lá! [*Enche os cálices*] Não olhe para mim desse jeito. As mulheres bebem mais vezes do que os homens imaginam. Só uma minoria bebe na frente dos outros, como eu; a maioria bebe às escondidas. E é sempre vodka ou conhaque. [*Brindam, tocando os cálices*] Saúde! O senhor é um homem simples, é uma pena que vá embora.

[*Bebem.*]

TRIGÓRIN Eu mesmo não tenho vontade de partir.

MACHA Por que não pede para ela ficar?

TRIGÓRIN Não, agora ela não vai mais ficar. O filho tem se comportado de modo muito inconveniente. Primeiro, tentou se matar, e agora, pelo que dizem, vai me desafiar para um duelo. E qual o motivo? Ele se enfurece, bufa e apregoa formas novas... Mas há lugar para todos, os novos e os velhos — para que brigar?

MACHA Também há o ciúme. Mas isso já não é da minha conta.

[Pausa. Iákov atravessa o palco da esquerda para a direita com uma mala; entra Nina e se detém ao lado da janela.]

MACHA O meu professor não é lá muito inteligente, mas é um homem bom e pobre, e me ama com ardor. Sinto pena dele. Tenho pena da sua mãe idosa. Mas, então, permita que eu lhe deseje tudo de bom. Não me queira mal. [Aperta com força a mão de Trigórin] Sou muito grata ao senhor por sua generosidade. Mande-me seus livros — e têm de ser autografados. Mas não escreva “prezada senhora”, mas apenas “para Maria, que não sabe de onde veio nem para que vive neste mundo”. Adeus! [Sai]

NINA [estende a mão fechada na direção de Trigórin] Par ou ímpar?

TRIGÓRIN Par.

NINA [suspira] Errou. Só tenho um grão de ervilha na mão. Resolvi tirar a sorte para saber se devo ou não ser atriz. Quem dera alguém me orientasse.

TRIGÓRIN Nesse tipo de coisa, é impossível dar conselhos.

[Pausa.]

NINA Vamos nos separar e... talvez não nos vejamos mais. Peço ao senhor que aceite, como uma lembrança minha, este pequeno medalhão. Mandei gravar suas iniciais... e do outro lado, o título de um livro seu: *Dias e noites*.

TRIGÓRIN Mas que beleza! [Beija o medalhão] Que presente encantador!

NINA Lembre-se de mim, de vez em quando.

TRIGÓRIN Lembrarei. Vou me lembrar da senhorita tal como estava naquele dia de sol, lembra? Uma semana atrás, quando a senhorita estava com um vestido claro... Nós conversamos... Havia uma gaivota branca estirada sobre o banco.

NINA [pensativa] Sim, a gaivota...

[Pausa.]

NINA Agora não podemos mais conversar, vem gente aí... Antes de ir embora, me dê dois minutos, eu lhe imploro... [Sai pela esquerda; ao mesmo tempo, entram pela direita Arkádina, Sórin, de fraque com uma medalha em forma de estrela no peito, e em seguida Iákov, atarefado com as bagagens]

ARKÁDINA Vamos, fique em casa, meu velho. Com esse seu reumatismo, acha conveniente sair para fazer visitas? [Para Trigórin] Quem acabou de sair daqui? Nina?

TRIGÓRIN Sim.

ARKÁDINA Pardon, nós o atrapalhamos... [Senta-se] Acho que as malas já estão prontas. Fiquei cansada.

TRIGÓRIN [lê o medalhão] *Dias e noites*, página 121, linhas 11 e 12.

IÁKOV [*tirando a mesa*] O senhor quer que eu embale também as varas de pescar?

TRIGÓRIN Quero, sim, ainda vou precisar delas. Quanto aos livros, dê para alguém.

IÁKOV Perfeitamente.

TRIGÓRIN [*falando consigo mesmo*] Página 121, linhas 11 e 12. O que haverá nessas linhas? [*Para Arkádina*] Há exemplares de meus livros aqui, nesta casa?

ARKÁDINA No escritório do meu irmão, na estante do canto.

TRIGÓRIN Página 121... [*Sai*]

ARKÁDINA Sinceramente, Pietruchka, era melhor você ficar em casa.

SÓRIN Vocês vão embora e vai ser triste para mim ficar sem vocês nesta casa.

ARKÁDINA E o que há de bom na cidade?

SÓRIN Nada de especial, mas não importa. [*Ri*] Vão lançar a pedra fundamental da casa do conselho rural e outras coisas assim... Quem dera, pelo menos uma vez ou outra, poder me livrar desta vida de peixinho de aquário, já estou farto de me sentir imprestável, como se eu fosse uma piteira velha. Mandei que os cavalos estivessem prontos quando desse uma hora, assim vamos todos partir ao mesmo tempo.

ARKÁDINA [*após uma pausa*] Escute, vá levando sua vida, não se aborça, não se esfrie. Cuide bem do meu filho. Proteja-o. Dê conselhos.

[*Pausa.*]

ARKÁDINA Vou partir daqui a pouco sem saber por que Konstantin tentou se matar com um tiro. Acho que o motivo principal foi o ciúme e, quanto mais depressa eu levar Trigórin embora daqui, melhor.

SÓRIN Como posso explicar a você? Houve também outros motivos. É uma coisa compreensível: um jovem inteligente, que mora no campo, metido neste fim de mundo, sem dinheiro, sem emprego, sem futuro. Ignorado por todos. Tem vergonha e medo da sua ociosidade. Eu gosto imensamente de Konstantin, e ele, por sua vez, é muito apegado a mim, mas, apesar de tudo, ele tem a sensação de ser desnecessário nesta casa, de que não passa de um vadio, um parasita. É uma coisa compreensível, uma questão de amor-próprio...

ARKÁDINA Ele me dá muito desgosto! [*Pensativa*] E se arranjássemos um emprego para ele, quem sabe...

SÓRIN [*assovia, depois hesita*] Acho que seria melhor se você... lhe desse algum dinheiro. Ele precisa, antes de tudo, vestir-se de modo apropriado. Usa o mesmo casaquinho velho há três anos, porque não tem um paletó... [*Ri*] E passear um pouco também não ia fazer mal nenhum... Viajar para o exterior, quem sabe... Não custa tão caro.

ARKÁDINA Mesmo assim... Talvez eu ainda possa pagar uma roupa nova, mas uma viagem para o exterior... Não, e para dizer a verdade, não tenho condições nem de pagar uma roupa nova. [*Categoricamente*] Não tenho dinheiro!

[*Sórin ri.*]

ARKÁDINA Não tenho!

SÓRIN [*assobia*] Está certo. Por favor, querida, não se irrite comigo. Acredito em você... É uma mulher generosa e de bom coração.

ARKÁDINA [*entre lágrimas*] Não tenho dinheiro!

SÓRIN Se eu tivesse dinheiro, é claro que eu mesmo daria algum para ele, mas não tenho nada, nem um centavo. [*Ri*] O administrador fica com todo o dinheiro da minha aposentadoria e gasta na lavoura, no gado, nas abelhas, o meu dinheiro vai-se todo embora, em vão. As abelhas morrem, as vacas morrem, nunca me trazem cavalos quando peço...

ARKÁDINA Está bem, eu tenho dinheiro, mas sou uma atriz; só as roupas já consomem o dinheiro todo.

SÓRIN Você é boa, minha querida... Gosto de você... Mas... Há alguma coisa errada comigo de novo... [*Cambaleia*] Minha cabeça está rodando. [*Segura-se na mesa*] Estou me sentindo mal.

ARKÁDINA [*assustada*] Petrushka! [*Tenta ampará-lo*] Petrushka, meu querido... [*Grita*] Venham me ajudar! Ajudem!

[*Entram Trepliov, com uma atadura na cabeça, e Miedviediêenko.*]

ARKÁDINA Ele está passando mal!

SÓRIN Não é nada, não é nada... [*Sorri e bebe água*] Já passou... pronto...

TREPLIOV [*para a mãe*] Não se assuste, mamãe, não é grave. Isso tem acontecido muitas vezes com o titio. [*Para o tio*] É melhor ir deitar, titio.

SÓRIN Sim, vou me deitar um pouco... Mesmo assim, não deixarei de ir à cidade... Vou me deitar um pouco, mas depois irei até lá... Podem ter certeza... [*Caminha apoiando-se na bengala*]

MIEDVIEDIÊNKO [*leva-o pelo braço*] O senhor conhece esta charada: o que é que de manhã anda com quatro pernas, ao meio-dia, com duas, e à tardinha, com três?

SÓRIN [*Ri*] É exatamente assim. E à noite fica deitado de costas. Muito obrigado, posso andar sozinho...

MIEDVIEDIÊNKO Ora, deixe de cerimônias! [*Ele e Sórin se retiram*]

ARKÁDINA Que susto ele me deu!

TREPLIOV Não é bom para a saúde do titio morar aqui no campo. Fica triste. Se você, mamãe, por um momento se mostrasse generosa e emprestasse ao titio uns mil e quinhentos ou uns dois mil rublos, ele poderia morar na cidade um ano inteiro.

ARKÁDINA Não tenho dinheiro. Sou uma atriz, e não uma banqueira.

[*Pausa.*]

TREPLIOV Mãe, troque a minha atadura. Você faz isso tão bem.

ARKÁDINA [*apanha, num armário de remédios, iodo e uma caixa com material para curativos*] O médico já devia ter chegado.

TREPLIOV Prometeu vir às dez horas e já é meio-dia.

ARKÁDINA Sente-se. [*Retira a atadura da cabeça do filho*] Até parece que você está de turbante. Ontem, na cozinha, uma pessoa que não é de casa viu você assim e perguntou aos

outros de que país você tinha vindo. Olhe só, já está quase curado. Só restou uma coisinha à toa. [*Beija-o na cabeça*] Quando eu for embora, você não vai fazer *clique-clique* outra vez, não é?

TREPLIOV Não, mamãe. Foi um minuto de desespero e loucura, não consegui me dominar. Isso não se repetirá mais. [*Beija a mão dela*] Você tem mãos de ouro. Lembro que, muito tempo atrás, quando você ainda representava em teatros estatais e eu era muito pequeno, houve uma briga no prédio onde morávamos e uma inquilina lavadeira levou uma tremenda surra. Lembra? Eles a deixaram inconsciente... Você ia sempre visitá-la, levava remédios, dava banho nos filhos dela, numa tina. Será que você não lembra mais?

ARKÁDINA Não. [*Põe uma atadura nova*]

TREPLIOV Na época, duas bailarinas moravam naquele mesmo prédio em que nós... Elas costumavam vir tomar café com você.

ARKÁDINA Disso eu me lembro.

TREPLIOV Eram muito religiosas. [*Pausa*] Ultimamente, de uns dias para cá, eu tenho amado você com ternura e devoção, como na infância. Agora, não tenho mais ninguém, só você. Mas por que, por que você se submete à influência daquele homem?

ARKÁDINA Você não o compreende, Konstantin. Ele é uma personalidade de grande nobreza...

TREPLIOV No entanto, quando ele soube que eu pretendia desafiá-lo para um duelo, a nobreza não o impediu de fazer papel de covarde. Está indo embora. É uma fuga vergonhosa!

ARKÁDINA Mas que absurdo! Fui eu mesma que pedi a ele que fosse embora.

TREPLIOV Uma personalidade de grande nobreza! Aqui estamos nós dois, quase brigando por causa desse sujeito, enquanto ele, neste exato momento, anda metido em algum canto por aí, na sala de visitas ou no jardim, e ri de nós... Exibe sua cultura para Nina, tenta convencê-la de que é um gênio.

ARKÁDINA Você tem mesmo prazer em me dizer coisas desagradáveis. Eu respeito esse homem e peço que não diga coisas ruins sobre ele na minha presença.

TREPLIOV Pois eu não o respeito. Você quer que eu também o considere um gênio, mas, me desculpe, não sei mentir, as obras dele me dão enjôo.

ARKÁDINA Isto é inveja. Para as pessoas sem talento, mas pretensiosas, não resta outra coisa senão criticar os verdadeiros talentos. Que triste consolo!

TREPLIOV [*irônico*] Os verdadeiros talentos! [*Rairoso*] Pois, se quer mesmo saber, eu tenho mais talento do que todos vocês! [*Arranca a atadura da cabeça*] Vocês são apenas banais, tomaram a arte em seu poder e só julgam legítimo e autêntico aquilo que vocês mesmos fazem, e quanto ao resto, tratam de perseguir e sufocar! Não reconheço o valor de vocês! Não reconheço nem a ele nem a você!

ARKÁDINA Seu decadente!

TREPLIOV Volte para o seu adorado teatro e represente as suas pecinhas medíocres e lamentáveis!

ARKÁDINA Nunca, em toda minha vida, representei em peças desse tipo. Deixe-me em paz! Você não é capaz

nem de escrever um reels *vaudeville*. Seu burguesinho de Kíev! Parasita!

TREPLIOV Sovina!

ARKÁDINA Seu esmolambado!

[*Trepliov senta-se e chora em silêncio.*]

ARKÁDINA Você é uma nulidade! [*Caminha agitada*] Não chore! Não há por que chorar... [*Chora*] Não deve chorar... [*Beija-o na testa, na face, na cabeça*] Minha criança querida, me desculpe... Perdoe a sua mãe pecadora. Perdoe esta infeliz.

TREPLIOV [*abraça-a*] Se você soubesse! Eu perdi tudo. Ela não me ama, eu já nem consigo mais escrever... Todas as esperanças acabaram...

ARKÁDINA Não se desespere... Tudo se resolverá. Trigórin vai embora, daqui a pouco, e ela vai amar você de novo. [*Enxuga as lágrimas do filho*] Chega. Já fizemos as pazes.

TREPLIOV [*beija a mão dela*] Sim, mãe.

ARKÁDINA [*com carinho*] Faça as pazes com ele também. Não há motivo para um duelo... Não é verdade?

TREPLIOV Está bem... Só peço uma coisa, mãe: que eu não tenha de falar com ele. Seria demais para mim... Está além das minhas forças...

[*Entra Trigórin.*]

TREPLIOV Pronto... Já vou indo... [*Às pressas, guarda os remédios no armário*] Daqui a pouco o médico vai fazer um novo curativo...

TRIGÓRIN [*procura nas folhas de um livro*] Página 121... linhas 11 e 12... Aqui está... [*Lê*] "Se algum dia você precisar da minha vida, venha e tome-a."

[*Trepliov pega do chão a atadura e sai.*]

ARKÁDINA [*depois de olhar para o relógio*] Logo trarão os cavalos.

TRIGÓRIN [*para si mesmo*] "Se algum dia você precisar da minha vida, venha e tome-a."

ARKÁDINA Suas malas já estão prontas?

TRIGÓRIN [*com impaciência*] Sim, sim... [*Pensativo*] Por que este apelo de uma alma pura me dá uma sensação de tristeza e deixa meu coração tão angustiado? "Se algum dia você precisar da minha vida, venha e tome-a." [*Para Arká-dina*] Podemos ficar mais um dia?

[*Arká-dina balança a cabeça para negar o pedido.*]

TRIGÓRIN Vamos ficar!

ARKÁDINA Meu querido, eu sei o que prende você aqui. Mas tente se controlar. Você está um pouco embriagado, só isso; fique sóbrio de novo.

TRIGÓRIN Seja sensata, você também, seja razoável, ponderada, eu lhe imploro, encare tudo isto como faria uma verdadeira amiga... [*Aperta a mão dela*] Você é capaz de fazer um sacrifício... Seja minha amiga, me dê a liberdade...

ARKÁDINA [*com forte emoção*] Está tão apaixonado assim?

TRIGÓRIN Sinto-me atraído para ela! Quem sabe não é disso exatamente que eu preciso?

ARKÁDINA O amor de uma mocinha do campo? Ah, como você se conhece pouco!

TRIGÓRIN Às vezes sonhamos acordados e eu mesmo, enquanto converso com você, adormeço e vejo Nina num sonho... sonhos doces, maravilhosos tomam conta de mim... Liberte-me...

ARKÁDINA [*trêmula*] Não, não... Sou uma mulher comum, é impossível esperar de mim uma coisa dessas... Não me torture, Boris... Tenho medo...

TRIGÓRIN Se você quiser, pode se tornar uma mulher extraordinária. Um amor jovem, fascinante, poético, que nos leva para um mundo de sonhos — nesta vida, só isso e nada mais pode nos trazer a felicidade! Até hoje, não experimentei um amor assim... Na juventude, eu tive de ficar batendo à porta de todas as redações de jornal, tive de lutar contra a miséria... Agora, aí está ele, esse amor chegou, afinal, e me seduz... Qual o sentido de fugir?

ARKÁDINA [*com raiva*] Você perdeu a cabeça!

TRIGÓRIN E o que importa?

ARKÁDINA Hoje, parece que todos vocês se combinaram para me fazer sofrer! [*Chora*]

TRIGÓRIN [*segurando a própria cabeça*] Você não entende! Não quer entender.

ARKÁDINA Será que já estou tão velha e tão feia que você nem mais se acanha de falar comigo sobre outras mulheres? [*Abraça-o e beija-o*] Ah, você enlouqueceu! Meu lindo, meu maravilhoso... Você é a última página da minha vida! [*Põe-se de joelhos*] Minha alegria, meu orgulho, minha felicidade suprema... [*Abraça-o pelos joelhos*]

Se você me abandonar, ainda que só por uma hora, não vou sobreviver, ficarei louca, meu bravo, meu glorioso, meu soberano...

TRIGÓRIN Alguém pode vir. [*Ajuda-a a se levantar*]

ARKÁDINA Não importa, eu não me envergonho do meu amor por você. [*Beija suas mãos*] Meu tesouro, meu desmiolado, você quer fazer loucuras, mas eu não quero, não vou deixar... [*Ri*] Você é meu... é meu... Esta testa é minha, estes olhos são meus, estes lindos cabelos sedosos também são meus... Você é todo meu. Você é tão talentoso e inteligente, é o melhor de todos os escritores contemporâneos, é a única esperança da Rússia... No que você escreve, há tanta sinceridade, simplicidade, tanto frescor, e um humor tão sadio... Com um único traço, você é capaz de revelar o que há de mais importante e característico num personagem ou numa paisagem, e como são vivas as pessoas que você cria. Ah, é impossível ler você e não se entusiasmar! Acha que isto é bajulação? Que quero lisonjear você? Então olhe-me bem nos olhos... olhe... Pareço uma mentirosa? Abra os olhos, só eu sei apreciar o seu valor; só eu lhe digo a verdade, meu querido, meu admirável. Vai vir comigo? Vai? Não vai me abandonar?

TRIGÓRIN Não tenho vontade própria... Nunca tive vontade própria... Mole, frouxo, sempre submisso — como será possível que isto agrade a uma mulher? Leve-me embora, tire-me daqui, mas não deixe que eu me afaste de você nem um passo...

ARKÁDINA [*consigo mesma*] Agora ele é meu. [*Com naturalidade, como se nada tivesse ocorrido*] Olhe, se você quiser, pode

ficar. Irei sozinha e você seguirá depois, daqui a uma semana. Na verdade, por que tanta pressa?

TRIGÓRIN Não, iremos juntos.

ARKÁDINA Como preferir, iremos juntos, então...

[Pausa. Trigórin escreve no seu caderno.]

ARKÁDINA O que foi?

TRIGÓRIN Ouvi, de manhã, uma expressão bonita: "o bosque das donzelas"... Vai me servir para alguma coisa. [Espreguiça] Quer dizer que vamos partir? Novamente os vagões de trem, as estações, as cantinas, os bifés empanados, as conversas...

CHAMRAIEV [entra] Tenho a triste honra de anunciar que os cavalos estão prontos. Já é hora de ir para a estação, minha prezadíssima senhora; o trem chega às duas horas e cinco minutos. Mas então, Irina Nikoláievna, por favor, não se esqueça de tomar informações sobre aquele assunto: por onde anda o ator Susdaltsev? Está vivo? Está bem de saúde? Naquele tempo, nós bebíamos juntos... Na peça *O correio roubado*, ele representou de forma inigualável... Lembro que, em Ielizavetgrad, contracenava com ele o ator trágico Izmailov, outra personalidade admirável... Não se apresse, minha prezadíssima senhora, ainda temos mais cinco minutos. Certa vez, num melodrama, eles representavam o papel de conspiradores e, na hora em que, de súbito, eram apanhados em flagrante, era preciso exclamar: "Caímos numa cilada!". E o Izmailov disse: "Caímos numa salada!". [Gargalha] Numa salada!

[Enquanto Chamraiev fala, Iákov se ocupa das malas, a criada traz para Arkádina o chapéu, o mantô, o guarda-chuva e as luvas; todos ajudam Arkádina a se agasalhar. O cozinheiro espia da porta da esquerda e, depois de esperar um pouco, avança hesitante. Entram Polina Andréievna e, depois, Sórin e Miedviediêenko.]

POLINA [com um cestinho] Ameixas para a senhora comer na viagem... Estão muito doces. Talvez sinta vontade de beliscar alguma coisa...

ARKÁDINA A senhora é muito boa, Polina Andréievna.

POLINA Adeus, minha cara! Desculpe se alguma coisa não correu como devia. [Chora]

ARKÁDINA [abraça-a] Tudo correu muito bem, tudo esteve ótimo. Ora, não é preciso chorar.

POLINA Nosso tempo já está passando!

ARKÁDINA O que se pode fazer?

SÓRIN [de casaco, capa, chapéu e bengala, entra pela porta da esquerda, atravessa o aposento] Irmã, está na hora, senão vai acabar se atrasando. Vou tomar o meu lugar.

MIEDVIEDIÊNKO Eu irei a pé até a estação... para acompanhar a sua partida. Eu sou ligeiro... [Sai]

ARKÁDINA Adeus, meus queridos... Se estivermos vivos e com saúde, nos veremos de novo no próximo verão...

[A criada de quarto, Iákov e o cozinheiro beijam a mão dela.]

ARKÁDINA Não se esqueçam de mim. [Dá um rublo ao cozinheiro] Aqui está, um rublo para os três.

COZINHEIRO Agradecemos muitíssimo, senhora patroa. Que faça uma ótima viagem! É uma enorme satisfação servir a senhora!

IÁKOV Que Deus a acompanhe!

CHAMRAIEV Uma cartinha nos deixaria muito felizes! Adeus, Boris Aleksieievitch.

ARKÁDINA Onde está Konstantin? Avisem a ele que estou de partida. Temos de nos despedir. Então, não me queiram mal. [*Para Iákov*] Dei um rublo para o cozinheiro. Mas é para os três.

[*Todos saem pela direita. O palco fica vazio. Ouve-se, vindo de trás do palco, o rumor das despedidas. A criada volta para pegar a cesta de ameixas sobre a mesa e sai de novo.*]

TRIGÓRIN [*retornando*] Esqueci minha bengala. Acho que ficou na varanda. [*Caminha para lá e, na porta da esquerda, encontra-se com Nina, que entra*] É a senhorita? Estamos de partida...

NINA Tive o pressentimento de que ainda nos veríamos uma vez. [*Agitada*] Boris Aleksieievitch, tomei uma decisão irrevogável, minha sorte está lançada, vou seguir a carreira de atriz. Amanhã, já não estarei mais aqui, vou deixar meu pai, vou abandonar tudo e começar uma vida nova... Vou partir para Moscou, assim como o senhor. Nós nos veremos por lá.

TRIGÓRIN [*olhando para trás*] Hospede-se no hotel Bazar Eslavo... Avise-me assim que chegar... Rua Moltchánovka, edifício Grokhólski... Não tenho mais tempo...

[*Pausa.*]

NINA Só mais um minuto...

TRIGÓRIN [*em voz baixa*] A senhorita é tão linda... Ah, que felicidade saber que, em breve, nos veremos!

[*Ela se encosta ao peito de Trigórin.*]

TRIGÓRIN Verei de novo estes olhos deslumbrantes, este sorriso indescritivelmente belo, meigo... Estas feições dóceis, este rosto de uma pureza angelical... Minha querida...

[*Um beijo prolongado.*]

[*Cortina.*]

*A gaiivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou.
Quarto ato: o jogo de cartas.*



QUARTO ATO

Entre o terceiro e o quarto ato, há um intervalo de dois anos.

Uma das salas na casa de Sórin, que Konstantin Trepliov transformou em escritório. Portas à direita e à esquerda, dando para os aposentos internos. Defronte, uma porta de vidro que dá para a varanda. Além dos móveis habituais numa sala, há uma escrivaninha no canto direito, um divã turco perto da porta da esquerda e uma estante de livros; livros nas janelas, nas cadeiras. Noite. Um lampião está aceso atrás de um quebra-luz. Ouve-se o rumor das árvores e o uivo do vento nas chaminés. Soam as batidas do vigia noturno. Miedviediênko e Macha entram.

MACHA [*grita, chamando*] Konstantin Gavrílitch! Konstantin Gavrílitch! [*Olha em volta*] Não há ninguém. Toda hora, o velho pergunta onde está Kóstia, onde está Kóstia? Não consegue viver sem o sobrinho...

MIEDVIEDIÊNKO Tem medo da solidão. [*Escuta*] Mas que tempo horrível! Já faz dois dias que está assim.

MACHA [*aumenta a chama do lampião*] Há ondas no lago. Ondas enormes.

MIEDVIEDIÊNKO O jardim está com um aspecto tenebroso. Deviam mandar desmontar aquele palco no meio do jardim. Continua lá, nu, macabro, como um esqueleto, e a cortina balança ao vento. Quando passei por lá, ontem à noite, tive a impressão de que alguém estava chorando.

MACHA Ora, deixe de bobagem...

[*Pausa.*]

MIEDVIEDIÊNKO Vamos para casa, Macha!

MACHA [*balança a cabeça, negando*] Vou passar a noite aqui.

MIEDVIEDIÊNKO [*suplicante*] Macha, vamos embora! Nosso bebê deve estar com fome.

MACHA Bobagem. Matriona vai amamentá-lo.

[*Pausa.*]

MIEDVIEDIÊNKO Dá até pena. Já é a terceira noite que ele fica longe da mãe.

MACHA Você é um estorvo. No início, só queria saber de filosofar e agora só fala do bebê e de ir para casa, do bebê e de ir para casa... não se ouve outra coisa da sua boca.

MIEDVIEDIÊNKO Vamos para casa, Macha!

MACHA Vá você sozinho.

MIEDVIEDIÊNKO O seu pai não vai me emprestar os cavalos.

MACHA Vai, sim. É só você pedir que ele empresta.

MIEDVIEDIÊNKO Por favor, eu imploro. Então, amanhã você virá para casa?

MACHA [*aspira rapé*] Está bem, amanhã. Mas que coisa enjoada...

[*Entram Trepliov e Polina Andréievna; Trepliov traz almofadas e um cobertor, Polina traz roupas de cama; põem tudo sobre o sofá turco; em seguida, Trepliov vai para a sua mesa e senta-se.*]

MACHA Para que isso, mamãe?

POLINA Piotr Nikoláievitch pediu para fazer a cama dele nos aposentos de Kóstia.

MACHA Deixe-me ajudar... [*Faz a cama*]

POLINA [*suspira*] O velho está igual a uma criança... [*Aproxima-se da escrivaninha e, apoiando-se no cotovelo, olha para um manuscrito; pausa*]

MIEDVIEDIÊNKO Então vou embora. Até logo, Macha. [*Beija sua mão*] Adeus, mamãe. [*Tenta beijar a mão da sogra*]

POLINA [*aborrecida*] Ora! Vá com Deus.

MIEDVIEDIÊNKO Adeus, Konstantin Gavrilitch.

[*Trepliov estende a mão em silêncio; Miedviediênko sai.*]

POLINA [*olhando para o manuscrito*] Ninguém pensava, ninguém podia sequer imaginar que você ainda viria a ser um escritor de verdade. E agora, graças a Deus, até as revistas começaram a lhe mandar dinheiro. [*Passa a mão pelo cabelo dele*] Além do mais, ficou bonito... Querido Kóstia, seja bondoso, seja mais carinhoso com a minha Máchenka!

MACHA [*fazendo a cama*] Deixe-o em paz, mãe.

POLINA [*para Trepliov*] É uma boa moça.

[*Pausa.*]

POLINA Uma mulher não precisa de quase nada, Kóstia, basta ser olhada com carinho. Sei disso por experiência própria.

[*Trepliov se levanta da mesa e sai em silêncio.*]

MACHA Pronto, a senhora o irritou. Será que não consegue deixá-lo em paz?

POLINA Sinto pena por você, Máchenka.

MACHA Não precisa ter pena!

POLINA Meu coração sofre por você. Pois eu vejo tudo, entendo tudo.

MACHA É tudo bobagem. Amor sem esperança... essas coisas só existem nos romances. Tolices. Não se pode amolecer, não se pode ficar a vida toda na beira da praia, esperando que o tempo melhore... Quando o amor se instala no coração, é preciso expulsá-lo. Já prometeram transferir meu marido para

outro distrito. Depois que eu e ele nos mudarmos para lá, tudo isso será esquecido... vou arrancar do coração, pela raiz.

[*A dois cômodos dali, tocam uma valsa melancólica.*]

POLINA Kóstia está tocando. Quer dizer que está triste.

MACHA [*sem ruído, dá alguns passos de valsa*] O principal, mãe, é que meus olhos não o vejam. Assim que derem essa transferência ao meu Siemion, acredite, esquecerei Kóstia em um mês. Tudo isso é uma bobagem.

[*Abre-se a porta da esquerda. Dorn e Miedviediêenko empurram a cadeira de rodas de Sórin.*]

MIEDVIEDIÊNKO Agora somos seis em casa. E a farinha custa setenta copeques o *pud*.

DORN Lá vem ele com a mesma história.

MIEDVIEDIÊNKO Para o senhor é fácil zombar. Tem dinheiro de sobra.

DORN Dinheiro? Depois de trabalhar trinta anos como médico, meu amigo, e trabalhar sem descanso, sem poder dispor só para mim nem do dia nem da noite, consegui economizar apenas dois mil rublos, que gastei faz pouco tempo, numa viagem ao exterior. Não possuo nada.

MACHA [*para o marido*] Mas você não ia embora?

MIEDVIEDIÊNKO [*com ar culpado*] De que jeito, se não me emprestam os cavalos?

MACHA [*irritada e amarga, à meia voz*] Eu gostaria de nunca mais ver você na minha frente!

[*A cadeira de rodas se detém na parte esquerda do cômodo; Polina Andréievna, Macha e Dorn sentam-se junto a ela; Miedviediêenko, entristecido, se põe à parte.*]

DORN Mas quantas novidades, por aqui! Transformaram a sala de visitas em um escritório de trabalho.

MACHA Aqui é mais cômodo para Konstantin Gavrílitich trabalhar. Ele pode sair para o jardim, quando tem vontade, e ficar lá, pensando.

[*Ouvem-se as batidas do vigia noturno.*]

SÓRIN Onde está minha irmã?

DORN Foi à estação, encontrar-se com Trigórin. Daqui a pouco, estará de volta.

SÓRIN Se o senhor achou necessário escrever para a minha irmã e pedir que viesse para cá, isso só pode significar que meu estado de saúde é mesmo grave. [*Após um momento de silêncio*] Essa é boa! Estou gravemente enfermo e ninguém me dá nenhum remédio.

DORN Mas que remédio o senhor quer? Gotas de valeriana? Bicarbonato de sódio? Quinino?

SÓRIN Pronto, lá vem sermão. Ah, que suplício! [*Acena com a cabeça na direção do sofá*] Fizeram essa cama para mim?

POLINA Sim, para o senhor, Piotr Nikoláievitch.

SÓRIN Muito obrigado.

DORN [*cantarola*] "A lua flutua no céu da noite..."

SÓRIN Eu queria sugerir ao Kóstia o tema para uma história. O título deve ser o seguinte "O homem que queria", "*L'Homme*

qui a voulu". Nos bons tempos, quando era moço, eu queria ser escritor, e não fui; queria falar bonito, e falava pessimamente [*zombando de si mesmo*]. "E portanto, não obstante, conforme eu ia dizendo, outrossim..." E acontecia que, em vez de fazer um resumo, eu me alongava, a ponto de ficar todo suado. Queria casar, e não casei; queria muito viver na cidade, e fui acabar minha vida no campo, e assim por diante.

DORN Queria ser um autêntico Conselheiro de Estado, e foi.

SÓRIN [*ri*] Não foi algo que desejei com ardor. Simplesmente, aconteceu.

DORN Expressar descontentamento com a vida, aos sessenta e dois anos de idade, o senhor há de convir, não é uma atitude generosa.

SÓRIN Mas que sujeito cabeça-dura! Entenda, isto é vontade de viver!

DORN Isso não passa de leviandade. Segundo as leis da natureza, toda vida precisa ter um fim.

SÓRIN O senhor raciocina como um homem saciado. O senhor está saciado e por isso é indiferente à vida; para o senhor, tanto faz. Mas espere só a hora de morrer e aí verá como é horrível.

DORN O temor da morte é um medo animal... É preciso sufocá-lo. Só temem a morte de forma consciente aqueles que crêem na vida eterna e sentem um medo terrível de seus pecados. Mas o senhor, em primeiro lugar, não acredita nisso; em segundo lugar... quais são os seus pecados? O senhor trabalhou durante vinte e cinco anos numa repartição da Justiça. Só isso e nada mais.

SÓRIN [*ri*] Vinte e oito anos...

[*Entra Trepliov e senta-se num banquinho aos pés de Sórin. Macha não desvia dele o olhar, nem por um momento.*]

DORN Estamos atrapalhando o trabalho de Konstantin Gavrilovitch.

TREPLIOV Não, de maneira alguma.

[*Pausa.*]

MIEDVEDIÊNKO Permita que lhe pergunte, doutor, que cidade de mais lhe agradou, quando esteve no exterior?

DORN Gênova.

TREPLIOV Por que Gênova?

DORN A multidão nas ruas é uma coisa magnífica. À noite, quando você sai do hotel, a rua inteira está apinhada de gente. Então você se deixa levar pela multidão, caminha ao léu, para um lado e para o outro, em ziguezague, você se sente unido às pessoas, funde-se à psique da multidão e começa até a acreditar na possibilidade real de existir uma alma do mundo, semelhante àquela alma do mundo que Nina Zariêchnaia representou na sua peça, naquela ocasião. Por falar nisso, por onde anda a senhorita Zariêchnaia? Como vai ela?

TREPLIOV Deve estar bem.

DORN Ouvi dizer que levava uma vida um tanto fora do comum. É verdade?

TREPLIOV Essa, doutor, é uma longa história.

DORN Pois faça um resumo.

[Pausa.]

TREPLIOV Ela fugiu de casa e foi viver com Trigórin. O senhor sabia disso?

DORN Sabia.

TREPLIOV Ela teve um filho. A criança morreu. Trigórin se cansou dela e voltou para os seus amores de antes, como já era de esperar. Aliás, ele nunca abandonou seus antigos amores e, como não tem nenhum caráter, sempre conseguiu dar um jeitinho para estar dos dois lados. Até onde posso avaliar, por tudo o que soube, a vida particular de Nina foi um redundante fracasso.

DORN Mas... e o teatro?

TREPLIOV Pior ainda, ao que parece. Ela estreou num teatro pequeno, em uma estação de veraneio nos arredores de Moscou, e depois seguiu para o campo. Eu nunca a perdia de vista e, por algum tempo, onde quer que ela estivesse, eu também estaria. Ela sempre era escalada para papéis importantes, mas representava de forma tosca, com mau gosto, aos berros e com gestos bruscos. Em alguns momentos, erguia a voz com talento, morria com talento, mas eram só alguns momentos.

DORN Então, apesar de tudo, ela tem talento?

TREPLIOV É difícil avaliar. Talvez tenha. Eu a via, mas ela não queria me ver, e a empregada não me deixava entrar no seu quarto de hotel. Eu entendia os sentimentos dela e não insistia para vê-la.

[Pausa.]

TREPLIOV O que mais posso lhe dizer? Depois, quando voltei para casa, recebi cartas de Nina. Cartas sensatas, cordiais, interessantes; ela não se queixava, mas eu percebia que estava profundamente infeliz; cada linha era um nervo retesado, doente. A imaginação também estava um pouco abalada. Ela assinava A Gaivota. Na peça *A sereia*, de Púchkin, o moleiro diz que é um corvo, da mesma forma que Nina, nas cartas, sempre repetia que era uma gaivota. Agora ela está aqui.

DORN Como assim, está aqui?

TREPLIOV Na cidade, numa hospedaria. Já faz uns cinco dias que está hospedada num quarto. Fui até lá para vê-la, e ~~mas~~ Maria Ilínitchna também foi, mas ela não recebe ninguém. Siemion Siemiónovitch garante que ontem, após o almoço, estive com ela no campo, a duas verstas daqui.

MIEDVIEDIÊNKO É verdade, eu a vi. Ela estava voltando de lá para a cidade. Eu a cumprimentei, perguntei por que não vinha nos visitar. Respondeu que viria.

TREPLIOV Não vai vir.

[Pausa.]

TREPLIOV O pai e a madrasta nem querem ouvir falar dela. Puseram vigias em toda parte, para impedir que a filha sequer se aproxime da propriedade. [*Juntamente com o médico, dirige-se à escrivania*] Como é fácil ser filósofo no papel, doutor, e como é difícil, na vida real!

SÓRIN Era uma jovem fascinante.

DORN Como disse?

SÓRIN Eu disse que era uma jovem fascinante. Durante um tempo, até o Conselheiro de Estado Sórin esteve apaixonado por ela.

DORN Seu velhote namorador.

[*Ouve-se uma risada de Chamraiev.*]

POLINA Parece que já estão de volta da estação...

TREPLIOV Sim, estou ouvindo a voz de mamãe.

[*Entram Arkádina, Trigórin e, atrás deles, Chamraiev.*]

CHAMRAIEV [*entrando*] Todos nós estamos envelhecendo, nos degradando sob o efeito das intempéries, mas a prezadíssima senhora continua sempre jovem... de blusinha clara, cheia de vida... cheia de graça...

ARKÁDINA O senhor está querendo pôr mau olhado em mim de novo, homem enfadonho!

TRIGÓRIN [*para Sórin*] Como vai, Piotr Nikoláievitch? Continua adoentado? Mas isso não é bom! [*Ao ver Macha, se alegra*] Maria Ilínitchna!

MACHA O senhor me reconheceu? [*Aperta a mão dele*]

TRIGÓRIN Casou-se?

MACHA Há muito tempo.

TRIGÓRIN Está feliz? [*Cumprimenta Dorn e Miedviediênko e, em seguida, hesita antes de se aproximar de Trepliov*] Irina Nikoláievna me disse que o senhor já esqueceu o que houve e deixou sua raiva para trás.

[*Trepliov estende a mão para ele.*]

ARKÁDINA [*para o filho*] Boris Aleksieievitch trouxe a revista que publicou o seu novo conto.

TREPLIOV [*apanha o volume; para Trigórin*] Muito obrigado. O senhor é muito gentil.

[*Senta-se.*]

TRIGÓRIN Seus admiradores lhe mandam cumprimentos... Em Petersburgo e em Moscou, todos estão muito interessados pelo senhor e não param de me fazer perguntas a seu respeito. Perguntam: como ele é, quantos anos tem, é moreno ou loiro? Por alguma razão, imaginam que o senhor já não é jovem. E ninguém sabe o seu sobrenome verdadeiro, pois o senhor assina com um pseudônimo. O senhor é misterioso, como o Máscara de Ferro.

TREPLIOV Vai ficar muito tempo aqui?

TRIGÓRIN Não, acho que amanhã mesmo sigo para Moscou. É preciso. Tenho de me apressar para terminar um romance e além disso prometi mandar alguma coisa para uma coletânea. Em suma, é a mesma história de sempre.

[*Enquanto os dois conversam, Arkádina e Polina Andréievna põem uma mesa de jogo no centro da sala e a desdobram; Chamraiev acende velas, arruma cadeiras. Retiram do armário um jogo de víspera.*]

TRIGÓRIN O clima não me deu uma acolhida muito aprazível. O vento está cortante. Amanhã de manhã, se o vento acalmar, irei até o lago para pescar. Por falar nisso, preciso rever o jardim e aquele local onde... o senhor se lembra...

encenaram a sua peça. Tenho um tema já bem maduro para desenvolver, só me falta recuperar a memória do local em que a ação se passa.

MACHA [*para o pai*] Papai, empreste um cavalo para o meu marido! Ele precisa ir para casa.

CHAMRAIEV [*irritado*] Cavalo... casa... [*Com severidade*] Você mesma é testemunha: eles acabaram de chegar da estação. Não se pode abusar dos cavalos.

MACHA Mas há outros cavalos... [*Vendo que o pai se mantém calado, abana as mãos*] Não adianta falar com o senhor...

MIEDVIEDIÊNKO Eu vou a pé, Macha. Não se preocupe...

POLINA [*com um suspiro*] A pé, num tempo desses... [*Senta-se à mesa de jogo*] Por favor, senhores. Sentem-se.

MIEDVIEDIÊNKO Afinal, são só seis verstas de distância... Adeus... [*Beija a mão da esposa*] Adeus, mamãe. [*A sogra, de má vontade, lhe dá a mão para beijar*] Eu bem que preferia não incomodar ninguém, mas o bebê... [*Faz um cumprimento com a cabeça para todos*] Adeus... [*Sai, com um ar de culpa*]

CHAMRAIEV Isso, tem mesmo de ir a pé. Não é nenhum general.

POLINA [*dando pancadinhas na mesa*] Por favor, senhores. Não vamos perder tempo, daqui a pouco vão nos chamar para o jantar.

[*Chamraiev, Macha e Dorn sentam-se à mesa.*]

ARKÁDINA [*para Trigórin*] Aqui, quando começam as noites longas de outono, é costume jogar víspora. Veja só: o velho

jogo de víspora, o mesmo que a falecida mamãe ainda jogava conosco, quando éramos crianças. O senhor não gostaria de tomar parte do nosso jogo, até a hora do jantar? [*Senta-se à mesa com Trigórin*] É um jogo enfadonho mas, depois que a gente se acostuma, não é tão ruim assim. [*Dá três cartas para cada jogador*]

TREPLIOV [*folheando a revista*] Ele leu o próprio conto de fio a pavio, mas nem soltou a ponta das folhas do meu conto. [*Põe a revista sobre a escrivaninha, em seguida se dirige para a porta da esquerda; ao passar pela mãe, beija sua cabeça*]

ARKÁDINA E você, Kóstia?

TREPLIOV Desculpe, não estou com vontade... Vou caminhar um pouco. [*Sai*]

ARKÁDINA A aposta é de dez copeques. Faça a aposta por mim, doutor.

DORN Com todo prazer.

MACHA Todos já apostaram? Então vou começar... Vinte e dois!

ARKÁDINA Eu tenho.

MACHA Três!

DORN É meu.

MACHA O senhor já marcou o três? Oito! Oitenta e um! Dez!

CHAMRAIEV Não corra.

ARKÁDINA Mas que recepção consagrada eu tive em Khar-kov, meu Deus, minha cabeça está rodando até agora!

MACHA Trinta e quatro!

[*Por trás do palco, tocam uma valsa melancólica.*]

ARKÁDINA Os estudantes me aclamaram... Três corbelhas, duas coroas e ainda por cima isto aqui... [*Tira um broche do peito e o joga sobre a mesa*]

CHAMRAIEV Sim, é autêntica...

MACHA Cinquenta!

DORN Cinquenta redondos?

ARKÁDINA Usei roupas maravilhosas... Digam o que disserem, para me vestir, eu não sou nada boba.

POLINA Kóstia está tocando piano. Está triste, coitado.

CHAMRAIEV Os jornais o criticam demais.

MACHA Setenta e sete.

ARKÁDINA É só vontade de chamar atenção.

TRIGÓRIN Ele não tem tido sorte. Não consegue, de maneira alguma, alcançar o seu tom autêntico. Há algo estranho, vago, por vezes até semelhante à loucura. Nenhum personagem com vida própria.

MACHA Onze!

ARKÁDINA [*olhando para trás, na direção de Sórin*] Petrushka, está aborrecido?

[*Pausa.*]

ARKÁDINA Pegou no sono.

DORN O Conselheiro de Estado dorme.

MACHA Sete! Noventa!

TRIGÓRIN Se eu morasse numa propriedade como esta, à beira de um lago, vocês acham que eu teria vontade de escrever? Eu trataria de sufocar essa loucura e não faria outra coisa senão pescar no lago.

MACHA Vinte e oito!

TRIGÓRIN Pescar uma acerina ou uma perca, isto sim é o auge da felicidade!

DORN Pois eu acredito em Konstantin Gavrílitch. Há alguma coisa nele! Há alguma coisa! Ele sabe pensar por meio de imagens, seus contos são expressivos, vivazes, e provocam em mim sentimentos fortes. Só lamento que ele não tenha propósitos mais definidos. Cria impressões e mais nada, e o problema é que não se pode ir muito longe apenas com impressões. Irina Nikoláievna, a senhora está contente por seu filho ser escritor?

ARKÁDINA Imaginem só: eu ainda não li. Nunca tenho tempo.

MACHA Vinte e seis!

[*Trepliov entra em silêncio e caminha até a sua escrivaninha.*]

CHAMRAIEV [*para Trigórin*] Ah, Boris Aleksiêievitch, ficamos com uma coisa que lhe pertence.

TRIGÓRIN Que coisa?

CHAMRAIEV Certa vez, Konstantin Gavrílitch matou uma gai-vota com um tiro e o senhor me encarregou de pedir que a empalhassem.

TRIGÓRIN Não me lembro disso. [*Pensativo*] Não me lembro!

MACHA Sessenta e seis! Um!

TREPLIOV [*abre a janela, põe-se a escutar*] Como está escuro! Não entendo de onde me vem essa angústia.

ARKÁDINA Kóstia, feche a janela, há uma corrente de ar.

[*Trepliov fecha a janela.*]

MACHA Oitenta e oito!

TRIGÓRIN Completei a minha cartela, senhores.

ARKÁDINA [*alegre*] Bravo! Bravo!

CHAMRAIEV Bravo!

ARKÁDINA Esse homem sempre tem sorte em tudo. [*Levanta-se*] E agora vamos beliscar alguma coisa. A nossa celebridade não almoçou hoje. Depois do jantar, vamos continuar o jogo. [*Para o filho*] Kóstia, largue os seus escritos e venha comer.

TREPLIOV Não quero, mamãe, não estou com fome.

ARKÁDINA Como quiser. [*Acorda Sórin*] Pietrucha, jantar! [*Dando o braço para Chamraiev*] Vou contar ao senhor como fui recebida em Kharkov...

[*Polina apaga as velas sobre a mesa, em seguida ela e Dorn empurram a cadeira de rodas. Todos saem pela porta da esquerda; no palco, resta apenas Trepliov, sentado à escrivaninha.*]

TREPLIOV [*põe-se a escrever; passa os olhos pelo que já escreveu*] Eu, que falava tanto em formas novas, agora sinto que, pouco a pouco, vou também caindo na rotina. [*Lê*] “Um cartaz na cerca apregoava... Um rosto pálido, emoldurado por cabelos escuros...” Apregoava, emoldurado... Isto é medíocre. [*Risca*] Vou começar com o herói acordando com o barulho da chuva, e todo o resto vai para o lixo. A descrição da noite de luar está longa e rebuscada. Trigórin desenvolveu algumas técnicas para uso próprio e assim ficou fácil para ele... Basta escrever que o gargalo de uma garrafa quebrada cintila na beira de um açude e que a

sombra da roda de um moinho se estende negra — e está pronta a noite de luar, mas para mim é preciso uma luz bruxuleante, estrelas cintilantes e serenas, e sons longínquos de um piano, que se extinguem no ar perfumado e silencioso... Isto é um suplício.

[*Pausa.*]

TREPLIOV Cada vez mais me convenço de que a questão não consiste em formas novas e formas velhas, mas sim em que a pessoa escreva sem pensar em formas, sejam quais forem, que ela escreva porque isso flui livremente da sua alma.

[*Alguém bate à janela próxima à escrivaninha.*]

TREPLIOV Quem é? [*Olha pela janela*] Não vejo nada... [*Abre a porta de vidro e olha para o jardim*] Alguém desceu correndo pela escada. [*Ergue a voz*] Quem está aí? [*Sai; ouvem-se seus passos ligeiros pela varanda; após meio minuto, retorna em companhia de Nina Zariêtnaia*] Nina! Nina!

[*Nina abraça a cabeça de Trepliov contra o peito e tenta abafar os soluços.*]

TREPLIOV [*comovido*] Nina! Nina! É você... você... Foi como se eu tivesse um pressentimento, minha alma ficou terrivelmente aflita o dia todo. [*Toma de Nina seu chapéu e seu manto*] Ah, minha querida, minha adorada, ela voltou! Não vamos chorar, nada de choro.

NINA Tem alguém aqui.

TREPLIOV Ninguém.

NINA Tranque as portas para que não entrem.

TREPLIOV Ninguém vai entrar.

NINA Eu sei que Irina Nikoláievna está aqui. Tranque as portas...

TREPLIOV [*fecha a porta da direita à chave, dirige-se à porta da esquerda*] Esta não tem tranca. Vou barrar a entrada com uma poltrona. [*Põe uma poltrona encostada à porta*] Não tenha medo, ninguém vai entrar.

NINA [*olha fixamente para o rosto dele*] Deixe-me olhar para você. [*Olha em volta*] Aqui dentro está quente, agradável... Antes, aqui ficava a sala de visitas. Mudei muito?

TREPLIOV Sim... emagreceu, e seus olhos ficaram maiores. Nina, nem acredito que eu esteja vendo você. Por que não quis me receber? Por que não veio antes? Eu sei que você está aqui já faz quase uma semana... Fui todos os dias até onde você está hospedada, várias vezes por dia, me plantei embaixo da sua janela, como um mendigo.

NINA Eu tinha medo de que você estivesse com ódio de mim. Sonho todas as noites que você olha para mim e não me reconhece. Se você soubesse! Desde a minha chegada, caminhei muitas vezes por aqui... na beira do lago. Quantas vezes estive perto da sua casa e não me atrevi a entrar. Vamos sentar.

[*Sentam-se.*]

NINA Vamos sentar e ficar conversando, conversando. Aqui é agradável, quente, acolhedor... Escute... é o vento? Há em

Turguêniev um trecho que diz: "feliz de quem, numa noite como esta, tem um teto para se abrigar e um cantinho aquecido". Eu sou uma gaivota... Não, não é isso. [*Esfrega a testa*] O que eu estava dizendo? Ah, sim... Turguêniev... "E que Deus proteja todos os desabrigados que vagam sem rumo..." Não é nada. [*Soluçã*]

TREPLIOV Nina, você está de novo... Nina!

NINA Não é nada, isso me alivia... Já fazia dois anos que eu não chorava. Ontem, tarde da noite, fui ao jardim, ver se o nosso teatro ainda estava de pé. E ele está lá até hoje. Chorei pela primeira vez, em dois anos, e me senti aliviada, minha alma ficou mais serena. Veja, já não estou mais chorando. [*Segura a mão dele*] Mas quer dizer que você agora já é um escritor... Você é um escritor e eu, uma atriz... Caímos nós dois no mesmo turbilhão... Eu vivia alegre, como uma criança... acordava de manhã e começava a cantar; amava você, sonhava com a glória, e agora? Amanhã, bem cedo, partirei para Iêlets, num vagão de terceira classe... junto com os camponeses, e em Iêlets os comerciantes que se julgam instruídos vão me importunar com as suas atenções. Que vida sórdida!

TREPLIOV Para que você vai a Iêlets?

NINA Assinei um contrato para o inverno inteiro. Está na hora de partir.

TREPLIOV Nina, eu amaldiçoei você, senti ódio, rasguei suas cartas e fotografias, mas sabia o tempo todo que minha alma estava ligada à sua, para sempre. Deixar de amar você, Nina, é uma coisa que está além de minhas forças. Desde que perdi você e desde que meus textos começaram a ser publicados,

a vida para mim se tornou insuportável... eu soffro... De uma hora para outra, minha juventude foi como que arrancada à força, e eu me sinto como se já tivesse vivido noventa anos neste mundo. Eu chamo o seu nome em voz alta, beijo a terra em que você pisou; para onde quer que eu olhe, aparece sempre o seu rosto, este sorriso carinhoso, que me iluminava nos melhores anos da minha vida...

NINA [*desconcertada*] Para que ele está falando isso, para que ele está falando isso?

TREPLIOV Estou sozinho, nenhum afeto me conforta, estou frio, como num subterrâneo, e tudo o que escrevo é seco, duro, sombrio. Fique aqui, Nina, eu imploro, ou então permita que eu vá com você!

[*Nina, rapidamente, põe o chapéu e veste o manto.*]

TREPLIOV Por quê? Pelo amor de Deus, Nina... [*Observa, enquanto ela se arruma; pausa*]

NINA Meus cavalos estão à minha espera, na porteira. Não me acompanhe, irei sozinha... [*Entre lágrimas*] Me dê um pouco de água...

TREPLIOV [*dá de beber a ela*] Para onde vai agora?

NINA Para a cidade.

[*Pausa.*]

NINA Irina Nikoláievna está aqui?

TREPLIOV Está... Na quinta-feira, titio não passou bem, nós telegrafamos para ela, pedindo que viesse.

NINA Por que você disse que beijava a terra em que eu pisava? O certo seria me assassinar. [*Inclina-se sobre a mesa*] Estou tão esgotada! Quem me dera poder descansar... descansar! [*Levanta a cabeça*] Eu sou uma gaivota... Não, não é isso. Eu sou uma atriz. É isto! [*Ouve o riso de Arkádina e de Trígórin, põe-se à escuta, em seguida corre até a porta da esquerda e olha pelo buraco da fechadura*] Ele também está aqui... [*Volta para perto de Trepliov*] Ora... Não é nada... Sim... Ele não acreditava no teatro, sempre ria dos meus sonhos, e assim, pouco a pouco, eu também fui deixando de acreditar e caí num desânimo... E então vieram as aflições do amor, os ciúmes, os receios incessantes com o bebê... Eu me tornei mesquinha, fútil, representava de forma leviana... Não sabia o que fazer com as mãos, não sabia como me postar no palco, não dominava a minha voz. Você nem pode imaginar o que é isso, um ator perceber que está representando pessimamente. Eu sou uma gaivota. Não, não é isso... Lembra que você matou uma gaivota com um tiro? Um homem chegou por acaso, viu uma gaivota e, por pura falta do que fazer, matou a gaivota... O tema para um pequeno conto. Mas não é isso... [*Esfrega a testa com a mão*] Do que eu estava falando?... Falava sobre o teatro. Agora não sou mais assim... Sou uma atriz de verdade, represento com satisfação, com entusiasmo, uma embriaguez me domina no palco e eu me sinto linda. Agora, enquanto estou aqui, caminho o tempo todo, caminho e penso, o tempo todo, caminho e sinto que meu espírito se torna mais forte a cada dia... Agora eu sei, Kóstia, agora eu compreendo que no nosso trabalho, representando no

palco ou escrevendo, o que importa não é a glória, não é o esplendor, não é aquilo com que eu tanto sonhava, mas sim a capacidade de suportar. Aprenda a carregar a sua cruz e acredite. Eu acredito e, assim, nem sofro tanto e, quando penso na minha vocação, não sinto medo da vida.

TREPLIOV [*com tristeza*] Você encontrou o seu caminho, sabe para onde ir, enquanto eu continuo mergulhado no caos dos devaneios e das visões, sem saber para que e para quem isso serve. Eu não acredito e não sei qual a minha vocação.

NINA [*escutando atentamente*] Psss... Eu já vou. Adeus. Quando eu me tornar uma grande atriz, venha me ver. Promete? Mas agora... [*Aperta a mão dele*] Já é tarde. Mal me agüento em pé... Estou exausta, sinto fome...

TREPLIOV Não vá embora, eu lhe trarei um jantar...

NINA Não, não... Não me acompanhe, eu irei sozinha... Os meus cavalos estão perto daqui... Quer dizer que ela veio com ele? Ora, tanto faz. Quando estiver com Trigórin, não lhe conte nada... Eu amo Trigórin. Eu o amo ainda mais do que antes... O tema para um pequeno conto... Eu amo, amo apaixonadamente, amo até o desespero. Como era bom, nos velhos tempos, Kóstia! Lembra? Que vida radiante, afetuosa, alegre, pura, que sentimentos... sentimentos semelhantes a flores delicadas, graciosas... Lembra? [*Recita*] "Homens, leões, águias e perdizes, cervos de grandes chifres, gansos, aranhas, peixes silenciosos que habitavam as águas, estrelas do mar e criaturas que os olhos não eram capazes de ver — em suma, todas as vidas, todas as vidas, depois de concluírem seu triste ciclo, se extinguíram... Há muitos milhares de anos

não existe mais uma única criatura viva sobre a terra e esta pobre lua acende sua lanterna em vão. No prado, os grouns já não despertam com um grito, nem se ouvem os besouros nos bosques de tílias..." [*Abraça Trepliov impetuosamente e foge pela porta de vidro*]

TREPLIOV [*após uma pausa*] Não vai ser nada bom se alguém topar com ela no jardim e depois contar para mamãe. Isso pode deixar mamãe transtornada... [*Durante dois minutos, em silêncio, ele rasga todos os seus manuscritos e os atira embaixo da mesa, depois destranca a porta da direita e sai*]

DORN [*tentando abrir a porta da esquerda*] Que estranho. Parece que a porta está trancada... [*Entra e põe a poltrona no lugar*] É como uma corrida de obstáculos.

[*Entram Arkádina, Polina Andréievna, mais Iákov, que traz algumas garrafas, e Macha, em seguida Chamraiev e Trigórin.*]

ARKÁDINA Ponha o vinho tinto e a cerveja aqui na mesa, para Boris Aleksiéievitch. Vamos jogar e beber. Sentem-se, senhores.

POLINA [*para Iákov*] Traga logo o chá, também. [*Acende as velas, senta-se à mesa de jogo*]

CHAMRAIEV [*leva Trigórin até o armário*] Eis o objeto a respeito do qual eu lhe falei há pouco... [*Retira do armário a gaiivota empalhada*] A encomenda que o senhor me fez.

TRIGÓRIN [*examinando a gaiivota*] Não me lembro! [*Depois de pensar um pouco*] Não me lembro!

[*À direita do palco, ouve-se o som de um tiro; todos se sobressaltam.*]

ARKÁDINA [*assustada*] O que foi isso?

DORN Não foi nada. Na certa estourou algum frasco na minha valise de remédios. Não se preocupe. [*Sai pela porta da direita e volta meio minuto depois*] Exatamente o que pensei. Um frasco de éter estourou. [*Cantarola*] “De novo enfeitado estou diante de ti...”

ARKÁDINA [*senta-se à mesa*] Puxa, que susto levei. Isso me fez lembrar o dia em que... [*Cobre o rosto com as mãos*] Meus olhos até escureceram...

DORN [*folheando uma revista, para Trigórin*] Uns dois meses atrás, saiu publicado aqui um artigo... uma carta da América, e eu gostaria de perguntar ao senhor, a respeito disso... [*puxa Trigórin pela cintura e o conduz para a frente do palco*] ... pois estou muito interessado nesse assunto... [*Em tom grave, à meia voz*] Leve Irina Nikoláievna embora daqui, para qualquer lugar. A verdade é que Konstantin Gavrilo-vitch se matou...

[*Cortina.*]

UM PÁSSARO NA MÃO *Posfácio*



Dr. Tchekhov, médico rural em Melikhovo, 1892.

Numa carta de 1892, Anton Tchekhov relatou: “o pintor Levitan está passando uns dias no meu sítio. Ontem, ao entardecer, eu e ele fomos à zona de caça às galinholas. Levitan disparou e uma ave, ferida na asa, caiu num charco. Eu a levantei. Tinha um bico comprido, olhos grandes e pretos e uma plumagem bonita. Olhava para nós, espantada. O que podíamos fazer? Levitan franziu a testa, fechou os olhos e me suplicou, com voz trêmula: ‘Por favor, esmague a cabeça dela com a coronha do rifle.’ Respondi que não podia. Ele não parava de sacudir os ombros, nervoso, contraía o rosto e suplicava. A galinhola olhava para mim, espantada. Tive de obedecer a Levitan e matá-la. E, enquanto dois imbecis voltavam para casa e sentavam-se para jantar, havia uma criatura fascinante a menos no mundo.”

Esse episódio irá ecoar na peça que Tchekhov escreverá três anos depois, em 1895. No lugar da galinhola, uma gaivota: alvejada por um escritor e empalhada por outro. Mas o pressentimento da índole predatória que assombra a atividade do artista e a inevitável frieza com que o forte desfruta o fraco se fazem presentes na peça com a mesma revolta impotente que marca a recordação anotada naquela carta.

“Estou escrevendo uma peça que na certa não terminarei antes do fim de novembro. Não posso negar que me agrada escrevê-la, embora esteja obviamente desrespeitando os princípios elementares do teatro. A comédia tem três papéis femininos,

seis masculinos, quatro atos, uma paisagem (uma vista para um lago), muita conversa sobre literatura, pouca ação e cinco arrobas de amor.” Assim Tchekhov, numa carta de 21 de outubro de 1895, deu notícia de sua peça *A gaivota*. Cinco dias depois, escreveu para outra pessoa: “Terminei minha peça. Não é nada demais. No conjunto, diria que sou um dramaturgo medíocre”. Mas parece que a reescreveu e, no dia 21 de novembro, em outra carta, registrou: “Terminei minha peça. A despeito de todas as regras da arte dramática, eu a comecei *forte* e acabei *pianissimo* [...]. Estou antes de tudo insatisfeito e vejo que não sou de forma alguma dramaturgo”. Tchekhov enviou o manuscrito para o amigo e pediu: “Não mostre para ninguém”. Continuou a reescrever e só em julho de 1896 mandou o texto final para a aprovação da censura.

A gaivota foi a primeira peça a que Tchekhov conseguiu dar uma feição equivalente ao modo como, já havia algum tempo, construía seus contos. Suas primeiras obras para o teatro foram curtas e humorísticas. Duas tentativas mais ambiciosas, *Ivanóv* e *O demônio da floresta*, o frustraram e atraíram críticas. Não foi diferente o destino de *A gaivota*, pelo menos em sua primeira apresentação, na noite de 17 de outubro de 1896, em São Petersburgo. A platéia vaiou, gritou, zombou dos atores em cena, alguns espectadores levantaram-se para conversar aos brados. Tchekhov assistiu aos dois primeiros atos e depois se refugiou nos bastidores. Ao fim do primeiro ato, jornalistas e críticos de teatro correram ao bar e exclamavam: “Onde está a ação?”, “Ele está acabado”, “Perdeu o talento”, “É tudo tão insípido”. E os jornais da manhã seguinte, em coro, publicaram críticas ásperas.

Por mais que isso o tenha abalado, Tchekhov não foi apalhado de surpresa. Numa carta escrita poucos dias antes da estréia, já registrara sua apreensão e até relatara um pesadelo: “casam-me com uma mulher que não amo e sou insultado nos jornais”. O escritor vinha acompanhando os ensaios apressados e caíra em desânimo, ante o desempenho dos atores. Além disso, Tchekhov sabia não contar com muita simpatia nos meios literários de São Petersburgo. O ambiente pretensioso da capital quase sempre o aborrecera e o ânimo pouco sociável demonstrado por Tchekhov em suas estadas na cidade havia deixado um rastro de ressentimento. “Meus amigos e conhecidos de Petersburgo estão aborrecidos comigo? [...] Pois que fiquem”, escreveu numa carta em 1890. E, um ano depois, descreveu



A gaivota, primeiro ato, na estréia em São Petersburgo, 1896.

Краматурга в балюстрадах, на котельях у декадентства, (по поводу восшествий провинциальной «Чайки» в «Россю».



Смехи на театральном рынке.

Charge de época: “A gaiivota nas garras da decadência”, 1896.

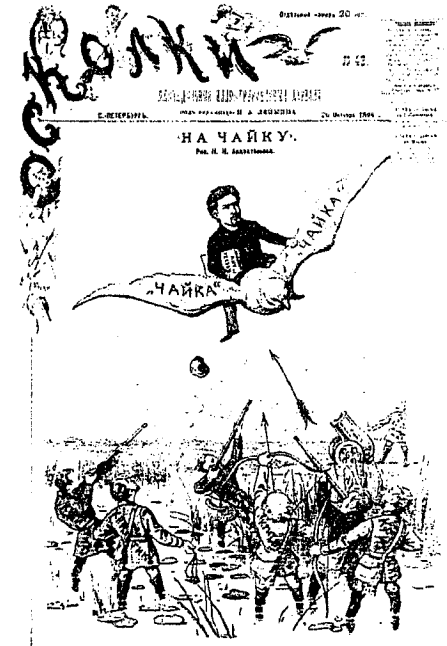
nestes termos uma nova visita à capital: “Eu me vi cercado por uma atmosfera de absurda e indefinível má vontade [...]. Eles me entopem com jantares, me cobrem de elogios triviais e ao mesmo tempo gostariam de me comer vivo [...]. Não são gente, mas algum tipo de mofó ambulante”.

Porém a causa imediata do fracasso da primeira montagem pode ter sido algo mais simples. Vigorava, na época, a tradição de dedicar a estréia em benefício de um ator famoso. Às vezes, nessas ocasiões, duas peças eram encenadas na mesma noite e assim aconteceu a 17 de outubro. A homenageada foi a atriz cômica Levkêieva, que entraria em cena numa comédia após a apresentação de *A gaiivota*. A platéia, em sua maior parte formada por admiradores de Levkêieva, estava ansiosa para rir de suas personagens burlescas.

O fiasco da estréia de *A gaiivota* levou Tchekhov a partir de São Petersburgo bem cedo na manhã seguinte, depois de

deixar um bilhete para o amigo em cuja casa estava hospedado: “Nunca mais escreverei outra peça”. Este amigo, dias depois, o censurou pela sua partida precipitada e Tchekhov assim se explicou: “Agi com a sensatez e a frieza de um homem que apresentou um pedido de casamento e foi recusado [...]. Quando cheguei à minha casa, bebi óleo de rícino, tomei um banho de água fria e agora estou pronto para escrever outra peça”.

Antes de ser retirada de cartaz, *A gaiivota* teve mais oito apresentações em São Petersburgo, diante de um público mais apropriado. As notícias que chegaram a Tchekhov davam conta da boa recepção do espetáculo, mas nada disso alcançou os



Charge de época: “Caça à gaiivota”, 1896.



Konstantin Stanislávski:
Tchekhov reprovou sua
idéia de trazer para o palco
um grupo de mães e crian-
ças chorosas, na cena final
do terceiro ato.

jornais e a péssima impressão da estréia não se desfez. Embora Tchekhov não autorizasse a montagem da peça nas principais cidades do país, *A gaiivota* foi representada por companhias modestas, em Kíev, Odessa e em várias províncias do império russo, com boa repercussão, e houve até uma montagem em Praga, numa tradução para o tcheco. Desse modo, quando a peça afinal chegou a Moscou, em 1898, por iniciativa do recém-criado Teatro de Arte de Moscou, os comentários em favor da obra já vinham se acumulando gradualmente.

Coube ao ator e diretor Nemiróvitch-Dântchenko dobrar a resistência de Tchekhov, após o fiasco de 1896, e convencê-lo a ceder a peça à sua companhia: “Eu lhe asseguro, você não encontrará um diretor que o idolatre mais ou uma companhia que




Em vez de fazer soar o coaxar
dos sapos na cena da peça de
Trepliov, Nemiróvitch-
Dântchenko preferia “o com-
pleto e enigmático silêncio”.

o admire mais”. Coube também a ele, mais afeito à obra de Tchekhov, orientar os companheiros na montagem dessa peça que exigia uma produção, conforme insistia Dântchenko, “livre de toda rotina”. Konstantin Stanislávski, também diretor da nova companhia, representou o papel de Trigórin, enquanto o jovem Meierhold representou o papel de Trepliov. À atriz Olga Knipper, futura esposa de Tchekhov, coube o papel de Irina Nikoláievna.

O êxito não poderia ter sido maior e abriu caminho para o talento renovador desses artistas, que viriam a deixar sua marca no teatro do século xx. Tchekhov, de fato, se empolgou com o grupo de atores, cujos ensaios por vezes presenciou. Mas advertia a Stanislávski que Trigórin devia usar um sapato furado,

СЪЮЗНО-ОБЩЕСТВЕННЫЙ
 (Наретный родъ "Зрители"). ТЕАТРЪ (Наретный родъ "Зрители").
 Въ Четвергъ, 17-го Декабря,
 поставлено будетъ въ вечеръ разъ:
ЧАЙКА

Драма в 4-хъ действияхъ, оперъ Антона Чехова.
 1878-1881 гг. Роль Третьяковъ — М. С. Степановичей, Третьяковъ — М. Степановичей, Дроздъ — А. А. Николаевскій, Горюхи — В. В. Луцкий, Шарочки — А. Р. Артемьевъ, Мухоморовъ — Л. М. Ткаченко, Саша — А. М. Александровъ, Паша — А. А. Александровъ, Александръ — М. М. Александровъ, Катюша — М. М. Александровъ, Чичиковъ — М. М. Александровъ, Паша — А. А. Александровъ, Александръ — М. М. Александровъ, Катюша — М. М. Александровъ.
 Режиссеръ К. С. Станиславскій и Ва. И. Немировичъ-Данченко.
 Начало в 7 1/2 ч. ввеч., окончаніе около 11 1/2 ч. ночи.
 Лица, записавшіяся на первое представленіе драмы "Чайка", благоволятъ получить билеты до 4-хъ часъ. Среды, 18-го Декабря, послѣ чего они поступаютъ въ общій продажу.
 Въ пятницу, 18-го Декабря, второе представленіе драмы: 
 ЦѢНА МѢСТАМЪ ОБЫКНОВЕННАЯ.
 Всесо открыта отъ 10 часъ утра до 8 часъ вечера.
 Главн. реж. — К. С. Станиславскій. Директоръ — Ва. И. Немировичъ-Данченко.

Cartaz da estréia de
A gaviota na encenação do
 Teatro de Arte de Moscou,
 dezembro de 1898.

A gaviota, segundo ato, 1898.



vestir calça xadrez e fumar um charuto fedorento, em vez de mostrar-se como um dândi. O dramaturgo também reprovou a concepção de Stanislávski para o final do terceiro ato — a cena da despedida —, em que o diretor imaginara trazer para o palco um grupo de mães e crianças chorosas. No geral, Tchekhov insistia em que os atores evitassem toda ênfase sentimental. Isso talvez ajude a esclarecer uma dúvida freqüente entre os seus leitores: a rubrica que Tchekhov acrescentou ao título da peça — “comédia”.

Afinal, são raros os momentos de riso ou de mera alegria em *A gaviota*, ao passo que não faltam, para os personagens, motivos para tristeza ou mesmo para o desespero. O problema pode se tornar compreensível se lembrarmos que a noção rigorosa de comédia equivale menos ao riso do que ao estilo baixo — em contraste com o estilo elevado, da tragédia. Tchekhov negava crédito aos ideais alçados além da medida do cotidiano e da vida comum. Não pretendia pôr em cena gênios, heróis ou mártires desses ideais, nem os vilões que por força os acompanham. Em vez de fazer soar, no palco, falas graves a todo instante em meio a uma sucessão de acontecimentos terríveis, Tchekhov imaginara personagens que comentavam o calor, o frio ou as doenças, calavam-se por falta de assunto e pouco agiam em uma história quase desprovida de acontecimentos. Pois assim a vida se mostrava, na maior parte do tempo, aos seus olhos.

A rigor, em *A gaviota*, há antes coisas que não acontecem, em um enredo que parece não caminhar para parte alguma. No entanto, entre diálogos triviais, aspirações e desavenças corriqueiras, apenas rompidas por reflexões nada idealizadas sobre a atividade do artista, uma crise obscura se avoluma pouco a pouco.

Um desajuste sutil impede que os personagens entendam uns aos outros e subtrai de cada um a compreensão do que eles mesmos desejam e pensam. Esse desajuste e essa crise fazem as vezes de uma estrutura para a peça, soldam as partes que parecem à deriva. Ao mesmo tempo, permitem pressentir o que há subjacente às camadas de banalidade e de frustração.

Em uma composição desse tipo, mesmo que sobrevenha ao final um acontecimento de impacto – como é o caso em *A gaiivota* –, não haverá um desfecho propriamente dito. Tal acontecimento, por mais dramático que pareça, por mais sofrimento que concentre em si, não representa nem solução, nem desvelamento, nem catarse. O espectador subentende que a mesma crise e o mesmo desajuste prosseguirão intactos e apenas se agravarão na vida futura dos personagens.

A gaiivota foi a primeira das quatro peças que Tchekhov escreveria até 1904 e que o tornaram um clássico do teatro. Reúne, mais do que as outras, as reflexões literárias do autor, em especial no tocante à degradação do impulso criador do artista, quando se integra ao curso da sociedade. Os dois escritores e as duas atrizes que formam o núcleo dos personagens configuram um movimento de contrastes, ao qual no entanto falta um eixo, ou qualquer ponto de apoio constante. Nenhum deles tem um modelo em que confiar, nem um caminho por onde fugir.

Tchekhov inseriu no primeiro ato uma pequena peça dentro da sua peça, em um esquema que alude a *Hamlet*. Reforçou essa alusão nos diálogos entre Trepliov e sua mãe, uma atriz famosa, com caprichos de rainha. A linguagem usada na peça dentro da peça nos parece estranha, mas representa, de maneira

algo deformada, uma alusão à poética simbolista, que se introduzira pouco tempo antes na Rússia e causava certa sensação. A mãe de Trepliov classifica a obra do filho de “decadente”, termo usado então de forma rotineira para desdenhar das obras simbolistas. Liev Tolstói, por sua vez, também classificou *A gaiivota* de decadente. Assim, sem notar, com uma única palavra, ergueu um tablado sob os próprios pés e transformou a si, mas também a nós, em personagens de uma outra peça. Por sinal, a mesma a que ainda assistimos.

Rubens Figueiredo



REFLUXO

*DRAMATURGIA
ANGELA RIBEIRO*

FIGURAS

O ASCENSORISTA | Dário

VOZ OFF FEMININA DO METRÔ

CANTORA DE CHURRASCARIA | Diva (quase nunca pára no prédio)

SENHORA FINA | Dona Cleide (ex-mulher de Túlio)

ESCRITOR DESEMPREGADO | Seu Túlio (ex-marido de Cleide)

AVÓ QUE CRIA PEIXES | Dona Corina (tem um filho que nunca vem)

MENINA DA INTERNET | Helena (pretendente de Leon)

ASPIRANTE A SKATISTA | Leon (peguete de Helena)

SÍNDICO FAZ ANOS | Seu Abreu (quase nunca sai do prédio)

Ps1: quando indicados na tabela, o “espaço elevador” sempre entra sobreposto ao “espaço sonoro”. Pode haver uma equalização entre os espaços, nas palavras ou nos volumes, para que ambos possam ser escutados. O importante é que essas vozes causem um desconforto. Um caos sonoro.

Ps2: Uma indicação de barra reta pode ser uma tosse ou um indício de que Dário está passando mal. Isso pode tomar uma proporção incontrolável. Mas isso se aplica ao personagem do ASCENSORISTA. Na VOZ OFF FEMININA DO METRÔ é como uma interrupção.

Ex: Tá tudo um caos, hoje de manhã mesmo na condução | Acontece sempre, mas sempre todo dia não dá, é demais.

Ps3: A poça de vômito vai ficando cada vez maior de forma que as pessoas comecem a se aglomerar nos cantos do espaço.

Ps4: O piar do pássaro pode acontecer a qualquer momento e as reações das figuras também.

Ps5: O lugar vai ficando cada vez mais quente. No final podem estar todos ensopados. É como se estivessem no inferno.

PRÓLOGO OU PORTAL

Dário, o ASCENSORISTA entra. Abre as grades. Entra. Fala de trás dela. Compartilha com o público.

DÁRIO

Todo mundo tem um dia na vida, um dia sequer que quer despencar. Arrebentar as cordas. Um dia ou muitos. Ou todos os dias. Aqui esse dia é hoje. Hoje é um dia de abismo. Hoje é aquele dia em você quer, assim como os habitam esse lugar, explodir. Um dia para explodir. Eu lamento por esses, por eles, mas eles existem. Não, não sou um deles. Ainda sou um resistente. Não, não lamente por mim. Não me olhe e pense que somos parecidos. Eu sou um resistente. Sou daqueles que insistem no contrário. Um homem mediano. No seu ponto de vista. Um homem que corre, que tenta alcançar algo até faltar o ar. Até os balões explodirem. Até doer. Até caírem todos os fios de cabelo. Até as entradas se exibirem no espelho. Eu vou ficar careca! Mas não porque me afoguei no que existe de mais escuro em mim. Mas porque tento diariamente me salvar, respirar no seu poço. É no poço do seu elevador que eu tento não cair. Eu vou continuar tentando. Me equilibrar nesse meio fio. Essa linha tênue entre o meu melhor e o meu pior. Eu sei que riem de mim. Pessoas assim, como eu, são consideradas ultrapassadas. Otimistas decadentes, idiotas. Cretinos, imbecis, ignorantes. Ah a ignorância. Se soubéssemos reconhecer o seu valor. As pessoas se irritam com bom humor. Eu tento diariamente estabelecer relações. Nem que sejam entre uma mão e outra. Se apertando com força. Eu fracasso muitas vezes. Nós fracassamos. Mas tem alguma coisa em mim que tenta reaprender a sensação do primeiro vôo. Todos os dias. Vivo num retângulo mediano com limite máximo de 8 pessoas ou 800 quilos. Mas só eu sei que lugar é esse. Só eu sei quanta gente cabe aqui de verdade. Mas todos sempre ultrapassam os limites. Se esmagam. Minha digestão é bem acima da média

para a quantidade de lixo que sou obrigado a engolir diariamente entre um bom dia e outro. Todo dia alguém tenta me colocar no meu lugar. Se eu quisesse, eu poderia mudar de lugar. Mas eu não quero. E no final das contas, vamos todos para o mesmo buraco. Sim, porque, infelizmente, depois do fim é que a igualdade começa. É horizontal, deitamos na horizontal e ficamos ali, até o vermes devorarem toda a carne. Até algum cachorro esfomeado chegar para roer os nossos ossos. As juntas. Mastigar as nossas cartilagens. Eu - eles, nós, - temos dentes afiados. Só precisamos aprender a usar. Mas muitos de nós se contentam em ruminar lamúrias. Todo cachorro esfomeado um dia serra os dentes. Cava um buraco bem fundo, nem que seja para se enterrar. Eu cavei um buraco no peito e enterrei um pássaro, mas eu o enterrei vivo. E ele se debate aqui dentro, todos os dias. Fez um ninho bem em cima do meu fígado, para ver se o que está doente em mim resolve pedir licença e sair. O prédio, esse prédio, tem 9 andares. E um terraço. Com vista para o céu. Para o horizonte. Ou para a avenida principal. Depende do lugar para onde se olha. Depende do dia. Naquele dia, que pode ser hoje, todos, em algum momento, olharam para a avenida. E viram o céu. Ou o inferno.

PARADA 00 - VESTÍBULO

ONDE ESTÃO OS MORTOS QUE NÃO PODEM IR PARA O CÉU E NEM PARA O INFERNO

Luz recortada abre, luz fecha. Todos se aglomeram no quadrado disputado para quem tem pressa de alguma coisa. Falas colidem. Pessoas se espremem como se não se conhecessem. Todos começam a falar ao mesmo tempo. Enquanto isso, O ASCENSORISTA no meio de todos, parado. Engolido. Ele só é visto quando todos saem. É fundamental que aqui se crie um caos sonoro opressor.

- O resultado sai hoje.
- Em dias quentes assim eu me sinto abaixo do nível da terra.
- A moça? Tinha 19 anos.

- *Malígnos? / Como assim? No inferno?*
- *A maioria das pessoas já morreu e não sabe.*
- *Bem nublado aqui dentro, nos últimos anos.*
- *Eles se conectam com qualquer coisa.*
- *Benígnos. / Mas mesmo assim eles parecem zumbis.*
- *Sim. Nos conectamos com qualquer coisa.*
- *É só não abrir os exames. Finja que nada aconteceu.*
- *O tempo está cada vez pior.*
- *Esses cachorros são esquizos. Precisam de mordida.*
- *Está tudo parado aí fora. É a invasão das bicicletas.*
- *A TV ficou ligada o dia todo. No silencioso. Só para ter alguma luz em casa.*
- *(...) Que piada idiota essa. Bem preconceituosa.*
- *O governador sempre manifesta solidariedade a família das vítimas.*
- *Morreram menos de 20. Um exagero falar “chacina”.*
- *Se começarmos a chorar bastante talvez as represas voltem a encher.*
- *Colírio para glaucoma. Para aumentar os cílios.*
- *Os solidários sempre manifestam vítimas a família do governador.*
- *Falar é um ato de coragem. Não é preconceito. É opinião.*
- *Se mandou o nude é porque queria que as pessoas vissem.*
- *Macarrão com molho de costela. No dia das crianças. E de finados.*
- *Você viu a última? Pessoas distribuindo abraços no meio da rua?*
- *Smartphone agora virou um item doméstico. Toda doméstica tem!*
- *Malígnos ou benígnos?*
- *Ainda não consegui ler os exames.*
- *Essas domésticas, diaristas, sei lá o quê, se acham as donas da verdade.*
- *É um tumor mesmo.*

A multidão efêmera se desfaz. Todas as pessoas que estão no centro explodem para as laterais. Saem da gaiola. Enquanto acontece o off do

metrô, Dário continua parado no centro. A cada corte da fala ele tosse um pouco. Até que a tosse o faz engasgar e bater no peito. Ela passa.

OFF FEMININO DO METRÔ

Não obstruam a passagem. Cuidado com a plataforma. Atenção senhores passageiros, o metrô está circulando com velocidade reduzida devido a um acidente. | Observe atentamente o espaço entre o trem e a plataforma. | Os assentos preferenciais são exclusivos para | this is the final station | algo está obstruindo a passagem | embarque pelo lado esquerdo do trem | o metrô está circulando com velocidade | devido a uma falha o metrô está | Cuidado com o espaço entre o vão plataforma. | Velocidade reduzida. Possibilidades reduzidas. | Todos reduzidos.

Dário, o ASCENSORISTA, fala com o off do metrô como se estivesse falando com alguém superior.

ASCENSORISTA

Será que aqui você não pode me deixar em paz? Aqui eu tenho um assento. Aqui nesse retângulo ele é só meu. Eu preciso esquecer. Não foi tão simples assim digerir. A sua voz as vezes me tira do sério. Me faz lembrar de quantas estações ainda faltam.

PARADA 1

AS ALMAS NÃO GRITAM DE DOR; AQUI SÓ PODEM SER OUVIDOS OS SEUS SUSPIROS.

DÁRIO, o ascensorista OLHA NO RELÓGIO, senta num banco alto no canto, ele tem uma caixinha com uns furos na mão. De dentro dela, de vez em quando ouvimos um frágil piar de um pássaro. Ele fala com a caixa. Com o pássaro.

O atraso foi um tanto pequeno pro tamanho da coisa toda que aconteceu. Um corpo que eu nem vi. Ninguém viu. Ninguém vê. A árvore cortada. Você. Mas

aqui a coisa toda não parece nada, assim como eu. Não, eu não sou todo esse pouco assim. Eu ocupo um espaço importante nesse lugar. Eu ocupo um lugar. Esse lugar já é alguma coisa. Já é uma conquista. Você vai ficar orgulhoso de mim. Depois quero ver você ir longe, bem longe. Até sua sombra desaparecer aqui na terra. Quem sabe eu não vou com você.

Entra o ESCRITOR olhando o celular. Durante a fala ele quase não olha para Dário.

ASCENSORISTA

Bom lhe ver assim. Cedo. Disposto. Estou torcendo.

ESCRITOR

Mais cedo do que eu gostaria.

ASCENSORISTA

É uma chance. Quem sabe dessa vez o senhor |

ESCRITOR

Não tenho chance, tenho oportunidade. E o meu jornal?

ASCENSORISTA

Na portaria.

ESCRITOR

Preciso amadurecer as bananas. Com certeza o jornal já chegou, tão cedo assim? Onde está?

ASCENSORISTA

Na portaria. Tem gente que acorda mais cedo do que a gente. Sempre tem.

ESCRITOR

“A gente“ quem? Que calor hein?

ASCENSORISTA

A gente. A gente, “ eu” . A gente, “ o senhor “ . Tá calor mesmo. E vai piorar. Daí pra pior. Acredite.

Abre a porta do elevador. Ninguém entra.

<i>Espaço elevador</i>	<i>Espaço sonoro (sempre fora da cena)</i>
<p>ASCENSORISTA</p> <p>Eu acredito. E eu já não me incomodo com nada. Ninguém quer sair mais de casa não. Nem eu, nem o senhor, nem a gente. Tá tudo um caos, hoje de manhã mesmo na condução alguém desistiu Acontece sempre, mas sempre todo dia não dá, é demais. Eles escondem essas coisas porque ficam com medo da gente ficar impressionado. Tem muita coisa impressionante que a gente nem percebe. Vai ficando tudo pra trás pra alguém cuidar. Ou passar por cima. O corpo.</p>	<p>A AVÓ QUE CRIA PEIXES</p> <p>Esse menino sempre me apronta dessas, fala que vem e não aparece. Faz mais de três anos que eu estou aqui, esperando, sem sair de casa por mais de dez minutos. Dez minutos no máximo. Eu saio e volto correndo. Corro o quanto as minhas pernas aguentam. Mas parece que todo mundo anda mais rápido do que eu. E eu sempre chego depois. Em cima da hora ou depois. É deprimente. É um vexame atrás do outro. As pessoas estão cada vez mais surdas no meu mundo.</p>

ESCRITOR

Você não me incomoda em nada. Ela melhorou? Ou ainda acha que o filho está cheio de piolhos?

ASCENSORISTA

O que é “melhorar“ pro senhor? Os piolhos ou as contas?

ESCRITOR

Ambas as duas. Você sabia que ambas serve para mais de dois Dário?

ASCENSORISTA

Ambos os três, por exemplo? Você, dona Cleide e Leon, ambos os três são da mesma espécie.

ESCRITOR

Que espécie?

ASCENSORISTA

Uma que se prolifera a cada segundo. Porque você perguntou se dona Corina melhorou? O que é melhorar?

ESCRITOR

Melhorar é não desistir de insistir. Tentar não é Dário? Não é isso o que você faz o tempo todo?

ASCENSORISTA

Insistir? Em quê? Tentar o quê?

ESCRITOR com ironia

E isso aí na sua mão? Você não desiste. Tenta o tempo todo com esses bípedes. Não te faz melhorar cuidar de alguma coisa?

ASCENSORISTA

Eu acredito nos bípedes. Em alguns. Nos pássaros. Pode parecer idiota. Mas ele não estava morto, só ficou pasmado com a queda. Com a árvore. A casa no chão. Eu já contei mas vou contar de novo. Porque como sempre o senhor não deve lembrar. O senhor tem o hábito de esquecer o que eu lembro todos os dias.

ESCRITOR

Não é por mal. Mas você não pode pegar tudo o que vê pela frente. Uma hora você não dá conta. Vamos lá. Mais um dia dos infernos. Ah, lembrei da sua história. Do pássaro. Você só fala nisso. Prometo não esquecer de novo. Se eu esquecer, você me lembra. Tentar, tentar. Insistir. Insistir. Insistir.

Sai o ESCRITOR.

DÁRIO sai do elevador. Ouvimos um som dele tossindo fora, passa mal, como um princípio de vômito. Antes que ele volte entra a SENHORA FINA, fica de costas mexendo no cabelo.

SENHORA FINA entra se abanando

Deviam proibir cachorro no prédio. Eles mordem, rosnam imbecilmente. Eles tiram cada pedaço que se fosse vendido no mercado da esquina, sairia pelos olhos da cara. Olha só o cheiro desse elevador. E no calor, as pulgas tostam,

fritam, saltam na gente. Na próxima reunião eu vou fazer uma reclamação. Essa gente deve estar gastando água a rodo pra lavar esses fedidos. Água custa caro.

ASCENSORISTA entra correndo.

Os maior cão que vive aqui é o cão do seu filho. | Desce Dona Cleide?

SENHORA FINA enquanto ASCENSORISTA entra

Aperta o andar do Túlio. Ele não está lá não, né? E você, resolveu sair de férias no meio do expediente? Foi dar uma volta de bicicleta pelo corredor? Pela ciclofaixa. Aposto que você tem uma bicicleta. A ciclofaixa vai até a zona que você mora? Anda Dário, enfia o dedo nesse botão logo. Acabei de fazer as unhas. Aperta pra mim, anda.

ASCENSORISTA

Ele não pára mais em casa. Acabou de sair. Por pouco vocês não se cruzaram.

SENHORA FINA

Quem cruza é bicho. A gente se tromba mesmo. Esse aí... já, já aparece com alguma amiga do Leon. Esses malditos não tem um pingão de vergonha na cara. São homens mas parecem uns moleques. O que aconteceu na frente do prédio?

ASCENSORISTA

Caiu uma árvore. Está lá estirada. Seu Túlio saiu pela porta da frente, todo perfumado. Cabelo cortado, roupa passada. Lenço no bolso. Hábito de hortelã. Deve estar aproveitando as férias sem fim que tirou.

SENHORA FINA

Demissão não é "summer holiday". Bom, só vou lá mesmo porque (*late um pouco*) estamos pensando na reforma do quarto do Leon juntos. No final das contas, filho serve pra isso. Maldita hora que fui parir um com um escritor. (*late de novo*) Dividir a vida com gente que gosta de escrever é uma desgraça. Eles ficam te olhando. Tentando tirar a coisa mais idiota que você tem para transformar em qualquer coisa que achem interessante. Eles acham que qualquer bobagem pode dar uma boa história. Eu por exemplo, o Túlio

achava que não querer amamentar o Leon era um tema para um conto. Passou seis meses me perguntando um monte de bobagens e eu só não queria que meus peitos caíssem. Simples assim! As pessoas dramatizam tudo. Amamentação é coisa de brasileiro, tupiniquim pobre. Essas campanhas só existem aqui porque tem um monte de mãe miserável espalhada por aí. Acho o fim da picada essas mulheres no meio da rua com a teta pra fora. O que que é isso? Nem índio defende tanto isso. E para o Tulio. ir contra isso daria uma boa história. (Late de novo) Mas ele nunca conseguiu acabar. Você, pode exemplo, se olhe bem ali naquele espelho e pense, com certeza ele já deve ter em casa alguma folha impressa sobre a vida de alguém que, alguém assim. Nunca mais na minha vida eu quero sobreviver no meio de tanto livro, tanta gente morta, tanta coisa inútil. Aliás, tem uma porção de livros lá em casa, se o senhor quiser pegar pra fazer alguma coisa. Alguma coisa que preste, né? Antes de ir, passe um pano nesse elevador. Está com um cheiro péssimo. São esses cachorros cretinos.

ASCENSORISTA

O elevador de serviço está parado. Caiu uma árvore na frente do prédio. A senhora podia latir um pouco mais baixo? E pode me dar um minutinho para ir ao banheiro? Será que vou precisar lhe prender aqui na grade? Sem rosnar hein Dona Cleide, sem rosnar.

Ela ri.

SENHORA FINA

Como você é divertido. Dou o tempo que você quiser pra ir no banheiro. Quer que segure a porta também?

ASCENSORISTA

Trinta segundos.

SENHORA FINA *olhando no relógio.*

1,2,3,4...5,6,7,8... 9,10,11...deve comer tanta porcaria por aí, 12,13,14,15.. Esses quilos aqui perto são nojentos. Aquele cheiro de feijoada que sobe pelo vão central me dá ânsia só de pensar...16,17,18,19,20,21...

ASCENSORISTA

Não é a comida não Dona Cleide, eu trago marmita. Eu preparo a minha marmita. O portão da garagem não está abrindo. Eles ainda não vieram retirar o corpo.

SENHORA FINA

O corpo?

ASCENSORISTA

A árvore.

SENHORA FINA

Caiu?

ASCENSORISTA

Quebrou o pescoço.

SENHORA FINA

Você está alucinando? Ao invés de ficar comendo imundície pela rua, passa lá em casa. A comida é descente.

ASCENSORISTA

Eu trago | A comida | Descente? Não sei. O que é descente para a senhora?

SENHORA FINA

“Traz marmita” Já sei. Sempre sobra comida lá em casa. Tô comendo bem pouco. E de um dia pro outro não estraga. É bem equilibrada. Sem glúten, sem lactose. Tudo orgânico. Depois da cirurgia eu mudei toda a minha alimentação. Carne, no more. Sangue me dá vertigem.

ASCENSORISTA

Gosto de coisa simples. | Ficou alguma cicatriz?

SENHORA FINA

Eles me deram uma cicatriz e eu deixei um peito meu lá em troca. Parece uma centopeia. Ah, e quanto a comida, você tem razão, talvez você estranhe e te faça até mal. Não tem tempero quase. Vocês gostam de coisa “beeeem” temperada né? Meu avisa quando liberarem a passagem. Quando removerem a coisa. Tenho uns exames pra fazer.

Espaço elevador	Espaço sonoro
<p>ASCENSORISTA Quantas vezes a senhora olha pra sua sombra?</p>	<p>O ASPIRANTE A SKATISTA Volta aqui Zenão, morde essa mina aqui.</p>
<p>SENHORA FINA Que pergunta sem sentido é essa?</p>	<p>No rabo! <i>Latidos.</i></p>
<p>ASCENSORISTA Porque as pessoas tem mania de responder uma pergunta com uma outra pergunta?</p>	<p>A GAROTA DA INTERNET Vou socar sua cara imbecil. Vou te morder até arrancar o pedaço.</p>
<p>SENHORA FINA Não deixa o Leon entrar com esse animal aqui. (Ela grita) Leon, pela escada!</p>	<p>O ASPIRANTE A SKATISTA Assim eu vou cair de quatro. A GAROTA DA INTERNET</p>
<p>ASCENSORISTA Os cachorros sempre se parecem com o dono.</p>	<p>Isso você já faz o dia todo tentando se equilibrar nessa merda desse skate!</p>
<p>SENHORA FINA Qualquer bicho.</p>	<p>O ASPIRANTE A SKATISTA o mãe</p>
<p>ASCENSORISTA Os seus sempre morrem. Me desculpe, tenho ânsia. Preciso ir </p>	<p>sai do elevador então! A GAROTA DA INTERNET E O ASPIRANTE A SKATISTA riem até</p>
<p>SENHORA FINA Viu meus dentes novos, coloquei lente! (rosna)</p>	<p>começarem a latir.</p>

SENHORA FINA sai falando, o som do salto dos seus sapatos é bem alto. Sempre. **O ASCENSORISTA** ensaia sair mas volta atrás.

PARADA 2

OS QUE BLASFEMAM SÃO ATORMENTADOS E ARREBATADOS POR UM FURACÃO E TURBILHÕES DE VENTO QUE NÃO PARAM NUNCA

Espaço sonoro

AVÓ QUE CRIA PEIXES meu casaco, inferno, esses casacos tinham que nascer pregados na gente! Qualquer janela aberta e lá se vão. O vento bagunça tudo. Casacos e guarda-chuvas deviam ser obrigatoriamente uma extensão dos seres humanos, pelo menos dos mais velhos! Se você não consegue nem carregar o seu próprio guarda-chuvas, melhor ir.

ASCENSORISTA pega a caixa, tira um punhado de minhocas e coloca dentro dela.

Vê se você consegue engolir isso. Tenta devagar. Se voltar não tem problema. É normal, você ainda está se recuperando. Se recuperar de uma queda dessas não é fácil.

SÍNDICO FAZ ANOS entra com uma pilha de pastas na mão.

Faz um favor, entrega isso na casa da Diva, pede pra ela assinar e fazer observações. Assinar não é rabiscar. E nem dar autógrafo. Não precisa beijar. É só escrever o nome aqui nesse "X". Nome de gente, não nome artístico. Isso é documento, não dedicatória pra fã. O único fá que ela tem aqui é você. Da última vez eu mal conseguia entender as coisas que ela escreveu. Eu tô no meu limite. Com a corda no pescoço Dário. Esse condomínio estagnou e eu afundei junto. Como se o problema da garagem fosse meu! O prédio é velho. Ninguém quer fazer rodízio de vagas. As pessoas só querem pensar no seu. E agora as pastilhas começaram a cair. Imagina se cai na cabeça de alguém? Vai sobrar pra quem Dário? O pessoal já passou até abaixo assinado. Se eu perder esse cargo sei lá o que vai ser de mim. Eu não sei fazer outra coisa. Faz anos que eu só faço isso.

ASCENSORISTA

Todo mundo sabe fazer mais do que uma coisa. Tem vaga de zelador no prédio aqui do lado.

SÍNDICO FAZ ANOS

Olha bem pra minha cara e me diz se eu tenho cara de zelador? Se eu tenho pinta de zelador! Me poupe. Não me formei pra morar num quatinho emprestado no prédio.

ASCENSORISTA

O senhor me dá licença um pouco. Comi algo que não me fez bem. Preciso vomitar.

ASCENSORISTA sai tossindo muito. Ele não demora mais do que 5 segundos. Enquanto isso **SÍNDICO FAZ ANOS** olha o que tem na caixa. **ASCENSORISTA** volta correndo. Entra e tropeça na caixa. O pássaro começa a piar bastante.

SÍNDICO FAZ ANOS oferece uma água.

Toma. Escuta. Não foi nem uma nem duas nem três vezes que eu te pedi pra não trazer esses bichos pra cá pra dentro. Eu até gosto deles. De verdade. Mas tem gente que não gosta. Aqui dentro não-tem-lugar-para-bicho!

ASCENSORISTA bebe a água de devolve a garrafa

SÍNDICO FAZ ANOS engasga

Fica pra você.

ASCENSORISTA

Já vi muitos por aqui. Preguiça. Cachorro. Lontra. Peixe morto. Vaca e alguns cavalos. Dia desses teve uma corrida de cavalos aqui dentro. Eu apostei no do 3º andar.

SÍNDICO FAZ ANOS engasga

Corrida de cavalos?

ASCENSORISTA

Eu levo as pastas. O senhor aposta em quem?

SÍNDICO FAZ ANOS

Eu poderia até me oferecer para levar seu bicho. O que você falou sobre os cavalos?

ASCENSORISTA

Pássaro.

SÍNDICO FAZ ANOS

Você disse cavalos, corrida de cavalos.

ASCENSORISTA

Eram os homens saindo do elevador com pressa.

SÍNDICO FAZ ANOS

Você apostou em algum?

ASCENSORISTA

Praquê? Eles iam tropeçar uns nos outros logo adiante. Eu estava com as mãos ocupadas. O pássaro estirado nos trilhos.

SÍNDICO FAZ ANOS

Nos trilhos?

ASCENSORISTA

No chão. É essa ânsia de vômito que tem me atormentado. E hoje está de um jeito que eu nunca vi.

SÍNDICO FAZ ANOS

Eu até lá poderia me oferecer para levar seu bicho pássaro pra casa. Mas tenho medo do povo chegar pra jogar a noite e acabar pisando nele. Os caras chegaram pra remover a árvore?

ASCENSORISTA

Não, está lá estirada no chão. Talvez tenha que passar a noite aí. Por causa da manifestação. Está tudo meio interdito. O bichinho estava nela, morando. Foi sorte ouvir o piado. A gente quase não escuta nada nessa confusão. Ele tá acostumado. De pancada esse aqui não morre mais. De pancada a gente não morre mais.

<i>Espaço Elevador</i>	<i>Espaço sonoro</i>
------------------------	----------------------

ASCENSORISTA *arranca umas folhas da pasta e forra a caixa.*

Pode cagar a vontade, encher de merda. Esse bando de papel que não serve pra nada, nem pra rascunho de autógrafo da Dona Diva. Nem pra limpar cocô de cavalo de bandido. Nem pra limpar merda da mosca que caga no cocô do cavalo do bandido.

A CANTORA DE CHURRASCARIA

Segura a porta pra mim!

SÍNDICO FAZ ANOS

Ô, não foge não, preciso falar com você.

A CANTORA DE CHURRASCARIA

Então segura a porcaria da porta pra mim!

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Tô tentando sair de casa faz uma hora. Esqueci o casaco. O guarda-chuvas. A lista de compras. Os grampos. O celular. A sacolinha do mercado, porque agora nem as duas mais eles dão. Custa caro. Eu acho isso um abuso. Esqueci o peixe. Depois nem lembrava mais pra que eu ia sair. Um inferno. O peixe, a sacola, o aquário, a ração. O filho. As contas. Os piolhos.

Volta O SÍNDICO FAZ ANOS, entra a CANTORA DE CHURRASCARIA

SÍNDICO FAZ ANOS

Diva, as patas.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Patas?

SÍNDICO FAZ ANOS

Patas não, pastas. Tá tudo aí. Que cara é essa?

CANTORA DE CHURRASCARIA

Ressaca. Atropelamento. Coma financeiro. Fêmur removido. Coração fraturado. Amnésia alcóolica. Náusea afetiva. Abstinência amorosa.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Você devia parar de beber.

CANTORA DE CHURRASCARIA

E você, ou melhor, a se-nho-ra, devia parar de falar. Parar de lembrar foi uma dádiva. Agora é só parar de falar. Parar de andar. De sair. De encher o meu saco!

SÍNDICO FAZ ANOS

Diva, que estupidez.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Ninguém paga as minhas contas aqui, paga? A senhora paga Dona Corina? Não né, nem as do seu filho a senhora pagou, vai pagar as minhas? E ninguém fala nada. E aí um belo dia eu quero ver. Vou fazer ir tudo pelos ares também. E aí eu quero ver quem vai recolher meus miolos no tapete. Aliás, não vou fazer isso não, nunca! Não esperem isso de mim. Minha estupidez é querer viver. Insistir nessa estupidez. Estupidez? Era sobre isso que estávamos falando? O que é estupidez mesmo?

ASCENSORISTA pegando a caixa com o pássaro

Calma. Cuidado aqui, não vão pisar. Tem um ser vivo aqui dentro.

AVÓ QUE CRIA PEIXES aponta com a cabeça para a CANTORA

Por isso é que canta nesses pulgueiros essa daí. Coração de pedra.

CANTORA DE CHURRASCARIA

De ouro. De ouro dona Corina. Porque esse (bate no peito) aqui é sucesso de público e de vendas.

SÍNDICO FAZ ANOS para a A AVÓ QUE CRIA PEIXES

Seu filho tem vindo aí?

SÍNDICO, ASCENSORISTA E CANTORA se entreolham

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Tem vindo aos domingos. Que dizer, um domingo sim, um domingo não. Que dizer, de quinze em quinze dias. Quer dizer, não lembro a última vez que ele veio. Talvez ele não venha mais. Mas ele não confirmou ainda. Então eu vou continuar esperando.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Faz mais tempo do que isso que não vejo ele aqui. Faz quanto tempo que você não vê ele por aqui Dário?

ASCENSORISTA

Vão descer aonde?

CANTORA DE CHURRASCARIA

Já desci no meu limite ontem. Bebi igual a uma porca. Trepei como uma condenada. E quando me perguntaram se eu queria fazer um último pedido eu respondi, quero carne humana e amor. Resultado (mostra o lábio inferior) uma boca estourada.

SÍNDICO FAZ ANOS

O ventilador quebrou?

ASCENSORISTA

Faz anos. Funciona de quinze em quinze dias. Não lembro da última vez que ele funcionou. Fizeram um serviço de porco aqui. Já está na hora de retirar esse corpo daqui de dentro. Ele não se move mais. Não serve pra nada.

SÍNDICO FAZ ANOS

Brigou com um gato Diva?

CANTORA DE CHURRASCARIA

Fui nocauteada pela herpes. Pelo stress. Pela gastrite. Pelo bruxismo. Pela insônia.

SÍNDICO FAZ ANOS

Praticamente uma gangue.

CANTORA DE CHURRASCARIA

E seus peixes Corina? Tem vivido mais ou não tem durado muito? Até que eles estão durando hein? Na sua mão, um dia vale por uma eternidade.

ASCENSORISTA

Vão descer onde?

O pássaro começa a piar. ASCENSORISTA pega a caixa e sai do elevador. Ouvimos ele tossindo muito e o pássaro piando. Enquanto

isso os outros páram, olham para o teto. O SÍNDICO sobe no banco, verifica o ventilador, cai. A CANTORA DE CHURRASCARIA pega as pastas e sai. O SÍNDICO FAZ ANOS levanta.

Espaço sonoro	Espaço sonoro
ASCENSORISTA Quieto, senão eu não vou te trazer mais. Você teve sorte. Se continuar assim vou ter que te engolir também. Não faz isso comigo, por favor, de novo não. Não me testa. E se você voar vai ser muito bom, para todos nós.	A SENHORA FINA Leon, eu vou mandar matar esse teu cachorro. O você amarra essa fuça dele agora ou vocês dois vão acabar de quatro lambendo o chão do parque. Tira ele daí! O sofá está imundo de sangue. E sangue não sai fácil.

ASCENSORISTA volta

Seu Túlio, já que o senhor ofereceu, acho melhor deixar ele na sua casa quietinho. Na hora de ir embora eu passo lá e pego.

SÍNDICO FAZ ANOS

Ofereci? Não lembro. Faz assim. Tô de saída. Mas não demoro. Vou deixar ele ali num cantinho na garagem, perto das bicicletas. Isso ainda vai te trazer problemas. Você tem sorte que sou seu amigo. Sou seu amigo e sou síndico. Sou seu amigo, sou síndico e muito tolerante. Só não digo que sou bonzinho porque bonzinho é quase sinônimo de retardado hoje em dia. Generosidade tá ficando "demodê".

Pausa. ASCENSORISTA abre a caixa, olha. Olha para o síndico.

SÍNDICO FAZ ANOS

Que cara é essa Dário? Anda querido. Anda que não é todo dia que eu crio coragem pra enfrentar o mundo não. Volta e meia eu vejo um dos meus tomando uma "skeitada" no lóbulo frontal. Depois vira notícia de jornal pra amadurecer as bananas do Túlio. E só. Aquele ali é só ele, ele, ele e ele. O filho tá virando um monstrinho. Armado ele já tá, ou você acha que ele anda

com aquele skate no braço pra cima e pra baixo pra quê? Nem tentar subir no troço ele tenta.

ASCENSORISTA olhando o pássaro na caixa

Tô achando que ele não quer ir. Não quer sair da caixa.

SÍNDICO FAZ ANOS

Ninguém que sair da caixa Dário, mas tem que sair, anda, me dá esse troço logo aqui. Bicho não tem querer não. Só gato, mas gato não é bicho, é uma evolução da existência racional no planeta. Não foi a tôa que o meu gato saiu de mansinho sem pedir licença. Ele sabe, quer dizer, sabia que eu sempre odiei despedidas. Mas eu já vou buscar outro. Não vou nem deixar a caminha dele esfriar. E não quero mais falar nisso, tá muito recente.

ASCENSORISTA

Foi ontem.

SÍNDICO FAZ ANOS

Mas parece que foi hoje porque eu ainda não dormi. Aliás, se o rapaz da tela vier enquanto eu estiver fora, pede pra ele esperar um pouco. Não quero passar nem mais um dia sem tela naquelas janelas.

ASCENSORISTA

Não sacode muito a caixa que ele tem medo.

SÍNDICO FAZ ANOS

Medo?

ASCENSORISTA

Medo. O senhor não tem medo?

SÍNDICO FAZ ANOS

Vamos Dário, chega de devanear. Estou com pressa. Na volta eu levo ele lá pra casa então. Mas vou deixar na garagem enquanto isso. Deixa a porta um pouco aberta. Isso aqui está um forno.

ASCENSORISTA

Acho que ele conseguiu dormir um pouco.

SÍNDICO FAZ ANOS PEGA A CAIXA e leva.

PARADA 03

O PRAZER SOLITÁRIO DA GULA É AMPLIADO NO INFERNO, ONDE ESTES ESTÃO SOLITÁRIOS NA LAMA, SEM FALAR COM SEUS VIZINHOS. EM VIDA O PRAZER E O CONFORTO DE COMER ALEGREMENTE ALÉM DOS LIMITES É O DESCONFORTO DE UMA DOLOROSA CHUVA GELADA.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Será que a loja ainda tá aberta? Que horas são? Você devia levar seu bicho lá.

ASCENSORISTA

É cedo ainda. Eles entregam em casa se a senhora precisar de alguma coisa.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Esqueci de tomar o remédio. Deu a hora. Inferno. Eles entregam em casa? Tudo o que a gente precisa? Será que tem o shampoo de cachorro? Ouvi dizer que é ótimo para os piolhos.

Silêncio.

ASCENSORISTA

A senhora lembra se seu filho vem esse final de semana?

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Ele fala que vem mas nunca vem. Faz três finais de semana que preparo aquele macarrão com molho de costela que ele gosta e ele não vem. Ele pensa que não dá trabalho pra fazer. Abre a massa, quebra ovo, sova, sova, sova. Estica no cabo da vassoura, passa na máquina. Gruda tudo. Um desperdício. E minha máquina é manual. Odeio essas tecnológicas. Pendura, deixa secar. E o molho? Tem que deixar a cebola fritar bem fritinha até queimar o fundo da panela. Depois pra ariar o fundo da panela é uma maldição. Por isso que faz anos que não faço as unhas. Pra quê? Pra quem? Eu tinha uma manicure que chamava Nazaré, era padroeira da cidade dela. Uma vez ela me contou. Que saiu cedo de casa porque ficou grávida. Filho é

assim. Esfrega, esfrega, esfrega. Tá sobrando macarrão todo final de semana. Passa lá no sábado se ele não vier. Aliás, se ele não vier e o senhor tiver um tempinho, o senhor almoça e depois, se estiver disposto, aria as panelas pra mim. Eu aproveito e te dou umas coisinhas que eram dele.

ASCENSORISTA

O cheirinho é muito bom. Sábado eu faço questão de parar no seu andar só para sentir o cheiro e ficar vendo a senhora lá sentada sozinha. Dá pra ver direitinho pelo seu balancim. Consigo ver seu aquário. Seu peixe estufado. Seu cacto e senhora com aquela luz amarela na cabeça. Cadavérica. Quem me ensinou essa palavra foi seu Túlio e eu gostei. Dá pra falar mostrando bem os dentes. Depois a senhora devia experimentar na frente do espelho. Ele tem um livro que o nome é “Uma Cadavérica de Cada Vez”. Não, não era isso que eu queria dizer. Eu quis dizer que sábado eu aproveito e passo na sua porta para sentir o cheiro da sua comida. E fico com pena de pensar que a senhora espera seu filho todo domingo. E não lembra de nada. Não sei o que é pior, lembrar ou deixar o esquecimento levar embora. A senhora não lembra. Ou finge que esqueceu. E só estou falando isso porque a senhora vai esquecer. Ou fingir.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Sua esposa cozinha?

ASCENSORISTA

Cozinhava bem. Uma coisa! Quando os meninos eram pequenos, todo domingo. | Essa eu não consigo deixar ir. Eu falo dos outros, mas sou igual.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Tem diferença sim. Somos bem diferentes.

ASCENSORISTA

Tem diferença sim. Eu sei o que eu sinto. Eu sei o que a senhora sente. E a senhora também sabe o que a senhora sente. A senhora sabe.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Quanta senhora.

ASCENSORISTA

Poisé. Quanto senhor, senhora, seu, sua, dono, dona. Só aí já dá mais de 800 quilos. Eu. Eu. Eu. Tu e nós que é bom, nada. Lhe sujei?

A AVÓ QUE CRIA PEIXES pega o casaco, joga no chão e limpa enquanto acontece o off feminino do metrô.

OFF FEMININO DO METRÔ

Não obstrua a passagem. Respeite o fluxo. Deixe sair para depois entrar. Os assentos reservados são exclusivos. Cuidado com o vão entre você e o próximo. Entre o trem e a plataforma. Próxima estação.

Dário, o ASCENSORISTA, fala com o off do metrô como se estivesse falando com alguém superior.

ASCENSORISTA

Gosto tanto quando você fala pouco e escuta mais.

PARADA 4

AQUI ESTÃO OS PRÓDIGOS E AVARENTOS. RIQUEZAS MATERIAIS SE TRANSFORMARAM EM GRANDES PESOS E OFENSAS

Espaço elevador. (a ação continua)	Espaço sonoro (nesse caso eles se atropelam)
------------------------------------	--

A MENINA DA INTERNET Como você é ridículo Leon!

O ASPIRANTE A SKATISTA

Ridícula é você que não sabe nem disfarçar as merdas que você faz.

A MENINA DA INTERNET Tá com ciúmes é?

O ASPIRANTE A SKATISTA De você? Tá pra nascer mulher que vai me fazer sentir ciúmes, sua escrota

A MENINA DA INTERNET Escroto é você que fica bisbilhotando as minhas coisas, ué? Sou sua namorada? Não sou né? Então pronto, engole essa! Vai vasculhar o lixo do caralho!

O ASPIRANTE A SKATISTA É, é bem de caralho mesmo que você gosta.

A MENINA DA INTERNET Olha, você pode estar completamente enganado sobre mim. Deve ter acessado o meu perfil fake. Se fosse pra escolher entre boceta e caralho eu acho que preferia a primeira opção. Mas por enquanto não tô com pressa pra escolher não.

O ASPIRANTE A SKATISTA E o que você tá fazendo aqui então? Quer a grana dos meus pais sua pilantra, apostó.

A MENINA DA INTERNET Carência

AVÓ QUE CRIA PEIXES E O ASCENSORISTA se olham

A AVÓ QUE CRIA PEIXES

Ainda bem que não é meu neto esse brutamontes.

ASCENSORISTA

Amar é violento.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

E porque essa aliança aí? Uma confirmação da violência?

ASCENSORISTA

Dizem que a pessoa só morre quando a gente morre | Posso usar o seu banheiro um minuto? Preciso me limpar. Acabei sujando a roupa de vômito.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Esses uniformes são caros.

ASCENSORISTA

Eu sei. Eu manchei um e foi descontado do meu salário. Não dá nem pra fingir que eu esqueci. Foi caro.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Não pode descuidar.

ASCENSORISTA

Foi limpando a sua casa. Limpando o sangue. Podia ter sido de outro jeito. Mas seu filho foi corajoso. Eu no lugar dele, sei lá.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Dever não é fácil.

ASCENSORISTA

O meu dever também não é.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Eu não disse isso. Vai chegando final do ano e eu. Que dia é hoje?

ASCENSORISTA

Não sei. Mas hoje eu acordei com a cama toda vomitada. Tive um pesadelo. Parecia um sonho, mas no final era um pesadelo.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Deixa eu correr antes que feche o pet. Não esquece de limpar direito essa sujeira depois. Gosto de entrar no elevador e me ver refletida no chão. As vezes eu não resisto e ando com o pano de chão nos pés por toda a casa. Para ver se sai tudo lá de dentro. Eu via ele pra lá e pra cá coçando a cabeça. Cada conta era um piolho. Até que a cabeça não aguentou. E agora esse apartamento que eu queria deixar pros netos não me servem pra nada. Eu e essa minha cabeça. A gente sempre demora demais. Dia de Finados eu fico esgotada de tanto esfregar aquele chão. Mesmo usando as meias que ele me deu. Elas comprimem tudo. Menos a saudade.

AVÓ QUE CRIA PEIXES sai

PARADA 5

OS RANCOROSOS QUE NUNCA DEMONSTRARAM SUA IRA; ELES NÃO PODEM SUBIR À SUPERFÍCIE E FICAM NA LAMA DO FUNDO DO RIO, SOLTANDO AS BOLHAS QUE SE VEEM NA SUPERFÍCIE

Entra A MENINA DA INTERNET e o ASPIRANTE A SKATISTA

MENINA DA INTERNET

Você se acha né Leon? Igualzinho a sua mãe.

ASPIRANTE A SKATISTA

Não fala mal da minha mãe. Senão vou descer a lenha na sua. Ah, você não tem mãe né? Esqueci. Deve ser por isso que é assim, folgada.

MENINA DA INTERNET

Cê já lavou um banheiro Leon?

ASPIRANTE A SKATISTA

Olha as merdas que você me pergunta garota!? *(pra Dário)* Meu pai desceu?

ASCENSORISTA

Tá caminhando. Dando voltas no quarteirão. Disse que não vai subir enquanto sua mãe não descer. Vão subir ou descer?

ASPIRANTE A SKATISTA

Descer. Uma hora os dois se trombam. Se ele passar aqui fala que vou deixar a chave da minha lá de casa na portaria. Ele vai lá pegar uns livros.

ASCENSORISTA

Ele quem?

ASPIRANTE A SKATISTA

Meu pai Dário. Ficou surdo?

MENINA DA INTERNET

Tudo bem com o senhor?

ASPIRANTE A SKATISTA

Garota, tô atrasado pra merda do trabalho. Cê vai ou não vai comigo!? Merda de calor do caralho. E essa veada dessa síndica não conserta esse ventilador. Deve gastar todo dinheiro do condomínio em depilação.

ASPIRANTE A SKATISTA tira a camisa e está todo mordido.

MENINA DA INTERNET

Tudo bem com o senhor?

ASPIRANTE A SKATISTA

Tá surda ô débil mental? Não posso bombar nessa matéria senão eu não viajo final do ano!

MENINA DA INTERNET

Se enxerga imbecil! Vai lavar sua cueca, passar pano num chão, carregar uma bandeja. Tudo bom seu Dário!? Seu Dário, o senhor tá bem?

ASCENSORISTA

Tô um pouco doente. Refluxo. Talvez eu vomite em vocês a qualquer momento. Se eu abrir a boca, por favor, saiam da frente. É incontrolável. Tem pedaço de tudo no meio. Até de vocês.

O ASPIRANTE A SKATISTA

Ih, minha mãe tem essa pôrra. As vezes passa a madrugada toda vomitando. Chego no banheiro e parece que rolou uma cena do exorcista lá dentro.

MENINA DA INTERNET

O senhor já foi ao médico?

ASCENSORISTA

Já. Faz um tempo. Mas o tratamento que ele me passou não está adiantando muito. Eu preciso dos outros pra melhorar. Vocês podem segurar a porta um minuto só para eu ir ao banheiro?

MENINA DA INTERNET

Vai lá.

ASPIRANTE A SKATISTA

Ué, cê não tava morta de pressa pra sair fora? Puta de uma mentirosa você garota! Mas sabe o que eu gosto em você? Cê é mandona. Tipo minha mãe. Tem mau humor mas tem humor. Sabe? Fico te imaginando velha, uma mala. Velho já é foda. Velho e mala então. Cê vai me ajudar a dissecar o lance? Cê é frouxa mesmo.

MENINA DA INTERNET

Vai lá seu Dário.

Ele sai.

ASPIRANTE A SKATISTA

Mano, se eu não fosse tão paciente já tinha te dado umas. Cê vai me ajudar a dissecar o lance ou não vai?

MENINA DA INTERNET

Experimenta levantar a mão pra mim que eu te mato. Meu, cê é igualzinho ou pior que tua mãe. A fruta não cai longe do pé mesmo. Velha louca. Teu pai foi guerreiro hein?! Se fosse eu tinha sufocado ela com aquela almofada lá relaxante com cheiro de lavanda. Não foi a tóa que ele teve aquela parada no coração. Cara, na real, nem sei como coube tua mãe dentro do coração dele. Aí rolou isso, ela saiu fora, deixou tudo tão nojento que ele teve o lance.

O ASPIRANTE A SKATISTA

Na boa, fala da sua mãe que eu falo da minha. Meu pai não é esse herói de merda que você pensa não. E teu pai, vou liberar também, já que você “também” não conhece o seu.

PARADA 6

ELES ESTÃO CONFINADOS EM TÚMULOS ABERTOS DE ONDE SAI O FOGO ETERNO

O ASCENSORISTA volta. Eles saem, a CANTORA DE CHURRASCARIA entra.

CANTORA DE CHURRASCARIA acendendo um cigarro.

O ASCENSORISTA

Dona Diva... olha a câmera.

A CANTORA DE CHURRASCARIA olha pra câmera e sorri, solta fumaça

O ASCENSORISTA

Dona Diva... depois sobra pra mim.

A CANTORA DE CHURRASCARIA

Sobra, sobra, sobra, sobra, sobra, sobra. Se sobrar alguma coisa pra você, eu me jogo na frente de um carro. Só tô querendo um motivo. Unzinho sequer. As pessoas estão se acostumando a ver gente atirada. Pode ver. Presta atenção Dário. A gente tropeça nelas e não faz nada. Estamos virando uns zumbis. Por isso as pessoas estão viciadas em zumbis. Cê olha pela rua, tá todo mundo morto. Indo de não sei onde pra não sei onde sem saber porque. Hipnotizados pelos seus magníficos smartphones portadores de aplicativos milagrosos que te garantem charmes e crushes. Não Dário! Com tudo isso, se sobrar pra mim eu vou até agradecer.

O ASCENSORISTA

Não, não quero que sobre pra senhora também.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Ué, em todo lugar que a gente vai eles pedem “sorria, você está sendo filmado”. Pelo menos elas, as câmeras de segurança, pelo menos aqui alguém quer me filmar. Me pedir um autógrafo. Guarda o meu autógrafo hein!

Um dia ele vai valer muito. Ou então limpa a bunda com ele quando acabar o papel. Por falar nisso, a água voltou?

ASCENSORISTA

Eu fui no banheiro e a descarga ainda estava funcionando. Mas não tinha papel mesmo.

CANTORA DE CHURRASCARIA cantarola brevemente, a canção que lhe vier.

Usou o autógrafo? Aposto.

ASCENSORISTA

Vou esperar mais um pouco. Quem sabe a senhora não fica famosa.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Senso de humor é tudo na vida.

O ASCENSORISTA

Amor é tudo na vida.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Que clichê.

O ASCENSORISTA

Amor é tudo na vida. Pra quem tem, é.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Senso de humor é tudo na vida. E bom senso também. Aliás, desculpa não ter te avisado que o show de segunda tinha sido cancelado. Não tinha público pro show. Até tinha, mas quem tava lá não queria pagar couvert. O gerente achou melhor cancelar o show. E deixar as pessoas comendo.

O ASCENSORISTA

Mas eu fui lá.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Mas o seu era cortesia. Eles não consideram cortesia. Desculpa mesmo.

ASCENSORISTA começa a passar mal e quase vomitar

Perdão. Eu quase vomitei no seu pé. Eu quase não consegui controlar. Eu não estou bem. Eu quase não estou conseguindo engolir coisas desse tipo. Tudo me faz passar mal aqui. São ácidos demais.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Que tipo?

De longe ouvimos O ESCRITOR DESEMPREGADO gritar

Segura, segura.

O ASCENSORISTA

Pra onde seu Túlio?

ESCRITOR DESEMPREGADO

Terraço. Quero pegar um ar. Isso aqui tá pior do que o inferno. Não tô aguentando Dário. Tô explodindo.

ASCENSORISTA

Tudo bem?

CANTORA DE CHURRASCARIA

Oi Túlio. Dormiu comigo?

ESCRITOR DESEMPREGADO

Bom dia pra você também. Quer dizer, boa tarde, passou do meio dia?

ASCENSORISTA

Faz tempo.

ESCRITOR DESEMPREGADO

Dário, tem uns livros lá em casa se quiser, passa hoje lá pra pegar.

ASCENSORISTA

Dona Cleide já me ofereceu.

ESCRITOR DESEMPREGADO

Como essa vaca oferece as minhas coisas para você?

ASCENSORISTA

Nossa, nunca vi o senhor falar assim. O problema sou eu?

A CANTORA DE CHURRASCARIA

Dário, toma aqui, esqueci de te dar os vouchers da semana passada.

ASCENSORISTA

Obrigada dona Diva.

ESCRITOR DESEMPREGADO

Obrigada não Dário, obrigado. Embora hoje em dia não tenha merda nenhuma pra agradecer. Neúres.

CANTORA DE CHURRASCARIA entregando dois vouchers a Dário

Dário, não esquece, só vale pra segunda e terça viu? Se cancelar de novo eu te aviso. Aí você aproveita e assiste o show e como alguma coisa. Eu tenho umas permutas. Mas aí no final você me aplaude hein? E aí eu te dou um outro autógrafo. Vai colecionando. Vai colecionando.

ASCENSORISTA

Permuta?

CANTORA DE CHURRASCARIA

É... tipo escambo. A gente troca trabalho por trabalho. Em restaurante vale a pena. Tá tudo tão absurdo. A gente podia pensar num bem bolado desses hein? Dispensei minha diarista. Pensa aí e me propõe alguma coisa. Mas não demora não, pode ser que não dê tempo e você também tenha que recolher meus frangalhos no meu tapete roxo felpudo. Vai ser luxuosamente pop.

A CANTORA DE CHURRASCARIA sai.

ASCENSORISTA

Que cara é essa seu Túlio? O senhor saiu tão disposto.

O ESCRITOR DESEMPREGADO

Essa bosta de cidade acaba com seu humor Dário. Deixei o carro pra não pegar trânsito e o metrô tava parado porque alguém resolveu interditar a merda do trilho bem na hora da minha entrevista. Deixar de insistir, não... isso eu não vou. Ou seja, perdi a bosta da vaga. Mas no fundo não era pra mim. Não quero voltar por esquema firma Dário. Não dou conta, não nasci pra isso. Nasci pra sobreviver do ócio criativo.

ASCENSORISTA

Se era uma bosta, pra que o senhor queria?

ESCRITOR DESEMPREGADO

Ah, qualquer bosta é melhor do que nada. Esse cheiro está insuportável
Dário. Faz alguma coisa.

O ASCENSORISTA

É muita bosta seu Túlio. | Meu esôfago não está aguentando. | Não existe
médico que resolva, eu preciso | por | pra | fora

**O ASCENSORISTA começa a vomitar no chão, agora, ele, vez ou outra
vomita no chão de uma forma que o vômito vai deixando pouco espaço
para as pessoas.**

ESCRITOR DESEMPREGADO

Abre. Abre. Deixa eu sair Dário. Abre essa bosta dessa porta de bosta. Merda
de elevador. Merda de dia.

FALTA LUZ

ESCRITOR DESEMPREGADO grita

Só me faltava essa. Cadê o síndico dessa merda que não se movimenta?

ASCENSORISTA

No terraço.

ESCRITOR DESEMPREGADO

Sozinho?

ASCENSORISTA

Com um buraco no peito.

ESCRITOR DESEMPREGADO

Buraco no peito? Que merda é essa Dário.

ASCENSORISTA

Que o gato dele deixou.

ESCRITOR DESEMPREGADO grita

Se eu fosse ele eu pulava lá de cima. Pôrra! A pôrra da árvore que cai. O portão que não abre. Água? Que merda de condomínio é esse? Se eu pudesse eu pegava o Leon e sumia daqui. **ALGUÉM ABRE ESSE PORTÃO!**

A LUZ VOLTA

ASCENSORISTA

Se eu fosse o senhor fazia isso mesmo. E deixava seus livros todos aí com ela. Vai dar menos trabalho. Ela vai até gostar.

ESCRITOR DESEMPREGADO

Como Dário? Tô desempregado faz um século. Perdi a guarda compartilhada. Hoje era meu limite pra resolver isso e eu fracassei, mais uma vez.

ASCENSORISTA

Mas é importante mesmo levar o seu cachorro?

ESCRITOR DESEMPREGADO

Que pergunta é essa?

ASCENSORISTA

É importante levar seu filho?

PARADA 07

NO FIM DO SEXTO CÍRCULO HÁ UM ALTO PRECIPÍCIO CIRCULAR (DE ONDE VEM UM TERRÍVEL CHEIRO) QUE LEVA AO SÉTIMO CÍRCULO, ONDE ESTÃO OS VIOLENTOS

O ESCRITOR DESEMPREGADO sai CANTORA DE CHURRASCARIA volta.

<i>Espaço elevador</i>	<i>Espaço sonoro</i>
-------------------------------	-----------------------------

<p>ASCENSORISTA</p> <p>Esqueceu alguma coisa?</p> <p>CANTORA DE CHURRASCARIA</p> <p>Esqueci de mim. <i>Ela ri</i></p>	<p>SENHORA FINA</p> <p>Leon, você esqueceu que eu tinha médico?</p> <p>ASPIRANTE A SKATISTA</p> <p>Se até a senhora quer esquecer a sua vida, porque EU vou lembrar, se liga mãe?</p>
---	---

CANTORA DE CHURRASCARIA

Deixei cair meu isqueiro. Acredita? É o nono isqueiro só esse mês. Tudo bem seu Dário?

ASCENSORISTA

(...)

CANTORA DE CHURRASCARIA

Tudo bem seu Dário?

ASCENSORISTA

Tudo bem dona Diva.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Só Diva. Tudo bem seu Dário?

ASCENSORISTA

Quer saber mesmo?

CANTORA DE CHURRASCARIA

Se eu não tivesse milhões de coisas para resolver. Aposto que o senhor deve ter um milhão de coisas para resolver.

ASCENSORISTA

Machucou? O que foi isso nos seus pulsos?

CANTORA DE CHURRASCARIA

Nada de mais. Vai passar. Abstinência amorosa, financeira. Abstinência de delicadeza Dário. Isso é maligno. Sua camisa está do lado do avesso.

ASCENSORISTA

O lado certo está sujo.

CANTORA DE CHURRASCARIA

De quê?

ASCENSORISTA

A senhora não está sentindo o cheiro? De vômito. De sangue. De bosta. De gente. De ácido. Macarrão. Preciso vomitar. A senhora pode segurar a porta?

CANTORA DE CHURRASCARIA

Meus Deus, esqueci meu cigarro! Dário, só um minuto, já volto.

Espaço elevador	Espaço sonoro
-----------------	---------------

CANTORA DE CHURRASCARIA

Tenho pena desse menino.

DÁRIO

Por causa do amor?

CANTORA DE CHURRASCARIA

Por causa da mãe dele.

ASCENSORISTA

Tem umas bolinhas na minha garganta. Elas tem um cheiro podre. Não tem tratamento. Ainda bem que minha mulher foi antes disso. Ia ser bem desagradável. Mas minha enteada arrumou um dentista pra mim. Dos bons.

CANTORA DE CHURRASCARIA

Essa aí é das minhas.

ASCENSORISTA

Seu, meu, minha, sua... que mania cretina a gente tem de querer tudo.

CANTORA DE CHURRASCARIA

É o modo de dizer. Isso é uma bobagem.

ASCENSORISTA

A gente pensa que tudo é uma bobagem.

Os dois escutam a conversa por**ASPIRANTE A SKATISTA**

Eu deveria ter dissecado você.

A MENINA DA INTERNET

Você é um imbecil.

ASPIRANTE A SKATISTA

E você me ama mesmo assim.

MENINA DA INTERNET

Você sabe o que é amor?

O ASPIRANTE A SKATISTA

Claro! Vou dissecar o que é amor pra você.

A MENINA DA INTERNET

Eu devia dissecar seu cérebro. Se bem que... pra que eu vou dissecar uma coisa que não vai me servir pra merda nenhuma. Deixa essa pôrra lá de volta Leon. Larga de ser escroto. Tem vida aí. Quase morto ainda é vivo. O que você vai fazer com isso?

O ASPIRANTE A SKATISTA

Treinar pra aula de anatomia. Dissecar. Cortar ou separar de maneira metódica e organizada. Coisa que você não é nenhum pouco. Tô fazendo um favor. Cê não viu a cara dele?

PARADA 08

Aqui estão os fraudulentos.

Entra A AVÓ QUE CRIA PEIXES falando com um peixinho no saco. O peixe está morto.

Agora a gente vai dar uma voltinha de dez minutos.

ASCENSORISTA

Dona Corina o seu...

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Eu já sei.

ASCENSORISTA

E a senhora não vai fazer nada?

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Nada.

ASCENSORISTA

Porquê?

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Abre a porta eu quero descer. Pro subsolo.

Espaço elevador (Dário e Corina lado a lado, em silêncio)	Espaço sonoro
---	---------------

ASCENSORISTA

Porquê?

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Quero descer Dário.

ASCENSORISTA

Mais?

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Mais.

ASCENSORISTA

Abaixo do subsolo?

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Muito mais do que isso.

ASCENSORISTA

É escuro.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Aqui também é.

ASCENSORISTA

É imundo.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Aqui é pior.

ASCENSORISTA

É melhor morrer primeiro.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

A SENHORA FINA

Que merda é essa Leon? Olha a imundície que você fez na cozinha!

Anda, passa Veja, esfrega essa nojeira. Onde você achou esse formol? Anda seu inútil, lambe esse chão antes que eu te atire daqui de cima! Antes que eu te arranque uns pedaços até chegar no osso.

ASPIRANTE A SKATISTA

Vai a merda mãe, não deixa nem eu estudar direito. Nem de cagar direito. Deixa eu cagar na vida pôrra. Deixa essa bosta toda se espalhar. Merda! Merda! A sua já tá uma merda mesmo. Eu só tô reproduzindo seus gestos de delicadeza. Esse monte de carinho espontâneo.

MENINA DA INTERNET

Tô saindo fora, vocês são bem loucos. Não sei como a carrocinha não catou vocês ainda.

A SENHORA FINA

Leva essa nojeira daqui, aposto que foi você, sua piveta, sua pivete, sua... aposto que foi você que enfiou na cabeça dele essa maluquice.

MENINA DA INTERNET

Seu filho já nasceu esquizofrênico, hora desses tá te dando uns tapas

PARADA 09

O LAGO DAS LAMENTAÇÕES QUE FICA NO CENTRO DA TERRA E É FORMADO PELAS LÁGRIMAS DOS CONDENADOS E PELOS RIOS DO INFERNO QUE NELE DESÁGUAM SEU SANGUE

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Aperta o térreo pra mim.

ASCENSORISTA

Cuidado senhora, cuidado com o piso molhado.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Aperta o térreo pra mim. Sem “por favor” dessa vez porque o senhor não faz mais do que a sua obrigação. Eu tenho um princípio de desmaio toda vez que o condomínio chega na minha casa. É pra quê? Pra nada. O que esse prédio tem de diferente. Você? É isso?

ASCENSORISTA

A senhora não deve estar enxergando ou sentindo direito. Mas seu peixe parou de se mexer.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Não é meu peixe, é meu filho.

ASCENSORISTA

E a senhora vai enterrar ele?

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Que direito eu tenho de enterrar algo que nunca viveu na terra?

ASCENSORISTA

E porque as pessoas que vivem na terra querem ir por céu?

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Que pensamento mais moralista Dário.

ASCENSORISTA

Moralista? Ter fé é ser moralista?

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Com quem você acha que está falando?

ASCENSORISTA

Com uma | com nada do que a senhora está | Comigo! Eu estou falando comigo. Porque falar com vocês é um desperdício.

Importante! A MENINA DA INTERNET se relaciona de outra forma com Dário, ela é a única que conversa com ele verdadeiramente. Ela realmente tenta estabelecer um diálogo com ele.

MENINA DA INTERNET entra correndo no elevador e entrega uma sacola de mercado para ele

Dário, achei melhor ficar com o senhor, pega, pega antes que aquele cretino me alcance. Desculpa seu Dário. Eu não sabia que era seu.

De longe ouvimos o ASPIRANTE A SKATISTA gritar

O sua vaca! Volta aqui. Vou te alcançar lá embaixo.

ASCENSORISTA

Ele tá nervoso. É a mãe. É a mãe dele que faz isso. E o pai sempre no computador. Eles acham que o cachorro resolve. Mas de uns tempos pra cá começou a babar, rosar. Vai acabar doente.

MENINA DA INTERNET insiste com o saco

Toma Dário. O senhor vai saber o que fazer com isso. Senão o Zenão vai detonar. Ele tá faminto. O Leon devorou toda a ração dele.

AVÓ QUE CRIA PEIXES olhando para o saco de supermercado

Onde você conseguiu isso? Eles não estão entregando mais esses sacos. São uns egoístas.

ASCENSORISTA ainda sem olhar o que tem no saco

O que é isso. É a comida que a dona Cleide mandou pra mim?

MENINA DA INTERNET vai ficando aflita

Não sei Dário. Melhor o senhor descer e olhar lá em baixo. Tá uma nojeira essa lugar. Sai daqui, respira um pouco.

ASCENSORISTA

Descer? Mais do que eu desço todos os dias? Eu já desci o máximo que pude hoje Helena.

ASCENSORISTA abre a sacola. Ele começa a vomitar muito. Ele pega o pássaro morto na mão. Ele tira uma agulha e uma linha do bolso e tenta costurar o bicho. Ele vomita o texto enquanto executa essa ação até chegar num limite. Que pode ser:

- um movimento histérico
- costurar o pássaro no corpo
- enterrar o pássaro morto no peito
- ficar imóvel
- apenas costurar com cautela

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Chegou Dário? Que andar é esse?

ASCENSORISTA

É o andar mais baixo que você já foi. Abaixo do subsolo. Na raiz do subterrâneo. Onde seu corpo vai apodrecer.

AVÓ QUE CRIA PEIXES

Me deixa aqui. Eu vou descer. Esses piolhos estão me enlouquecendo. Eles vão me perseguir até eu pagar tudo o que ele devia. E agora eu vou ficar sem ele e sem o dinheiro. Cheia de piolhos.

ASCENSORISTA grita

SAIA DAQUI E VÁ PRO INFERNO.

AVÓ QUE CRIA PEIXES sai

MENINA DA INTERNET

Seu Diário. Eu preciso ir. Eu não tô aguentando de calor. Eu preciso respirar. Aqui eu não consigo. Esse lugar tá me sufocando. Eu tô passando mal.

Enquanto DÁRIO fala, Virna sai devagar do elevador. Pára um pouco fora, observa a sua fala e o deixa sozinho.

DÁRIO

Sai. Sai rápido daqui menina. Sai antes que eu desista de. Desista de. Desista. Antes que eu te amarre aqui com as minhas ânsias. Antes que eu faça com você o mesmo que aquele quadrúpede fez com o meu pássaro. Eu tenho vontade de te estrangular menina. É uma menina. Uma mulher. Sai cadáver. Sai pássaro. Que culpa esse bicho tem? Que culpa eu bicho. Eu bicho. Eu instinto. Sai, sai antes que eu te estraçalhe os ossos ou consiga fazer algo pior. Eu consigo. Eu sou capaz. Pior mesmo. Coisa suja e muito adequada a esse ser que vocês enxergam em mim. Vocês, cheios desse estrabismo. Eu poderia. Eu posso. Eu já tenho o aval. Eu sou humano. Todos somos. Esse calor. Esse calor faz a gente explodir. Derreter. Escorrer. Matar. Imaginar as piores coisas. Violentar. Eu violência. Eu resistência. Eu quadrúpede?! Não, não. É injusto falar isso. Os cães são mais fiéis. Talvez

você seja um pássaro. Mas nós também matamos nossos pássaros, todos os dias. Quando vemos o outro ser degolado e não falamos nada. Os pescoços cortados. Não os pescoços cortados para matar a fome. Cheios daqueles ossinhos que mastigamos e engolimos. Mas esses, cortados e jogados no lixo. Matar o pássaro do outro. É assim que a gente faz o outro perceber. É atropelando suas coisas importantes. Ver o outro fazer e não fazer nada é fazer. Eu não dou conta. Eu tentei. Agora. Podia quitar a dívida desse imbecil comigo. Mas eu não posso. Não posso! Eu tenho que resistir. Tenho que resistir. E a gente? A gente, eu e você juntos! Nós! A gente. Sou um resistente. Sou um resistente. Eu tentei. Não, eu não tentei. Eu tive medo. Medo de mim. De perder o espaço dos meus 80 quilos aqui dentro. Eu tive medo de falar. Eu sou invisível. Não, eu sou de carne, meus ossos pesam. Eu sou um cachorro. Um cachorro que enterrou um pássaro no peito. E ele está morto. Morto dos outros. Vivo de mim.

Voz off metrô

Atenção senhores passageiros com destino

DÁRIO

Vivo de mim.